



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

JOÃO DE ARRUDA CÂMARA RODRIGUES

UMA PEQUENA LONGA JORNADA

FORTALEZA
2023

JOÃO DE ARRUDA CÂMARA RODRIGUES

UMA PEQUENA LONGA JORNADA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Teatro.

Orientador: Dr. Pedro Arnaldo Henriques Serra Pinto

**FORTALEZA
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R613p Rodrigues, João de Arruda Câmara.

Uma pequena longa jornada / João de Arruda Câmara Rodrigues. – 2023.
111 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Teatro, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Pedro Arnaldo Henriques Serra Pinto.

1. Arte. 2. Autobiografia. 3. Educação. 4. Teatro. I. Título.

CDD 792

JOÃO DE ARRUDA CÂMARA RODRIGUES

UMA PEQUENA LONGA JORNADA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Teatro

Aprovado em: 12 de julho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Arnaldo Henriques Serra Pinto (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Gil Brandão Costa
Universidade Federal do Ceará (UFC) – ICA

Prof. Ph.D Francisco Silva Cavalcante Junior
Universidade Federal do Ceará (UFC) - ICA

RECONHECIMENTO AOS/ÀS PROFESSORES (AS)

Dedico este trabalho de finalização de curso de Licenciatura em Teatro a todos os meus (minhas) professores (as), do passado e do presente. Cada um deles durante a minha jornada foi um exemplo de poder transformador. Eles (elas) semearam no meu coração sementes de graça, sabedoria, conhecimento e compaixão. Empoderaram as minhas atitudes, experiências e vivências. Hoje, reverencio cada um (uma) deles (delas) com minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Eu não estaria aqui, se não houvesse aqueles que me antecederam.

Eu não estaria aqui, se não trouxesse comigo a essência da expressão com toques, cheiros, beijos, abraços, suor, dor, excitação e prazer de viver.

Eu não estaria aqui, se não houvesse aqueles que aliviam os fardos dos antepassados através de preces e provações.

Eu não estaria aqui, se alguns não tivessem enfrentado falsos profetas, quebrado as correntes pela liberdade, enfrentado dogmas e crenças limitantes.

Eu não estaria aqui, se eles não acreditassem no futuro, e plantassem sementes do amanhã.

Eu não estaria aqui, se não tivessem a força e coragem de cruzar o mar tenebroso.

Eu não estaria aqui, se eles não tivessem abdicado dos seus sonhos, e lutado com unhas e dentes pela sobrevivência.

Eu não estaria aqui, se eles não tivessem empunhado flechas, foices, espadas e tacapes para resistir.

Eu não estaria aqui, se eles não houvessem ousado levantar os olhos do chão e enfrentar o olho no olho.

Eu não estaria aqui, se eles não tivessem engolido as humilhações, torturas, perseguições e a santa Inquisição.

Eu não estaria aqui, se eles tivessem perdido a esperança.

Eu não estaria aqui, se eles não acreditassem no amor.

Eterna gratidão por eu estar aqui e agora ainda remando contra as correntes e perseguindo os eternos moinhos de ventos.

Figura 1 - Altar da ancestralidade



Figura 2 - Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno



The woods are lovely,
Dark and deep
But I have promises to keep
And miles to go before I sleep
And miles to go before I sleep...

Robert Frost

RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso é uma narrativa autobiográfica na qual compartilho influências recebidas da Arte e da Educação e processos de transformação pessoal e coletiva por meio de encontros e interações com pessoas. A narrativa de si como prática de formação e autoformação possibilita um contato com experiências vividas de forma afetiva e cuidadosa, resignificando as vivências. O processo autorreflexivo proporciona o abandono de máscaras e o contato com o vivido e escondido no emaranhado da teia da vida. Nesse desemaranhar, o Drama e a Comédia ensinam movimentos de potencialização da Vida.

Palavras-chave: Arte, Autobiografia, Educação, Teatro.

ABSTRACT

This Final Paper is an autobiographical narrative in which I share influences received from the Arts and Education and processes of personal and collective transformation through encounters and interactions with people. The narrative of oneself as a practice of formation and self-formation allows getting in touch with life experiences in an affective and careful way, giving new meanings to those experiences. The self-reflective process provides leaving masks behind and getting in touch with experiences which have been lived and interwoven in the web of life. In this disentanglement, Drama and Comedy give rise to movements that enhance the potency of Life.

Keywords: Art, Autobiography, Education, Theater.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|-------------|--|-----|
| Figura 1 - | Altar da ancestralidade..... | 05 |
| Figura 2 - | Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno..... | 06 |
| Figura 3 - | Nascimento..... | 12 |
| Figura 4 - | Granja Recreação..... | 18 |
| Figura 5 - | Pintura óleo sobre tela de J. Arraes..... | 22 |
| Figura 6 - | Cartaz de inauguração do Cine São Luiz (1)..... | 23 |
| Figura 7 - | Cartaz de inauguração do Cine São Luiz (2)..... | 24 |
| Figura 8 - | Cartaz do filme: Aviso aos navegantes..... | 25 |
| Figura 9 - | Resultado do exame de admissão ao CMF..... | 27 |
| Figura 10 - | Tempos de violência..... | 35 |
| Figura 11 - | Frida Kahlo – Aborto..... | 38 |
| Figura 12 - | Certificado Curso Básico de Cinema..... | 41 |
| Figura 13 - | Certificado de Drama Course..... | 48 |
| Figura 14 - | Capa de DVD do filme Flávia, a freira muçulmana..... | 50 |
| Figura 15 - | Dis, João e Roselena..... | 51 |
| Figura 16 - | Prédio do Núcleo de Desenvolvimentos de Pessoas..... | 57 |
| Figura 17 - | Rolando Toro Araneda..... | 60 |
| Figura 18 - | Foto de reportagem 01..... | 65 |
| Figura 19 - | Foto do sarau 01..... | 66 |
| Figura 20 - | Foto do sarau 02..... | 66 |
| Figura 21 - | Foto do sarau 03..... | 67 |
| Figura 22 - | Foto do sarau 04..... | 67 |
| Figura 23 - | Encontro de Biodança..... | 70 |
| Figura 24 - | Diploma Professor de Biodanza..... | 75 |
| Figura 25 - | Curso de Belas Artes..... | 86 |
| Figura 26 - | Francisco Bandeira – Artista..... | 92 |
| Figura 27 - | Rebellis 02 (2009, tinta vinílica sobre tela, 105 x 44cm)..... | 93 |
| Figura 28 - | Rebellis 01 (2009, tinta vinílica sobre tela, 103x52cm)..... | 94 |
| Figura 29 - | Campus da Universidade Caixa..... | 95 |
| Figura 30 - | Em Sala de aula em 2015..... | 97 |
| Figura 31 - | Foto Orquídea 01..... | 102 |
| Figura 32 - | Foto Orquídea 02..... | 102 |
| Figura 33 - | Cantinho de flor do Campo..... | 102 |
| Figura 34 - | Cantinho de Gerbera Rosa..... | 102 |
| Figura 35 - | Cantinho de Margaridas em flor..... | 103 |
| Figura 36 - | Foto Margaridas em Flor 2..... | 103 |
| Figura 37 - | Foto Ipê Amarelo..... | 103 |
| Figura 38 - | Foto Rosa Amarela..... | 103 |
| Figura 39 - | João Câmara e Tiago Duarte..... | 106 |
| Figura 40 - | Imagem simbolizando a eterna transformação..... | 107 |
| Figura 41 - | Foto dos atores na montagem de “Ensina-me a viver”..... | 108 |
| Figura 42 - | Meu cantinho predileto..... | 111 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 1.1 | Autor..... | 12 |
| 1.2 | Qual a causa da causa?..... | 12 |
| 1.3 | Elucubrações..... | 14 |
| 1.4 | Marco zero - Como tudo começou:..... | 15 |
| 1.5 | A vida não é um trilho e sim uma trilha..... | 16 |
| 2 | DÉCADA DE 1950 - PARECE QUE FOI ONTEM!..... | 18 |
| 2.1 | Granja Recreação..... | 18 |
| 2.2 | A volta ao mundo por dois garotos..... | 20 |
| 2.3 | Mirim Circo Show..... | 22 |
| 2.4 | A inauguração do Cine São Luiz..... | 23 |
| 2.5 | Aviso aos navegantes..... | 24 |
| 2.6 | Estímulo à criatividade e à arte..... | 26 |
| 3 | DÉCADA DE 1960 - PONTO DE MUTAÇÃO..... | 27 |
| 3.1 | Entrada no Colégio Militar de Fortaleza..... | 27 |
| 3.2 | No jardim de Dona Neuzinha..... | 31 |
| 3.3 | Era uma vez uma égua chamada Gadara..... | 33 |
| 4 | DÉCADA DE 1970 - PONTO DE RUPTURA..... | 35 |
| 4.1 | Adentrando um novo mundo: Universidade Federal do Ceará (1972)..... | 35 |
| 4.2 | Faculdade de Direito..... | 37 |
| 4.3 | Abuso de poder..... | 39 |
| 4.4 | Casa Amarela..... | 41 |
| 4.5 | Maria da Conceição..... | 42 |
| 4.6 | Ouvindo os conselhos dos amigos Gilmar de Carvalho e Roberto Leão.... | 46 |
| 4.7 | Grupo Balaio..... | 48 |
| 5 | DÉCADA DE 1980 - O QUE NOS MOVE?!..... | 51 |
| 5.1 | Como a educação transformou a minha vida..... | 51 |
| 5.2 | Rosinha um encontro inesquecível!..... | 55 |
| 5.3 | Formação em Instrutoria..... | 57 |
| 5.4 | A descoberta da Biodança: Progressividade? Autorregulação? Que diabo é isso..... | 60 |
| 5.5 | Fantasia para um rei comum - O homem!..... | 65 |
| 5.6 | Imagens do Sarau da Caixa Econômica Federal..... | 65 |
| 5.7 | Saindo do armário..... | 68 |

| | | |
|----------|--|------------|
| 6 | DÉCADA DE 1990 – IMPERMANÊNCIA..... | 70 |
| 6.1 | Um branco inexplicável..... | 70 |
| 6.2 | Oficina do Homem”, um sonho que não morreu..... | 72 |
| 6.3 | Nem só de tragédias a gente vive, coisas boas também acontecem!..... | 74 |
| 6.4 | Um rito de passagem: “Humilde Mestre” | 75 |
| 7 | DÉCADA DE 2000 - ARTE É ARTE!..... | 86 |
| 7.1 | Mestrado: Um rito de passagem..... | 86 |
| 7.2 | Será que os anjos não são do sexo feminino?..... | 90 |
| 7.3 | Curso de Belas Artes..... | 91 |
| 8 | DÉCADA DE 2010 - SOLTANDO AS AMARRAS..... | 95 |
| 8.1 | 2013 – Ano de soltar amarras..... | 95 |
| 8.2 | Um saudoso fim e um desafiador recomeço..... | 96 |
| 8.3 | Instituto de Cultura e Arte: Licenciatura em Teatro..... | 97 |
| 8.4 | D.I.A.L.O.G.U.S..... | 104 |
| 9 | CONCLUSÃO - O QUE VAMOS FAZER AGORA?..... | 107 |
| | REFERÊNCIAS..... | 111 |

Figura 3 – Nascimento



1. INTRODUÇÃO

1.1 Autor

Homem branco, cisgênero, pai solo e gay, em um relacionamento homoafetivo há 7 anos, sendo 5 de casamento legalizado. Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Ceará e inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil. Especialista em Administração de Recursos Humanos pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR (1995), Teorias da Comunicação e da Imagem pela Universidade Federal do Ceará – UFC (1999), Curso de Formação Básica de Educadores em Treinamento e Desenvolvimento (1999) Dinâmicas Grupais na Empresa e na Escola pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR (2000), Mestrado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (2004) e Escrita Literária na Universidade Farias Brito (2019). Dramaturgo desde 1978, quando da montagem e lançamento do livro “O Rei do Ponto” pelo Grupo Balaio. Facilitador de Biodança desde 1990.

1.2 Qual a causa da causa?

Nunca me imaginei um dia escrevendo uma autobiografia, sempre tive uma admiração e atração por ler histórias e narrativas de outras pessoas. Mas, escrever sobre mim realmente nunca me passou pela cabeça ou me despertou qualquer interesse.

Durante a pós-graduação de Escrita Literária (2018-2019), coordenada pela escritora Socorro Acioli¹ tivemos oportunidade de navegar através da escrita de contos, poesias, crônicas etc. E, um momento deveras marcante foi quando conheci o professor aposentado da Universidade Federal do Ceará, Ronaldo Salgado. Sua maestria durante as aulas, narrando vivências e experiências me fez viajar no tempo, relembrar minha infância, adolescência e período de faculdade.

Durante a sua disciplina consegui escrever uma crônica intitulada “Foi apalavrado”². Esta crônica versava sobre uma antiga prática na nossa cultura nordestina; segundo a mesma, contratos escritos não eram necessários quando os contratantes empenhavam suas palavras. Meu pai fez a venda de um lote de terreno através de um contrato apalavrado com um compadre e ele efetuou o pagamento no prazo estipulado.

Meus pais eram padrinhos de batismo do filho deles e, quando do falecimento do pai do seu afilhado, meu pai responsabilizou-se pela construção da casa da viúva e pelo pagamento da escola do afilhado até atingir dezoito anos. Não havia necessidade de contratos. As obrigações eram seguidas religiosamente e tudo era apenas apalavrado.

Durante a disciplina “Ética e Prática Teatral”, ministrada pelo professor Pedro Henriques, em uma das suas aulas, expus essa experiência vivida entre outras. Em pleno período da pandemia da Covid, as trocas de experiências foram marcantes no desenrolar desta disciplina, foi lá, entre janelas virtuais, que o professor Pedro me lançou uma sementinha: - Por que não escrever seu TCC em uma linha autobiográfica?

Assim começava a minha caminhada nesta pesquisa, pois ler a biografia de alguém é bem diferente de escrever a sua própria biografia. Logo, este Trabalho de Conclusão de Curso rememora as oportunidades e escolhas vividas para conjugar as experiências de toda a minha formação (familiar, escolar, artística, profissional e acadêmica) com as reflexões de vida para além da própria arte.

¹ Jornalista, escritora brasileira e doutora em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense.

² Todos os tempos do universo – Especialização em Escrita Literária – Centro Universitário Farias Brito 2019.

1.3 Elucubrações

Os dias parecem curtos, e as noites convidativas à leitura e escrita. Gostaria de que as obrigações rotineiras sumissem. Infelizmente elas são a cada dia mais reais. A lata do lixo não se esvazia sozinha, o detergente e a esponja precisam da minha presença. A máquina de lavar de nada serve se não houver quem a alimente com roupas, toalhas, sabão e amaciante.

Por onde começar, talvez pelo questionamento: quando minha jornada de artista começou? Dei uma espiada em Campbell³ *O Herói de Mil Faces* para ver se encontrava alguma inspiração. E, de repente entrei em contado com o mundo comum no qual fui criado, um mundo aberto à expressão da criatividade no qual eu poderia criar minhas sagas, meus heróis e anti-heróis.

Cada um tem sua história pessoal, una e indivisível, podemos nascer no mesmo tronco familiar, mas cada um segue sua trilha e sua jornada. Imagino que a jornada do artista seja seu processo de autodescoberta, quando estou criando normalmente me redescubro. De repente encontro em Campbell (2014, pg.28) algo extremamente simples e profundo:

O herói é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas válidas, humanas. As visões, ideias e inspirações dessas pessoas vem diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humanos.

Muitas vezes, nos fixamos no herói Teseu que matou o Minotauro, mas esquecemos de Dédalo, que construiu o labirinto, ele usou como matéria prima a sua imaginação. Não teria sido ele um grande artista? Ou um grande estrategista?

Uma vez ouvi de um artista plástico, cujo nome não sei ao certo precisar, se não me engano se chamava Joaquim de Sousa, o seguinte pensamento: *–Não sinto tesão por nada, gostaria de poder sentir, mas não consigo... a única coisa que sinto é tédio. Aí, eu pinto e o tédio vai embora.*

A pintura de óleo sobre tela era o meio de expressão que ele utilizava para expulsar o tédio, a pintura de uma forma terapêutica, e ele pintava freiras em todos os espaços possíveis e imagináveis. Pintava-as nos mais diferentes tamanhos e contextos, elas faziam sempre parte de sua poética criativa. Faz tempo que não ouço

³ Um dos maiores estudiosos da mitologia universal, ele faz uma relação entre símbolos intemporais e os detectados pela psicologia.

falar dele. A sua voz, a sua fala, e sua escrita eram através da pintura. Através dela, ele deixava o nosso mundo comum e enveredava pelo mundo do extraordinário. Era a sua jornada de artista. No seu processo de criação ele se livrava do tédio, da opressão, e da falta de liberdade nos idos de 1970. Imagino que tudo se iniciava em seus pensamentos.

O artista independentemente de onde tenha nascido é livre para expressar a força da sua arte em qualquer lugar. Nessa jornada, às vezes, caminhamos em grupos, em tribos, mas outras, caminhamos muito sozinhos. O nosso pensamento pode moldar a argila, dar novas formas a um tronco abandonado, esses materiais são instrumentos que dão asas à imaginação.

Mas, como tem sido a minha jornada de artista? Onde e como iniciou?

1.4 Marco zero - Como tudo começou:

O ano era 1949, no mês de fevereiro, aquele início do ano em que era costume na nossa família fazer um *check-up* médico anual para iniciar o ano com o pé direito.

Minha mãe toda contente, procurou o médico da família, Dr. Paracampas, e muito serelepe foi logo anunciando: –*Doutor, acho que tenho uma novidade, entrei na menopausa, tenho sentido umas ondas de calor que sou obrigada a ir parar no chuveiro, além disso minha menstruação não está vindo mais.*

O médico, apenas apagou o cigarro no cinzeiro e deu início aos exames preliminares. No final, convidou-a a sentar-se e deu-lhe notícia: –*Dona Neuza, tenho algo a lhe relatar, apesar da sua idade; acredito que a senhora não entrou na menopausa. A senhora está grávida.*

Naquela época, as coisas não eram tão simples assim, havia uma crendice popular que pessoas idosas apresentavam uma tendência a gerar crianças com sérios problemas de saúde. E, um dos “problemas” era a Síndrome de Down, ainda pouco conhecida e era muito difundido que uma das causas estaria relacionada a idade avançada das mães.

Acontece que, diferente do que muitos ainda pensam até hoje, a síndrome de Down não é uma doença, e sim uma divisão celular atípica. Havia muita desinformação e preconceito, tanto que as pessoas com síndrome de Down eram

chamadas com termos pejorativos. Fico imaginando o medo e o sofrimento dos meus pais durante toda a gestação.

Com certeza a insegurança e o pavor os assaltaram. E, apesar de toda a religiosidade da minha genitora, ela tentou me abortar, o que ainda bem não deu certo. O mesmo médico da família aconselhou sabiamente. – *Olha, a senhora por favor evite qualquer tentativa de interrompimento da gravidez. Esta criança não irá sair antes da hora não. Se a senhora tentar novamente as consequências serão funestas.*

Provavelmente, eu já estava cantando a marchinha “Daqui não saio”⁴ do Carnaval de 1949, dentro da barriga dela:

Daqui não saio
Daqui ninguém me tira
Daqui não sai
Daqui ninguém me tira
Onde é que eu vou morar?
O senhor tem paciência de esperar!
Inda mais com quatro filhos onde é que vou parar?
Sei que o senhor
Tem razão de querer
A casa pra morar, mas onde eu vou ficar?
Nesse mundo ninguém
Pode por esperar
Mas já dizem por aí que a vida vai melhorar

Para resumir a história, minha mãe levou uma queda no dia cinco de agosto, e estava previsto eu chegar no final do mês. Antecipei minha entrada triunfal nesta encarnação, no dia seis de agosto de mil novecentos e quarenta e nove.

1.5 A vida não é um trilho e sim, uma trilha

É assim que eu percebo a vida, e, sobre essa ótica comecei a pensar como elaborar este trabalho de conclusão do Curso de Teatro – Licenciatura. Tomei a iniciativa de escrever, narrar os fatos mais marcantes em minha pequena, mas longa jornada.

Decidi pelo estilo da narrativa, aquilo que para Mori⁵ (2018, pg.13) constitui uma atitude. Estou procurando evitar uma narrativa argumentativa, não tenho a menor intenção de justificar nada, nem transmitir conhecimentos ou posicionamentos. A

⁴ A música é uma composição de Paquito e Romeu Gentil, lançada em 1949 e aborda as questões sociais da época, mais especificamente o acesso à moradia no país.

⁵ Serge Mori, Doutor em Psicoterapia de Orientação Narrativa, para ele, narrar é falar, é construir... recriando a cena dos acontecimentos.

minha intenção é narrar acontecimentos que reverberaram dentro de mim e me motivaram a seguir caminhos, trilhas, sendas e desfiladeiros.

Segundo Souza⁶ (2013, pg. 09) as quatro grandes vertentes da pesquisa (auto) biográfica são:

1. Focaliza o ato de narrar como um fenômeno antropológico e civilizatório, que se realiza mediante diferentes sistemas semióticos, notadamente a linguagem oral e escrita.
2. A segunda considera as narrativas como método de pesquisa, preocupando-se com a constituição e análise de fontes biográficas e (auto)biográficas para investigar aspectos históricos, sociais, multiculturais, institucionais da formação humana.
3. A terceira toma as narrativas de si como práticas de formação e de autoformação, procurando investigar a reflexividade (auto)biográfica e suas repercussões nos processos de constituição da subjetividade e da inserção social do sujeito.
4. E a quarta investiga o uso das narrativas (auto)biográficas como dispositivos de intervenção educativa.

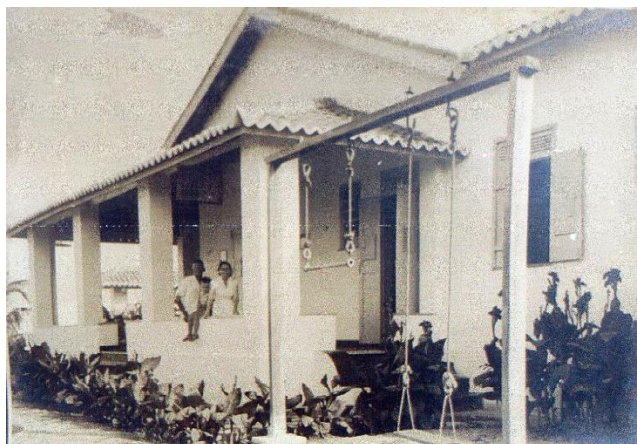
Decidi optar pela terceira vertente em uma “caminhada para mim mesmo”, como situações, fatos, haviam reverberado dentro de mim. Foi deveras doloroso optar por este ou renunciar àquele outro fato vivenciado. O que pesava mais?

Pensei em entrevistar várias pessoas que haviam participado desta caminhada, mas acabei por decidir que, neste momento da minha vida, seria de crucial importância ouvir apenas as minhas memórias. Depois enfrentei outro desafio, como construir? E de repente fui costurando com uma linha invisível dados e fatos; constatando a riqueza e a beleza de lembrar cada percurso feito, muitas vezes estacionando por noites adentro nas minhas memórias e representações.

Um grande quebra cabeça surgiu ante meus olhos: Como elaborar uma linha do tempo que alcançasse tudo que foi intensamente vivido? Escolhi não me deter aos fatos sociais, e centrar nas minhas vivências e experiências durante sete décadas.

⁶ Os autores aprofundaram as narrativas autobiográficas (orais e escritas) como dispositivos pedagógicos de formação. Essa metodologia procura investigar as potencialidades das narrativas autobiográficas nos processos de constituição de subjetividades nas práticas educativas.

Figura 4 - Granja Recreação



2. DÉCADA DE 1950 - PARECE QUE FOI ONTEM!

2.1 Granja Recreação

Duas décadas foram muito marcantes na minha jornada, as de 50 e 60. Vivemos a partir de 1954 até 1964 em um sítio denominado de Granja Recreação, nas imediações de Fortaleza em um bairro conhecido antigamente como Pici. Era distante da cidade, e conhecido também como Base dos Americanos. Ficava pertinho do sítio da escritora Raquel de Queiroz que, logo depois, mudou-se para o Rio de Janeiro. Lá não havia luz elétrica, nem linha telefônica, a nossa água provinha de um cacimbão e era bombeada por um catavento imenso. O seu ruído era uma verdadeira música para os meus ouvidos, e os ruídos dos aviões da Panair do Brasil e Cruzeiro do Sul uma fonte de sonhos e fantasias. O cacimbão era muito importante, na época da estiagem faltava água em todo lugar, mas ele jamais secava e vinha gente das redondezas buscar água lá em casa. Os Correios tinham dia certo para passar e era uma verdadeira festa receber as cartas de parentes e amigos, as revistas, livros e jornais. O carteiro jamais saía sem tomar aquele café reforçado acompanhado de tapiocas, ovos de galinha caipira e queijo coalho. Não existia notícia velha, tudo era uma novidade. Lá era um verdadeiro oásis de fartura, um sítio que produzia de tudo, além do pomar repleto de fruteiras (mameiros, abacateiros, limoeiros, sapotizeiros, bananeiras, coqueiros, cajueiros, mangueiras, laranjeiras, pitangueiras etc.) e da horta

(com produção de tomates, cenouras, alfaces etc.), tínhamos ainda um galinheiro produzindo frangos para abate, galinhas e ovos caipiras, aquelas galinhas de pescoço pelado. Além dos chás, lambedores e unguentos, Dona Neuzinha criava, doces, compotas e geleias de sabores exóticos do tipo: geleia de cajá umbu, geleia de uva moscatel, compota de cajarana e doce de mamão verde. Tudo com pouquíssimo açúcar, como ela sempre enfatizava: *–Fazer doce, não é coisa simples, requer cuidado, pois tem que saber preservar o sabor das frutas.*

Como minha mãe era muito baixinha, do tipo *mignonne* as amigas mais íntimas a apelidaram assim Neuzinha. Como boa virginiana, ela nasceu em primeiro de setembro, adorava fazer tudo bem-feito, no capricho. Assim eram os seus bordados, seus temperos, sua organização na despensa e rouparia. Ela criou até um livro caixa para controlar as entradas e saídas de dinheiro no nosso sítio. Uma das suas estratégias de convivência foi criar um momento para um chá ou café com meu pai. Então, eles conversavam sozinhos, e sem a participação ou interferência de ninguém.

Naquela época, fornecíamos as frutas e verduras para o San Pedro Hotel, que se não me engano, ficava na Rua Castro e Silva, esquina com a Rua Floriano Peixoto.

Às vezes, uma amiga da família, de origem alemã trazia sua vitrola e compartilhávamos a escuta de velhos discos de cera. Meus pais sempre a acolheram sem restrições, embora, naquela época, ainda vigorasse um certo preconceito contra as pessoas de origem germânica oriundo da segunda guerra mundial. Minha mãe nunca levou a sério os comentários moralistas de algumas vizinhas. Volta e meia, recebia a visita da sua amiga com quem bordava, cozinhava e trocava receitas. O mais interessante é que nenhuma das duas dominava o idioma da outra, mas isso não impedia a comunicação e a alegria de ambas.

Desta maneira, uma lição me foi passada sutilmente: vamos procurar aceitar as pessoas como elas são e evitar criticá-las ou julgá-las. Em uma época muito conservadora, meus pais eram bastante tolerantes. Não lhes interessava o estado civil de ninguém, poderiam ser casados, solteiros, amigados, amasiados, separados ou desquitados; isso não fazia a menor diferença. Todos eram bem recebidos.

Não obstante, isso não nos livrou de alguns dissabores, uma vez recebemos duas vizinhas, uma delas esposa de um professor. Elas chegaram a solicitar que mamãe me mandasse sair, o que ela prontamente negou. O motivo da

visita era um “aconselhamento amigável” sobre algumas vizinhas que assiduamente nos visitavam e, na ótica preconceituosa daquela época eram percebidas como pessoas “não recomendáveis”. Uma delas por ser de origem germânica, e uma outra, desquitada, que na ótica popular, vivia “amancebada com um médico. Receber pessoas assim não era de “bom tom”, pois ia de encontro à moral e aos bons costumes, e inconcebível na visão delas.

Dona Neuzinha foi muito calma e tranquila, e respondeu com palavras da Bíblia do tipo quem for livre de pecados que atire a primeira pedra etc. Elas não se contentaram com a justificativa e revidaram.

–Como é que senhora se diz católica e recebe pessoas assim? Por acaso revela estes fatos quando se confessa aos domingos?

Minha mãe não perdeu a sua tranquilidade.

–Eu não me lembro quando foi que me confessei pela última vez; e não acredito nessa liturgia da igreja. E a minha fé não será influenciada por fazer ou deixar de fazer tal coisa.

Olha aqui, quando vocês precisarem de alguma ajuda, a qualquer hora, do dia ou da noite podem vir sem receio; eu e o Oscar teremos o maior prazer em receber e ajudar naquilo que for possível. Podem vir mesmo, as portas estão abertas e os cachorros amarrados.

Mas não iremos aceitar que vocês venham na minha casa, para me aconselhar sobre coisas que discordamos, totalmente. As pessoas não podem ser discriminadas por fatos que não têm importância. Pelo menos na nossa visão. Isso não leva a nada!

Aceitam tomar um chazinho? Tem um bolo que a Alcina acabou de fazer, está saindo do forno para acompanhar.

E foi assim que acabou a contenda.

2.2 A volta ao mundo por dois garotos

Meus pais tinham hábitos metódicos. Meu pai acendia os lampiões quando começava a anoitecer por volta das cinco e meia da tarde, e às dezoito horas era servido o jantar, normalmente uma sopa. Sempre jantávamos sopas de sabores diferentes. Dona Neuzinha era exímia em aproveitar sobras de comidas e em transformá-las magicamente. Jamais me esquecerei dos seus croquetes, quase sempre provenientes do que sobrara do almoço. Imagino que foi dela que herdei a criatividade e o espírito rebelde. Para ela não havia problemas insolúveis: *–Meu filho, os problemas são desafios para imaginação! Pra tudo tem solução! É só buscar! Até pra morte, às vezes a morte é a única solução.*”

Já meu pai era mais analítico, tinha gosto pelos números e enciclopédias, tanto que era contador. Do meu pai acho que herdei a curiosidade e o perfeccionismo: *O que é isto? Por que você faz assim? Tem certeza?*

Claro e evidente que o meu apelido era “João Pergunta”, “João Teimoso” etc. Talvez por ter idade de ser meu avô, ele tinha tanta paciência comigo. Depois do jantar, era o grande momento do dia. Enquanto mamãe fazia crochê, ele lia para nós. Isto foi marcante na minha vida: a sua forma especial de ler. Ele lia com emoção e dava vida própria aos personagens! Quando ele lia uma história, ele a narrava mudando o tom e o timbre de voz; ele conseguia fazer vozes incríveis. Tinha uma predileção especial por Júlio Verne. Eu adorava a voz do Capitão Nemo em “Vinte mil léguas submarinas”, mas não me lembro mais dos personagens de “Viagem ao centro da terra”, ou de a “Volta ao mundo em oitenta dias”.

Outro autor que era maravilhosamente lido por ele era Sir Arthur Conan Doyle, criador de Sherlock Holmes. Meu pai lia diretamente do inglês e traduzia da sua forma e especial sutileza. Sua narrativa trazia uma magia própria, misturada com fumaça de cachimbo, cigarro ou charuto. Ele era um fumante inveterado, tanto que morreu de enfisema pulmonar. Eu me sentia transportado nas suas contações; lembro-me do aroma do cigarro Hollywood, das baforadas que enchiam de névoa a sala de jantar, das luzes tremulantes dos candeeiros e luminárias a querosene. Por meio da voz, ele conseguia dar nuances especiais a cada personagem e, sem esquecer nenhum, as repetia fidedignamente a cada fala.

Minha experiência inesquecível aconteceu com a sua leitura dramática de “Volta ao mundo por dois garotos” de Henry de la Vaux. Acredito que foi neste momento que principiou a germinar a paixão pelo teatro. Meus pais semearam em mim o degustar da leitura, recitar versos, o fascínio pela literatura de cordel, além do devanear ouvindo música no rádio ou em discos de cera.

Anualmente, tínhamos a celebração das festas juninas com todos os seus detalhes, e comidas e bebidas. Quem chegava tinha boa acolhida, não faltava no prato bolo de milho, pé de moleque, mungunzá, pamonha, milho cozido e milho assado na fogueira.

Apesar de suas limitações, meus pais eram profundamente sensíveis e destoavam das famílias da vizinhança. Por exemplo: minha mãe era profundamente religiosa, e meu pai, o inverso. Mesmo assim, eles se respeitavam. Cada um tinha a

sua forma especial de ser e estar no mundo. Eles me ensinaram a riqueza do diálogo sem violência.

2.3 Mirim Circo Show

Figura 5 - Pintura óleo sobre tela de J. Arraes



Uma lembrança inesquecível foi minha primeira ida ao circo. Até hoje, quando fecho os olhos consigo relembrar tudo com os mínimos detalhes. Muitos anos depois conversando com o ator e artista plástico J. Arraes⁷ do Grupo Balaio⁸ consegui que ele captasse a minha descrição, e pintasse um quadro que ainda guardo até hoje com imenso carinho. Foram muitas as lembranças que me motivaram a buscar a trilha das artes que não sei qual delas escolher para narrar em primeiro lugar.

Todos os anos aconteciam as quermesses, e com elas apareciam os circos pelas redondezas. Normalmente, pelo meio da tarde começavam os convites para as atrações circenses, através da “radiadora” da quermesse:

- Não percam! O maior espetáculo da terra!
- Grande Mirim Circo Show!
- A bailarina que come fogo e engole espadas!
- O ciclista do arame! O malabarista equilibrista! Vendado, irá em cima de um monociclo desafiar a morte sem rede de proteção!
- O Saci Pererê em corpo e alma!
- A família trapezista!
- E, diretamente do oriente, Mustafá! O mágico das mil e uma noites acompanhado de sua bailarina do Egito!

⁷ Ator e artista plástico, integrante da histórica Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP) desde a década de 1950.

⁸ Grupo Teatral de 1976 até 2006, responsável por 48 montagens, 16 leituras dramáticas, 15 livros, 4 cursos, além de palestras, mostras e eventos como o Dia Mundial de Teatro.

-Venham! Venham ver o drama da torre encantada! Um drama contado por ciganos d'além-mar!
-Respeitável público, não percam hoje as nossas atrações internacionais. Artistas vindos do Uruguai e Paraguai!
-Nosso circo estará aqui por curta temporada! Venham, venham ver... Não percam! Últimas semanas!

Às quatro da tarde, eu já estava tomando banho e colocando a roupa de sair e começava a azucrinar o juízo dos meus pais. Engolia o chocolate quente com pão caseiro e ia escovar os dentes sem ninguém mandar. Amava escutar o barulho do gerador a diesel, aquele ronronar grosso dele avisando que em pouco tempo a sessão iria começar. Não podíamos chegar atrasados se não perderíamos o desfile dos artistas, todo espetáculo iniciava e finalizava com o desfile. Eu era fascinado pela colombina de saíote cor de rosa correndo em cima do arame, e pelo palhaço bêbado que corria atrás dela fazendo piruetas, acrobacias e quase caindo. Não havia canhões de luz, ou iluminação especial, era tudo de uma magia sem fim.

Eu nunca me comportei tão bem. Parei de subir e de correr em cima do muro, de matar calangos com a baladeira, de infernizar a vida de Antônio (responsável pelo pomar e pelo galinheiro) e de Zé Azedo (encarregado da horta, do jardim e do herbário). Passei até a evitar pisar nas roupas que estavam no “quarador” da Marta (lavadeira e passadeira). Todos os finais de semana, eu queria ir ao circo. Os números acrobáticos eram sempre os mesmos, mas os dramas eram diferentes. Cada domingo havia uma história diferente. Os atores também eram também os mesmos, mas eles se transformavam através das roupas e implementos. Quanto a mim, eu desejava crescer e me tornar um artista de circo me metamorfoseando em mil personagens que nem eles.

2.4 A inauguração do Cine São Luiz

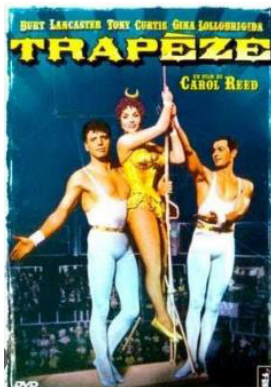
Figura 6 - Cartaz de inauguração do Cine São Luiz (1)



Em 26 de março de 1958, foi inaugurado o Cine São Luiz. Sua primeira sessão foi com a exibição do filme *“Anastácia, a princesa esquecida”*.

A família toda foi assistir, mas, o meu filme predileto, aquele que escolhi como “o filme” da minha infância foi aquele relacionado ao circo, também incluído na festa de inauguração. Acredito que o circo ficou marcado na minha trajetória de vida.

Figura 7 - Cartaz de inauguração do Cine São Luiz (2)



O filme sobre o qual estava falando era “Trapézio” com Burt Lancaster, Gina Lollobrigida, e Tony Curtis. Graças a esse filme, ganhei um espaço maravilhoso em cima de um cajueiro construído por meu pai. Tive uma infância muito rica em experiências nutritivas pois, meus pais incrementavam as minhas fantasias e aventuras.

2.5 Aviso aos navegantes

Ser filho temporão não é nada fácil. Tudo que acontecia de errado na casa, sempre era eu o culpado. Isso, em algumas situações, pesava muito, contudo sempre tive um gênio forte e reagia. Meu pai dizia que eu tinha nascido com o “pescoço grosso”, pois era o único filho que não olhava para o chão na hora em que estava sendo repreendido.

Ele viajou e trouxe de presente para minha mãe uma toalha para colocar na mesa da sala de jantar. Na época estava na moda uma denominada de “Linholene” imensa que cobria o taboão de oito lugares da mesa de jantar, era um tecido meio plastificado que estava em voga.

Alguém, foi cortar o pão e não utilizou a tábua de pães. Resultado: a toalha recém-inaugurada foi cortada, provocando uma celeuma. Eu tinha certeza de que não havia sido eu, pois, a Alcina fazia sempre as minhas torradinhas com queijo coalho

ralado ou então rabanada de pão dormido com açúcar e canela. Pão caseiro fica mais gostoso de um dia para o outro. Sempre tive um gosto diferente dos demais em relação à comida, odiava panelada e sarrabulho. Gostava mesmo era do peito de frango desfiado misturado no capitão. Comer de mão era a glória e vivia ficando de castigo por causa disso.

Mas, ninguém ouviu as minhas justificativas, tinha sido eu e ponto final. E claro iria ficar de castigo.

Figura 8 - Cartaz do filme: Aviso aos navegantes



Iria perder o filme “Aviso aos navegantes”. Eu era fã de Oscarito, Grande Otelo, Zezé Macedo, José Lewgoy, Adelaide Chiozzo, e tantos outros.

Naquele sábado, todos almoçaram mais cedo para não perder a sessão das 15 horas do Cine Diogo. Já eu, iria ficar em casa... sozinho!

Eles saíram e eu fiquei na rede da varanda a me balançar. Subitamente me veio uma ideia brilhante. Se eu estava sendo castigado por algo que não havia feito, então por que não fazer agora?

Fui ao quarto de costura, abri a gaveta da cômoda e de lá retirei a tesoura de cabo de madrepérola da Dona Neuzinha. Aquela tesoura tinha sido herança da avó dela. Ela não a emprestava a ninguém. Depois fui à sala de jantar e abri o gavetão das toalhas de mesa. Lá estava a tal toalha com um corte quase imperceptível. Levei-a para a varanda, sentei-me no chão e cuidadosamente comecei a cortá-la em fitas meticulosamente finas. Fui buscar a palmatória na despensa, coloquei tudo bem-organizado na mesa da varanda: tesoura, palmatória, fios de toalhas “Linholene”.

Ela foi entrando e quando deu vista da cena gritou:

–O que é isto? O que aconteceu?

Ao que respondi:

–Agora sim, fui eu quem cortou a toalha. Pode bater.

Ela virou-se para o meu pai e convidou:

–*Meu nego, vamos tomar um café. Precisamos muito conversar.*

A partir dessa data meus pais passaram a me dar mais crédito, e passaram a confiar no que eu dizia. Não quero dizer que parei de fazer “merreca”, mas sempre assumi as trapalhadas que aprontei.

2.6 Estímulo à criatividade e a arte

Imagino que a ideia de interdisciplinaridade me foi transmitida pelo circo. Não havia um papel delimitado para cada corpo ou ator. Era tudo muito fluido e em constante transformação. Era dança-teatro-dança; circo-teatro-música; música-circo-teatro; tudo acontecendo no mesmo espaço. Isso ficou impregnado no meu imaginário e está comigo até hoje.

Nunca me faltaram lápis de cor, revistas e livros infantis durante a infância. Eu odiava fazer caligrafia, repetir linha abaixo da linha o alfabeto; e lá em casa nunca fui cobrado por isso. Sempre fui “levemente” rebelde e teimoso; e uma vez no Ginásio 7 de Setembro, ouvi uma conversa da minha mãe com uma professora. A professora colocou um jarro de plantas, e o dever de classe era desenhar e colorir um vaso de plantas. Mas, eu teimava e só queria desenhar e pintar as flores no chão. O pior era que eu não ficava calado, nem obedecia e discutia com a professora: Porque as plantas tinham que ser colocadas em vasos, quando poderiam crescer livremente no chão?

A professora foi convidada a conhecer nosso sítio, o jardim de Dona Neuzinha e seu herbário. Isso não quer dizer que eu não tivesse que seguir regras e respeitar os limites, mas eu questionava sempre, o que não era muito fácil de aceitar. Acredito que fui uma criança feliz e alegre, porque eu não era obrigado a ser “bonzinho”. Acredito que o estímulo à criatividade é que nutre a alegria. Ao expressar a criatividade estamos tendo a oportunidade de expressar a nossa alegria e a euforia por estarmos vivos. Para os meus pais, todos nós nascemos criativos e quando estamos associados a alguma atividade criativa, alegria, ludicidade, bom humor e generosidade surgem naturalmente.

Figura 9 - Resultado do exame de admissão ao C M F

JOÃO DE ARRUDA CAVARA RODRIGUES
NOME DO ALUNO

05 de agosto de 1949
DATA DO NASCIMENTO

Portaleza
Cidade

Osney Rodrigues da Cunha
NOME DO PAI

Neuzinha de Arruda Rodrigues
NOME DA MÃE

EXAME DE ADMISSÃO
COLÉGIO MILITAR DE FORTALEZA

NOME DO ESTABELECIMENTO QUE FORNECEU O CERTIFICADO

Portaleza
Cidade

RESULTADO:

| | | | |
|-----------|-----|-------------|-----|
| Português | 7,1 | Matemática | 6,5 |
| Geografia | 7,5 | História | 8,1 |
| | | Média Geral | 6,8 |

Data 09 Janeiro de 1950

3. Década de 1960 - Ponto de Mutação

3.1 Entrada no Colégio Militar de Fortaleza

Era uma tarde quente de um final de semana, não lembro ao certo se foi em agosto ou setembro. O ano era 1963. Estávamos vivendo um segundo semestre de muito calor. As lembranças não são muito nítidas a respeito desse período. Os meus pais andavam muito calados e circunspectos. Fiquei imaginando o que estaria acontecendo. O hotel para o qual fornecíamos frutas e verduras estava passando por uma reestruturação e não tínhamos para quem vender a produção. Dona Neuzinha seguindo a sua essência, foi diretamente ao ponto nevrálgico, como toda boa virginiana.

—João, você fez exame de admissão, passou da primeira vez, tem sempre tirado boas notas, e dado conta das suas tarefas e responsabilidades, mas a nossa realidade está bem complicada. (...) Não temos mais como bancar um colégio particular. Os seus irmãos e irmãs tiveram todas as possibilidades que podíamos oferecer. Se desperdiçaram e não aproveitaram o problema não é nosso. A nossa situação financeira está enfrentando reveses, e estamos cortando todas as despesas possíveis, pois nossas reservas estão chegando no limite.

Senti as mãos gelarem. Pensei em falar, mas não consegui. Estava entalado.

—Iremos providenciar a sua inscrição no exame de admissão ao Colégio Militar de Fortaleza, e temos a certeza de que você logrará êxito. Aliás, isso

seria o ideal, pois o dinheiro que temos só será suficiente para custear o seu fardamento que é exigido pela direção da escola. Achamos que dessa forma seu futuro estará garantido e futuramente poderá escolher entre Marinha, Exército e Aeronáutica.

Tomei coragem e tentei argumentar: *–Mas, eu estou praticamente passado por média, já estou na segunda série ginasial.*

Às vezes, a tranquilidade dela me tirava do sério.

–Nós sabemos. Aliás temos plena consciência do seu esforço. Nós estamos acompanhando de perto seu desempenho escolar, mas, não estamos em condições de bancar uma escola particular por enquanto. E, colocar você em qualquer escola pública não seria a melhor opção. Temos excelentes referências do Colégio Militar.

Contra fatos, não existem argumentos; e foi assim que, no final do ano letivo realizei o exame de admissão para o Colégio Militar de Fortaleza e ingressei naquela instituição de ensino. Acredito que tenha sido uma sábia decisão deles, na época.

Não digo que foram quatro anos perdidos. Prefiro classificá-los como anos de aprendizagem *hard*. Infelizmente, as pessoas responsáveis pelo direcionamento pedagógico não estavam devidamente preparadas; e nem um pouco preocupadas com a motivação ou frustração dos alunos. Naquela época, ninguém havia ouvido falar em “clima organizacional”. Dentro do quartel apenas a hierarquia falava mais alto e era sempre quem ditava a palavra final. Uma coisa era incontestável: os professores civis eram competentíssimos, em completa oposição aos professores militares despreparados para a atuação no magistério.

Havia até um Coronel apelidado “João das Éguas” que era extremamente colérico e mal-educado. Uma vez irritou-se comigo devido a minha lentidão em fazer cálculos matemáticos e, jogou o apagador na minha cabeça. Graças a Deus, desviei-me a tempo. No entanto, eu não fui o único agraciado com essas suas atitudes desmedidas.

Os piores momentos, no entanto, eram aqueles comandados pelos sargentos. Quando alguém levantava o braço e tentava esclarecer alguma dúvida ou discutir algum assunto, sempre ouvia a fala do nosso sargento da Segunda Companhia: *–Manda quem pode, obedece quem tem juízo.*

Nenhuma ordem poderia ser discutida. Não adiantava tentar fazer nada. Tinha que obedecer e pronto. – *O superior nunca erra, raramente se engana e quando isto acontece, é sempre por culpa do subordinado.*

Acredito que eles nunca haviam passado por algum treinamento voltado à educação de adolescentes; e graças a isso, o resultado alcançado nem sempre era o desejado. Talvez isso se deva a rigidez da hierarquia militar. Se, naquela época, os comandantes estivessem atentos aos efeitos de suas atitudes em relação aos grupos, talvez a motivação e o desenvolvimento dos jovens fossem maiores. Eu me sentia compelido a demonstrar atitudes de entusiasmo, quando, por dentro não tinha a menor vontade de fazer coisa alguma.

Por qualquer motivo fútil, o aluno ia parar na detenção, uma sala quente e insalubre, onde você era obrigado a estudar e não podia se ausentar para nenhuma necessidade fisiológica sem a previa autorização do sargento de dia, que normalmente sumia. Se alguém desobedecesse, as consequências não demorariam a aparecer.

Quando as emoções são canalizadas de modo negativo é quase dado certo a geração de dissonâncias. Nunca tive a oportunidade de ler nenhum trabalho acadêmico baseado em pesquisas nas escolas militares, mas durante a minha peregrinação terapêutica com vários psicoterapeutas, senti aflorar emoções contidas e reprimidas provenientes dessa época. Apresentei problemas como expressão da raiva, ansiedade, uma autoestima extremamente fragilizada e uma sensação de incompetência crônica que foram motivos de longos diálogos terapêuticos durante anos.

Em muitas oportunidades senti-me como que vivendo no mundo dos dementadores, dos livros de Harry Potter, aqueles seres que sugam a paz, a esperança e a alegria que os cerca. Agora, olhando para trás e, recordando o vivido, sinto que naquela fase da vida, precisávamos de mentores com perfil aconselhador e agregador; mas o que tínhamos eram pessoas agressivas e despóticas. A frieza, a intimidação e a intolerância minam qualquer motivação de participar ou de sentir-se integrado em um grupo.

Hoje, depois de ter tido a oportunidade de ler Jablonka⁹ (2021, p. 215) tenho um outro olhar sobre aquela forma de metodologia educacional.

⁹ O autor busca através da história do patriarcado instigar uma reinvenção da masculinidade em nome da justiça e igualdade de generos.

As masculinidades de dominação se impõem esmagando as outras masculinidades, mas a sua vitória é uma derrota para o gênero inteiro. A demonstração de força, a agressividade, a imposição de um papel, a obrigação de sucesso e a cultura da proeza são armadilhas que a sociedade prepara para os homens, e aquele que tem força para resistir se vê julgado por sua masculinidade.

Naquele tempo, era muito difícil resistir à pressão. Expressar afetividade era algo inconcebível. Fui criando uma couraça por meio de uma rigidez corporal que se refletia até no meu caminhar.

Não estávamos sendo preparados para a vida, para as relações, para os contatos afetivos. O toque era algo proibido e pecaminoso. Quando recomeço a folhear as páginas de Montagu¹⁰ (1986, p.21), vejo o quanto nossa educação no período da adolescência foi desvirtuada.

A pele é o mais antigo e sensível dos órgãos, nosso primeiro meio de comunicação (...) O corpo todo é recoberto pela pele, Até mesmo a córneo transparente de nossos olhos é recoberta por uma camada modificada de pele. A pele também se vira para dentro para revestir orifícios como a boca, as narinas e o canal anal. O tato é a origem de nossos olhos, ouvidos, nariz e boca. Foi o tato que, como sentido, veio a diferenciar-se dos demais, fato este que parece estar constatado no adágio “matriz de todos os sentidos”.

Naquela época, tínhamos o costume de esmurrar uns aos outros. E era uma forma socialmente aceita de saudação.

Voltando a Jablonka (2021, p. 214), aquela estética de dureza, da comunicação que nos estimulava um caminhar autoritário, com o peito para fora e a barriga para dentro. Era inadmissível caminhar com os ombros encurvados e passos sem firmeza. E o homossexual jamais poderia aparentar fragilidade. Teria que esconder ou camuflar sua maneira de ser debaixo de uma couraça musculosa, ou barba e bigodes numa versão tupiniquim do artista finlandês Tom of Finland.

Para mim, não é fácil lembrar tudo isso, mas, é necessário. Acredito que através da educação, tudo possa ser modificado e transformado.

¹⁰ Estabelece a relação entre a pele e o tocar para a saúde física e mental

3.2 No jardim de Dona Neuzinha

Não me recordo ao certo de quando esta conversa aconteceu. Eu já havia ingressado no Colégio Militar e o relacionamento com meu pai passava por um momento de séria deterioração. Lembro apenas que aconteceu no jardim defronte a casa, perto do balanço de ferro onde meus pais costumavam conversar após o jantar.

Tempos difíceis aqueles, mas sobravam livros, revistas, jornais e cartas de amigos e parentes. Ainda tínhamos cachorros, galinhas, perus, capotes e até uma burra chamada Mimosa. O nosso pomar continuava exuberante, mas não mais fornecíamos para o San Pedro Hotel, a crise financeira atacava a todos e o golpe militar não havia conseguido colocar o país em ordem.

Depois de mais uma querela com meu pai, fui ter com Dona Neuzinha para desabafar. Vomitei tudo que estava me engasgando e ela simplesmente parou o que estava fazendo, virou-se para mim calmamente e me questionou: - *Qual a sua idade e qual a idade dele?*

Não consegui responder, continuei fervendo por dentro.

-Meu filho, ninguém nasce assim ou assado. As pessoas têm suas histórias de vida, suas experiências positivas e negativas. E seu pai traz marcas profundas. Ele não consegue se desvencilhar das cicatrizes dolorosas. Já imagina, ter que desde a infância trabalhar para sustentar a família? Ele viveu momentos duros. Os tempos eram outros. Além do mais, sempre foi uma pessoa retraída, não sabe compartilhar e tem dificuldade em se comunicar do jeito que você espera.

Provavelmente, devo ter retrucado alguma coisa.

-Acontece que, nem sempre ele foi velho ou ranzinza. Nem sempre ele foi assim amargo como está hoje. Já pensou em tudo que ele tem vivido? Não estou dando razão nem a um, nem ao outro. Estou pedindo apenas que você procure ser mais paciente, evite ser tão contundente. Tente escutar mais, em vez de apenas refutar tudo que ele fala. Depois que você entrou no Colégio Militar, é tudo oito ou oitenta. Meu filho, onde foi parar o meio termo? Você está ficando muito duro e pesado.

Sangue de barata... Devo ter pensado. Às vezes sentia que ela lia meus pensamentos.

-Não, não tenho sangue de barata; mas também não tenho sangue nos olhos. Um dia, não sei quando, você irá amadurecer, provavelmente irá encontrar alguém para compartilhar sua vida e então você vai descobrir com quantos paus se faz uma jangada. Não é coisa simples não; requer muita dedicação, afeto e cuidado. Olha, a gente não está sozinho no mundo, qualquer coisa que envolva mais de uma pessoa traz consigo obstáculos, problemas e várias outras coisas nem sempre fáceis de lidar. Meu filho, tudo está em constante transformação, nada permanece estático, tudo se

deteriora, inclusive as pessoas. Tudo muda com o passar do tempo... Está vendo esta roseira? Ela é velha. Eu trouxe uma muda lá da Vila Arruda, assim como o pé de manga rosa.

E, juntando as palavras aos atos começou cuidadosamente a borrifar com água as folhas da roseira. E continuou:

–Faz tempo que ela está embelezando nosso jardim, não é?! E continua dando rosas! Sabe qual é o segredo? Paciência, atenção e cuidado. Para a roseira continuar assim é preciso estar atento aos seus sinais, perceber e acompanhar, e isso requer dedicação. Não é fazer de conta que cuida. É regar sempre que a terra pede, e para saber isso é preciso tocar a terra. Como ela está? Úmida ou seca? E tem que a alimentar também, buscando o equilíbrio: água demais afoga, estrume demais sufoca. E tem mais meu filho, ainda por cima, tem a parte mais delicada: que é aprender a podar a roseira. Aí requer muito mais cuidado. Nas relações significa aprender a dizer “não”; na hora certa e no momento exato; “dizer não,” apesar de difícil, é necessário. Tem sempre que levar em consideração uma infinidade de fatores, causas e motivações. O “não” traz consigo novas possibilidades e caminhos. O “dizer não” não significa fechar, e sim, abrir espaço para novas possibilidades. Assim, através da poda, a roseira vai ter oportunidade de produzir muito mais flores do que antes. Meu filho, podar não é castrar, dizer não, às vezes é necessário! Além disso, nós trazemos dentro da gente, de heranças passadas, sementes de luzes e de sombras, mas, o que desejamos semear no nosso caminho atual? Eu não posso escolher por você. A escolha é de cada um. Você é o responsável por cada semente de luz que plantar no seu caminho, mas, meu filho o mesmo irá acontecer com as suas sombras. Por que não faz como essa borboleta amarela? Levante voo e observe seu pai de cima e pare de percebê-lo apenas como alguém em um campo oposto ao seu. Tenha cuidado com o seu extremismo e intolerância. Se permita ser paciente com ele. Escute-o e não procure apenas argumentações para enfrentá-lo e desacreditá-lo. Você não vai ganhar nada com isso. Você é impetuoso, inteligente e impulsivo. Talvez ele tenha idade para ser seu avô, já reparou nisso? Ele pode não ser o melhor pai do mundo, nem o pai que você almejava ter, mas ele apenas está tentando fazer o melhor que pode dentro de suas limitações. E você? O que você pode fazer?

Depois que ingressei no Colégio Militar tivemos muitos diálogos como este; eu sempre muito colérico e rebelde e, Dona Neuzinha, apaziguadora e sensata. Ela me levava à reflexão sem imposição. Certamente, ela me conhecia o suficiente para não dizer: *–Não faça isso! Vai por aí! Me obedeça!*

Ela, na sua intuição, sabia que eu entraria em confronto com ela. Sinto falta dessa sabedoria simples que brotava naquele jardim. Às vezes, uma saudade morna me aperta por dentro, os olhos ficam úmidos, a voz embargada, mas, foram esses diálogos sem hora marcada nem livro de ponto que me provocaram profundos momentos de reflexões e mudanças. Até hoje, trago no alforje suas pérolas de ensinamentos e, de vez em quando a vida me leva a resgatá-los.

3.3 Era uma vez uma égua chamada Gadara

Não podemos simplesmente jogar para debaixo do tapete experiências vividas, principalmente se forem negativas. Se o fizermos as consequências na nossa jornada serão bem mais funestas.

Nesta narrativa, vou me ater apenas a um fato que considero o mais relevante durante o período que estive cursando o Ginásio no Colégio Militar; e que será chamado de “Gadara”.

Na década de sessenta, qualquer data histórica que tivesse alguma conexão com o exército brasileiro era muito divulgada e festejada. Tudo era motivo para acontecer um desfile militar. Em uma dessas ocasiões, que ocorreu na Avenida Tristão Gonçalves, o coronel comandante abriu as comemorações com o desfile do Colégio Militar de Fortaleza. Ele desfilou todo garboso, acredito que se imaginava a reencarnação do Duque de Caxias e, estava montando em uma égua chamada Gadara que pertencia a um outro coronel.

Nesta época, graças às boas notas eu havia sido promovido e estava comandando um pelotão de alunos. Quando o arrogante comandante passou defronte ao nosso pelotão, um dos nossos integrantes gritou: *–Quem é a égua? A que vai em cima ou quem vai embaixo?*

Claro que ele não interrompeu sua marcha solene, mas não deu cinco minutos e o Sargento da nossa companhia chegou esbaforido falando baixo, mas com muito azedume e agressividade: *–Comandante Aluno 533, identifique quem foi o autor da gracinha de mau gosto. –Sinto muito senhor, mas não consegui identificar a voz.*

Por volta do meio-dia, estávamos de volta ao pátio interno do Colégio, e foi então que o suplício teve início. Fomos achincalhados de todas as formas possíveis e imagináveis. Nunca me senti tão humilhado em toda minha vida. Eles queriam que eu delatasse quem havia proferido a fala inapropriada, e eu só conseguia responder: *–Sinto muito senhor, mas não consegui identificar a voz.*

Devido ao forte calor do sol a pino, alguns colegas começaram a desfalecer e, foram levados para a enfermaria, enquanto os demais permaneciam em forma e na posição de sentido sob o sol escaldante. Aquele tratamento desumano durou por volta de uma hora, não sei ao certo. Quando perceberam que ninguém iria “caguetar,” decidiram liberar-nos. Corri juntamente com outros para a torneira de jardim mais

próxima, saciando a sede com água quente. No entanto mais forte que a sede era a chama inquietadora que se acendera dentro de mim:

Isto é educação ou adestramento? Esse é o tipo de instituição que eu gostaria de trabalhar? A carreira militar é o melhor caminho? Tudo isso faz parte de um rito de passagem para nos tornarmos adultos e cidadãos respeitáveis? É isso que terei que fazer com as pessoas futuramente? É esse o tipo de trabalho que almejo para o resto da minha vida? Qual o caminho a seguir?

Aquele evento foi o grande divisor de água na minha vida. Apesar das incertezas da vida como civil, da completa falta de segurança, não era aquilo que eu almejava para minha vida.

Voltamos a Jablonka (2021, p. 215)

(...) o imperativo de virilidade é um fardo, e o dominante acaba dominado por sua própria dominação. O mandato pesa sobre o menino, o jovem, o soldado, o amante, o pai – todos são vítimas da alienação masculina. Uma criança é particularmente vulnerável à cultura machista. Os ritos de passagem, a violência “educativa” e a tirania do pai de família visam fazer coincidir, no menino, sexo e gênero: esconder as fraquezas, negar as emoções, portar-se como “um homem”.

Aquele fato foi o verdadeiro ponto de mutação, a tremenda decepção com aquela instituição. Tinha que buscar novos caminhos as forças armadas não me inspiravam em nada.

Figura 10 - Tempos de violência



4. Década de 1970 - Ponto de Ruptura

4.1 Adentrando um novo mundo: Universidade Federal do Ceará (1972)

Não foi fácil, nada fácil...foi desafiador!

Não sei nem como começar, nem por onde começar... Vivenciei muitas coisas positivas e negativas e sei que não posso continuar empurrando o lixo para debaixo do tapete. Sinto até um frio na boca do estômago, pois foi uma década de muita confusão e perturbação. Ainda bem que tive bons mestres e amigos que me ajudaram a ultrapassar essa etapa conturbada da minha vida.

Em 1972, ingressei na Universidade Federal do Ceará através de um vestibular, e foi um verdadeiro marco na minha vida. Naquela época, os estudantes aprovados tiveram uma oportunidade ímpar: ingressamos na Universidade Federal do Ceará e, durante um semestre, teríamos que cursar disciplinas básicas. Somente no final do semestre poderíamos escolher o Curso ou Faculdade que desejávamos. Então no período de 1972.1 tive que cursar disciplinas como Matemática, Física e Biologia Introdutória que não tinham nenhuma conexão com as futuras grades curriculares.

Até hoje, não consigo entender este primeiro semestre, de tão desgastante e estressante. O fato mais inusitado que ocorreu foi conhecer o Coordenador do Curso Básico que não durou mais que um ano; o Professor Moreira Campos¹¹, (1914/1994) que demonstrou uma grande habilidade em evitar conflitos, em um período de grande instabilidade. Graças a ele, pude entrar em contato com um dos professores mais

¹¹ José Maria Moreira Campos, foi um contista brasileiro traduzido para o alemão, francês, hebraico, italiano e inglês.

sensíveis e criativos que tive na minha vida. Estou falando do amigo inesquecível Professor Mario Baratta, advogado, artista plástico e professor universitário (1915/1983); que por sua vez, me apresentou outra alma iluminada, que me apresentou a magia da fotografia e dos filmes de arte, Eusélio Oliveira¹² assassinado em 1991.

Naqueles primeiros meses, sofri uma profunda angústia crucial gerada pelas incertezas: o que fazer da minha vida? Cursar Letras? História? Ciências Sociais? Direito ou Medicina? Jornalismo? O que fazer?

Quando, fui apresentado ao Mestre Baratta me senti profundamente atraído pelo Direito, mas, as dúvidas ainda pipocavam dentro de mim. Em um final de semana estava eu me balançando na rede no alpendre do sítio quando ele tossindo muito devido ao enfisema pulmonar sentou-se ao meu lado e perguntou:

*-O que está te deixando assim? Parece um siri na lata.
 -Eu não sei o que fazer da minha vida, sinto atração por vários cursos... Mas, não sei por qual decidir; são caminhos diferentes.
 -Escuta o seu coração, vê qual deles te faz vibrar mais e vai em frente! Se lá na frente sentir que não era bem aquilo que você desejava, tenta outra coisa, mas, não desista. Insista, persista e vai em frente viu?
 -Mas eu me sinto sem tutano, tenho muito receio...! E se eu quebrar a cara?
 -Faz parte da vida cair, se quebrar, se emendar... Nascer bicho gente, implica em fazer merda...Não existe felicidade eterna e nem perfeição em nada na vida. Olha, para de querer acertar, ser palmatória do mundo isso não leva ninguém a lugar nenhum. Além do mais, você não deve nada a ninguém. Você veio aqui para viver, então viva! Viva em plenitude! Se um dia olhar para trás e descobrir que talvez tenha feito escolhas equivocadas, apenas sorria e lembre: Fiz por amor!*

E recitou um trecho de um poema de Pessoa¹³:

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
 Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho
 Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida
 Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
 Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia
 Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia
 Não, são todos o ideal, se os oiço e me falam
 Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil
 Ó príncipes, meus irmãos
 Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?

Como ele gostava de poesias, e as lia com os olhos do coração, e, quando as recitava, tudo se transformava! Até a voz ficava mais límpida, clara e sonora. E eu

¹² Fundador da Casa Amarela em 27 de junho de 1971, oferecendo cursos de fotografia, cinema e animação.

¹³ Poema em Linha Reta de Fernando Pessoa (Álvaro de Campos)

ficava embevecido, sorvendo cada verso como um néctar divino. Gostaria de ter herdado sua memória e a capacidade de interpretação.

4.2 Faculdade de Direito

De repente o sonho se desfez, e, eu que sempre fui devaneador, inventivo, criativo, fantasiador e idílico entrei em contato com outra realidade. Segundo a minha mãe, eu vivia no mundo da lua; e, de repente, caí na dureza da vida. Logo no início desbundeí e paguei um preço alto.

Foi um período em que estive confuso e perdido. Foi logo quando entrei no segundo semestre da faculdade, em mil novecentos e setenta e três. Nesta época descobri Canoa Quebrada¹⁴ e sua liberdade, um paraíso no meio do inferno da repressão e autoritarismo da ditadura.

Momentos turbulentos em que me sentia um verdadeiro aríete buscando quebrar os padrões e valores vigentes. Cheirava, fumava, bebia tudo sem moderação. Certa vez, tomei um chá de zabumba¹⁵ em Canoa Quebrada e perdi a consciência, vindo a despertar em Quixaba, município vizinho, onde fui acolhido por um casal da comunidade. Eu estava queimado de sol e fui tratado com uma pasta de água de coco e goma. O resultado é que não ficou nenhuma marca na minha pele das queimaduras sofridas. Um casal de pescadores me encontrou vagando na praia, apenas trajando uma sunga e completamente desorientado. Eles me acolheram, me alimentaram e cuidaram da insolação. Passei dois dias praticamente montado em uma rede sem conseguir dormir e eles se revezando noite e dia me cuidando e tratando das lesões solares. Não me faltou alimento, bebida ou companhia, eles se revezavam, não me julgaram, nem me repreenderam, outrossim me vestiram com bermuda, camiseta e chinelos.

Esta foi outra grande lição de aceitação incondicional do outro. Quando voltei para Fortaleza, a confusão estava no ar. Minha mãe, apesar de temerosa, tinha certeza de que eu não havia me afogado. Coração de mãe é coração de mãe. Quando cheguei esperava um estouro da boiada e uma explosão daquelas, mas ouvi apenas o seguinte: *– Até quando você irá continuar com esse processo autodestrutivo?*

¹⁴ A lenda diz que o nome advem devido um português que quando chegou a praia seu barco quebrou e ele o abandonou com os índios que habitavam a região.

¹⁵ Planta com propriedades alucinógenas

Ela não me ordenou nada, não tomou nenhuma atitude repressora. Apenas questionou-me e nada mais. Foi naquele momento que decidi parar, repensar e buscar novos rumos. Também não fui censurado pelo meu terapeuta na época. Ele simplesmente falou: – *Somente quem já provou de todos os cálices, poderá um dia sentir a dor do outro.*

Foi ele que me incentivou a estudar línguas, e, logo após matriculei-me no Centro de Cultura Germânica e Centro de Cultura Britânica. Comecei a frequentar exposições de arte e tornei-me fã da programação de cinema da Casa Amarela. Hoje, trago dentro de mim uma grande certeza: a arte traz consigo um imenso poder de cura!

Foi também por essa época que apaixonei-me pela didática do Dr. Mário Baratta. Ele escolhia temas polêmicos, e nós livremente optávamos por qual iríamos pesquisar e trabalhar, nas posições de defesa ou ao contrário (júri simulado).

Os temas eram desafiadores: “A redemocratização”; “A legalização do Aborto”; “A legalização da maconha para uso medicinal” etc.

Infelizmente, a minha escolha, “A legalização do Aborto”, gerou uma grande celeuma. Se hoje esse tema é incendiário imagina em 1973. Tive a ajuda do coordenador do Centro de Cultura Germânica, que me forneceu todo o material de pesquisa devidamente traduzido. Mas, na hora da apresentação, o que gerou a discussão acirrada foi uma transparência com uma obra de arte de Frida Kahlo. Somente na “Aba Filme” que ficava ao lado do Cine Diogo, eles confeccionavam este tipo de trabalho que era bem dispendioso. Quem bancou foi o meu mestre, pois eu não tinha meios.

Figura 11 - Frida Kahlo - Aborto



Foi um verdadeiro caos em sala de aula. Nunca na minha vida havia passado por uma situação semelhante. Precisou o Professor Baratta intervir e levar o

grupo a direcionar a crítica para um outro lado; afinal de contas não era a arte de Frida que estava sendo objeto de estudo. A minha pesquisa elaborada e fundamentada em jurisprudência estrangeira não havia sido levada em consideração em momento algum das observações da apresentação. O grupo só via a imagem de “pornografia pura”, “atentado ao pudor” etc. Naquele instante tive plena consciência do momento sombrio que vivíamos.

Este foi o meu primeiro encontro com a arte de Frida Khalo; e, no escritório do Dr. Mário comecei a entrar em contato com outro tipo de biografia. Frida foi uma mulher muito além do seu tempo. Sua pintura era autobiográfica. Ela nos mostrava, através dos seus autorretratos, seu cotidiano suas lutas, suas vitórias e suas derrotas. A partir deste momento, passei a questionar os nossos heróis nacionais e a buscar outras narrativas de vida mais autênticas. Foi também nesse período que nasceu a minha amizade com um dos artistas plásticos mais criativos que conheci: Sigbert Franklin (1957-2011),¹⁶ meu amigo inesquecível um amigo que me apresentou o beco de Batman (São Paulo capital) com suas pinturas em grafite.

4.3 Abuso de poder

Eu e Pádua¹⁷, outro amigo, conhecido como “Ligeirinho” na Casa Amarela, tornamo-nos grandes companheiros, praticamente unha e carne e não perdíamos uma sessão do cinema de arte do Cine Diogo, sempre às sextas feiras. Nessa época, eu e Dona Neuzinha tínhamos voltado a morar na velha casa da Dom Manuel 960, próximo à avenida Duque de Caxias¹⁸. Meu pai continuava no sítio, e todos os finais de semana nós íamos para lá. Nossa casa ficava próxima à esquina onde hoje funciona o Banco Central; e lá ele pegava o último ônibus de volta a casa. Nessa época não tínhamos histórico de assaltos a mão armada. A violência existente provinha de outras fontes.

Estávamos tão entretidos com a discussão do filme que não notamos a aproximação do Fusca da polícia. De repente sentimos algo duro como um cano de revólver nas costas: *–Estão vindo de onde?*

Quando respondemos que estamos vindo do filme de arte do Cine Diogo, as agressões aumentaram.

¹⁶ Foi um artista plástico e ilustrador nascido em Fortaleza e que passou a atuar profissionalmente em 1975

¹⁷ Antonio de Padua Leitão Barbosa, estagiário da Casa Amarela

¹⁸ Centro da cidade de Fortaleza

–Hum! Casalzinho de baitolas! Ou será um par de maconheiros? Vamos ver o que tem por aí, passa a bolsa, e vamos logo tirando a roupa. E não esqueçam dos documentos de identificação.

O meu amigo estava mudo, apavorado, pois, a pouco tempo, um conhecido nosso havia sido agredido em uma blitz semelhante a esta e os policiais depois da revista haviam quase empalado o rapaz com um cassetete.

O fato de obrigarem-nos a tirar a roupa na frente deles era muito humilhante. Além disso usavam lanternas nos nossos rostos. Fiquei temeroso com o que poderia acontecer. O Pádua estava usando uma sunga minúscula preta por baixo das calças, o que foi mais um motivo de chacota pelos policiais.

–Eu mandei tirar tudo. Tá surdo franguinho! Tudo é tudo! Tira logo a roupa vai!

Fomos, então, salvos pelo respeito ou temor da Ordem de Advogados do Brasil, pois o policial que estava revistando nossas bolsas descobriu a minha carteira de estagiário do Fórum Clóvis Beviláqua.

–Opa! Pera aí! (gritou para o outro). O desbotado está envolvido com o pessoal do Fórum, melhor liberar os veadinhos, senão a gente vai arrumar sarna pra se coçar.

Jogaram nossas roupas, tênis, sandálias, bolsas, cadernos, livros e documentos nas margens imundas do riacho Pajeú. Eu não conseguia nem atar o cadarço do tênis, nem encontrar minhas cuecas. O resultado foi que cheguei em casa descalço e seminu. Quando chegamos e narramos o ocorrido para a minha mãe, ela foi assertiva:

–Primeiro vamos ligar para casa dele. Deixa que eu explico para mãe dele o que aconteceu. Outra coisa, a partir de hoje, Pádua, você vai dormir aqui toda sexta feira, e os dois irão mudar de caminho, nem que seja mais longo. Mas ninguém vai deixar de ir ao cinema por causa desses psicopatas de farda.

Não demos queixa na polícia. Seria uma temeridade, pois naquela época eles podiam tudo, e, com certeza haveria uma retaliação perigosa. Tivemos que engolir aquela humilhação e outras mais durante aquele período sombrio da ditadura militar.

4.4 Casa Amarela

Nessa época, eu sentia muita atração pela arte e suas formas de expressão. Iniciei minha busca participando de uma oficina de teatro no Teatro Universitário¹⁹; mas foi um fracasso. Eu era muito reprimido e contido. O problema não eram jogos e improvisações. Eu não estava pronto para aquele tipo de trabalho. Às vezes, exercícios simples exigem do participante uma grande cota de entrega e abertura. Somente muito tempo depois através da Biodança, é que consegui entrar em contato com as minhas limitações e comecei a diluir as minhas coraças.

Um belo dia, o Professor Mario me convidou para assistir a um filme na Casa Amarela, “O encouraçado Potemkin”, de Serguei Eisenstein. Descobri que a revolta narrada no filme realmente havia acontecido, e que o fato era verídico tendo ocorrido em 1905. Isso e muito mais foi discutido após a sessão de cinema na Casa Amarela. A minha mente ia gradualmente se expandindo.

Aquele foi o início de uma grande amizade. Todos os anos eu participava do Curso de Cinema ministrado por Eusélio Oliveira, e todos os anos ele conseguia inserir formas de ministrar o mesmo conteúdo de maneira diferente. Não era algo repetitivo. Sempre haviam possibilidades de novas percepções.

Figura 12 – Certificado Curso Básico de Cinema



¹⁹ Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno, equipamento cultural da U F C vinculado à Secretaria de Cultura Artística, SECULT – Arte- UFC

4.5 Maria da Conceição

Nesse período eu havia me afastado do teatro e estava enamorado pelo cinema e a fotografia. Participei até de uma oficina de Cinema Super 8 ministrada pelo Eusélio. Nas noites de sexta feira, eu e Pádua sempre acabávamos encontrando alguém motorizado para sair pela cidade sem destino. Numa dessas sextas feiras, em que entramos em divergência sobre ir ou não a sessão de Cinema de Arte do Diogo, e, decidimos aventurar-nos a conhecer o Farol do Mucuripe²⁰, onde conhecemos Maria da Conceição.

A ideia nos foi dada por uma outra amiga muito parecida com a falecida Rita Lee, ruivinha e, assumidamente transgressora. E lá fomos nós, o trio para a noite do engradado. Chamávamos a noite do engradado porque a meta era beber um engradado de cerveja e depois ir tomar banho de mar ao amanhecer na Praia do Futuro, na época completamente deserta. Não importava onde ficava o bar, o importante era ter uma cerveja barata e estupidamente gelada, se tivesse alguém com um violão, melhor ainda. Quanto mais heterogênea a clientela, melhor.

Naquela época vivíamos momentos sombrios de muita repressão, alguns livros só nos chegavam às mãos em forma de textos mimeografados. Eram livros transcritos em papel estêncil; em seguida colocava-se o estêncil no mimeógrafo com folhas em branco e então girava-se a manivela para obter uma cópia. Ter uma máquina Olivetti²¹ naquela época era sinônimo de fartura. Usávamos o mimeógrafo a álcool pois era mais fácil de transportar. Ainda não haviam sido criadas as máquinas Xerox.

Voltando a pegar o fio da meada, quando chegamos ao bar, estavam separando duas mulheres que haviam chegado às vias de fato. Uma delas sofreu uma incisão profunda na mão esquerda e seria necessária uma sutura. A nossa colega de noite ofereceu-se para que a levássemos ao Instituto José Frota próximo à Faculdade de Direito. Nessa viagem, começamos a descobrir a história sofrida de uma pessoa autêntica, sincera e guerreira.

Algo aconteceu conosco. Ganhamos a amizade e carinho de Maria da Conceição. Ela foi a grande inspiração para a escrita de um dos meus primeiros textos.

²⁰ Na década de setenta um local de prostituição e boemia.

²¹ Máquina de escrever muito famosa antes do surgimento do computador.

Foi uma pessoa iluminada que nos ensinou a noção rogeriana da aceitação incondicional, a máxima de Carl Rogers²²: sem julgamentos.

Sempre fui extremamente curioso, e muito do que aprendi foi por meio de pessoas que cruzaram meu caminho. Claro que aprendi também com as minhas escolhas equivocadas e minha impulsividade. Olhando para trás não me arrependo de nada que vivi. Estar aberto a pessoas como Maria da Conceição possibilitou-me entrar em contato com outros mundos discriminados pela burguesia.

Jamais esquecerei aquela mulher graúda, de contornos marcantes e seios fartos que amava esmalte vermelho vibrante, aquela maçaroca de cabelos escuros e cacheados que volta e meia descolociria com água oxigenada, para incrementar a clientela. Ela foi a grande musa demolidora de crenças e tabus.

De vez em quando, enjoava dos anéis dos seus cabelos e “passava o ferro” para eles ficarem lisos. Tinha apenas uma séria resistência: odiava ostentar marcas de chupões no pescoço e, quando era afligida por um, sempre o cobria com um lenço colorido.

Entre a gente aconteceu algo inesquecível. Foi ela quem me ensinou a dançar bolero! Até seu suor era inebriante, tinha um cheiro gostoso de “paticholi”! Dançávamos, brincávamos o jogo de sedução, permitíamo-nos sentir o cheiro, o toque e o gosto... e nada mais.

Ela era minha amiga e confidente. Ela me escutava e eu correspondia numa relação serena e sem cobranças. Tivemos noites inesquecíveis, regadas a cerveja e cigarro Continental.

Um dia soubemos que ela havia adoecido. Uma infecção urinária se transformou em septicemia e ela não resistiu. Sentei-me em uma mesa de bar e escrevi o que imaginava ser um poema. Não lembro como o batizei na época. Foi uma longa trajetória até chegar simplesmente a esse título “Maria da Conceição”.

LUZ NA PENUMBRA, FUMAÇA. À MEDIDA QUE ELA FALA, A LUZ
AUMENTA GRADATIVAMENTE.

*Hoje acordei cansada. Olhei-me no espelho e dei conta que estou
ficando velha.*

Rugas de sofrimento, olheiras de noites em claro...

E um cansaço que me corrói por dentro.

²² Psicólogo estadunidense que desenvolveu a Abordagem Centrada na Pessoa.

*Aí, eu soube que vocês estavam aqui e vim para bater um papo.
(PAUSA, ELA DÁ UMA LONGA TRAGADA E SOLTA A FUMAÇA NO AR).*

Estou cansada, exausta...

*Cansada de promessas, de fachadas, de gente bela sorridente e podre.
Estou cansada de honestos velhacos, de porcos beatos, de ser usada
por chefões e cafetões.*

Estou cansada de ser objeto de consumo dos finais de semana.

Tô cansada de ser apalpada, lambida e trepada.

Cansada de sentir tudo e não poder fazer nada.

Ah perdão! Esqueci da apresentação

Sou Maria da Conceição, puta de profissão.

*Nada de "Call Girl". Sou puta mesma! "Made in Brazil" e produto de
exportação.*

Qual a minha especialidade? Clínica Geral.

*Faço de tudo, com um, com dois... até três, desde que renda bom
dinheiro, é claro!*

Quanto cobro? Hum... Depende né.... Dos gostos do freguês!

Vareia né? Quanto mais gosto mais caro sai...

*Além do mais a vida tá pela hora da morte e tenho que pagar casa,
comida, roupa e outros trechos.*

Só não pago água, luz e telefone.

Infelizmente esses luxos não são pro bico da mamãe aqui não.

*O que é uma pena sabe! Imagina só o que eu não lucraria fazendo o
negócio na base da luz negra, sistema de som, hora marcada e outros
baratos?*

Mas, deixa pra lá. Quem pode fode.

*Local de Trabalho? Farol. Aquela luzinha que pisca assim, chamando os
fregueses que passam de navio.*

*Horário de trabalho? Qual é meu filho? Qualquer hora é hora, num tem
essa de hora marcada não. Escreveu não leu o pau comeu e estamos
conversados.*

*E não precisa ficar preocupado, pois fora o trabalho da madame aqui,
você não precisa pagar nenhum imposto ou taxa extraordinária.*

Tempo de serviço?

*Dez anos, sem faltar um dia sequer. Nem mesmo quando peguei um
baita de um "esquentamento" faltei ao trabalho. Sou uma profissional
bastante responsável e cumpridora dos seus deveres.*

ACENDE UM OUTRO CIGARRO

*Domingo, feriado e dia santo ali no batente. Mas bom mesmo é a sexta
feira! A freguesia aumenta nossa.*

Férias eu? Quem sou eu para ter férias?

*Não tenho carteira assinada, não tenho "institute", nem PIS, nem
PASEPE, nem FGTS. Não tenho porra nenhuma.*

Férias? (SOLTA UMA GARGALHADA). Quem me dera!

Mas, olha aqui.

Também não sou fichada na polícia, tá? Tenho muitas boas amizades, graças a Deus. Já tive até um caso com um delegado de polícia viu?

Isso (PASSA A MÃO NO SEXO) já me quebrou tanto galho!

Certidão de nascimento? Pra que? Nem sei que foram os autores desta obra clássica nordestina!

Analfabeta eu? Corta essa. Qual é a tua “saporil”? Dobra a língua, sou muito bem letrada até; aprendi tudinho na casa aonde fui abandonada e criada. Lá eu fazia de tudo, varria, espanava, lavava, passava, cozinhava, fazia cada prato difícil! Lia tudo quanto era livro de receita. Nos aniversários então eu me garantia. Aí o “desgramado” do filho da patroa me emprenhou. E fui parar no olho da rua.

Daí pra cá vocês podem imaginar a desgraceira, me “intrubiquei” toda!

Por que sou puta? Destino... Filha da puta putinha é... Pobre, abandonada, abastada, com treze anos e ainda por cima buchuda. Que é que eu poderia ser? (IRONIZANDO)

Engenheira? (IRONIZANDO)

Quantos? Não sei, já perdi a conta. Já dormi com homens de todas as cores, credos e odores. Padres, jovens, velhos, casados, solteiros, viúvos, veados e desquitados. Pastores? Também é claro! Comigo eles podem esquecer o que pregam e ser o que são.

Todo mundo.... Todo mundo já passou na minha cama. Todo mundo já provou de mim...

(TRAGA PROFUNDAMENTE E LANÇA A FUMAÇA PARA O AR)

Estou cansada... Cansada de tomar “Tetrex”, cansada de apanhar da vida, de sentir nojo dos outros e de mim. Estou cansada de ser ninguém...

Já imaginaram o que tenho que aguentar? Sabe lá o que é rebolar, gemer e fingir gozar quando na realidade se tem é vontade de vomitar? Não, vocês não sabem.

São tudo gente de família (IRONIZANDO). Estão aí, sentadinhos, limpinhos, perfumados e bem jantados, prontos para aplaudir ou vaiar dependendo dos seus interesses pessoais.

Tá rindo de que? É muito fácil rir da miséria alheia, não é?

É muito fácil gritar: Vai trabalhar vagabunda! Mas eu queria ver você dando o rabo cinco vezes numa noite e continuar alegre e lampeiro.

Estou cansada...

(APAGA O CIGARRO COM A PONTA DO PÉ)

Cansada de falar e ninguém ouvir

Para que falar? Para que chorar? Para que gritar?

Ninguém escuta... ninguém quer escutar ou ver nada!

Está escuro, acho que vai chover preciso ir andando.

(LUZ EM REOSTATO)

Quando finalizei levei o texto para o meu amigo Pádua (o Ligeirinho) ler. Acabei distraíndo-me, indo não sei aonde e deixei o caderno aberto sobre a mesa. O

Eusélio viu, começou a ler e carregou para a sala dele. Quando voltei e dei por falta do caderno, comecei a procurar. Ele abriu a porta da coordenação e me chamou com aquele vozeirão: –*Arruda, vem cá.* Nesta época, eu ainda era conhecido como Arruda. Ele aboletou-se em cima da mesa e começou a falar: –*Eu vi esse caderno aberto na recepção, fiquei curioso e comecei a ler. Quem escreveu foi você? Como é que isso surgiu?*

Comecei a narrar o que já compartilhei acima. Quando terminei, ele veio até a mim apertou meu ombro com aquelas mãos de torquinete e bradou:

–*Gostei do que li! Menino, já pensou em escrever para teatro?*

–*Não...*

–*Pois tá na hora, viu? Tá na hora de assistir teatro, ler teatro e fazer teatro.*

E me deu *O romance do Pavão Misterioso*, uma adaptação da literatura de cordel. O texto dramático que acima transcrevi é muito significativo na minha pequena longa jornada. Trazê-lo como companheiro de lembranças e reflexões, além de ser uma oportunidade de registro da minha primeira dramaturgia, também é uma forma de homenagear uma amiga inesquecível, Maria da Conceição.

Logo depois, por intermédio do professor Mário Baratta, fui entrando em contato com a literatura dramática (destinada ao teatro). Ele me emprestou William Shakespeare, Nelson Rodrigues e outros. Ele tinha uma biblioteca muito diversificada cujo destino infelizmente desconheço. Diante dessa lembrança, permito-me outra reflexão: as pessoas que gostam de ler e possuem bibliotecas deveriam repensar sobre seus legados. A maioria dos jovens que têm cruzado minha vida não tiveram acesso a boas bibliotecas e morrerão sem oportunidade e prazer de garimpar textos e livros raros.

4.6 Ouvindo os conselhos dos amigos Gilmar de Carvalho e Roberto Leão

Nesta época da faculdade conheci pessoas incríveis, como a Professora Dalva Estela²³ (1924-2018), a professora Gracinha Soares²⁴ (1940-1982), o professor Edilson Soares²⁵ (1935-2016), o poeta Luciano Maia, o artista plástico Sigbert Franklin (1957-2011), o professor Geraldo Markan²⁶ (1932-2014), Dona Ignez Fiuza²⁷

²³ Professora do Conservatório Alberto Nepomuceno

²⁴ Professora do Curso de Arte Dramática, casada com o Edilson Soares.

²⁵ Prof. de Interpretação do Curso de Arte Dramática da UFC

²⁶ Professor, antropólogo e artista, co-fundador do grupo Balaio

²⁷ Considerada uma das maiores incentivadoras de Artes no Ceará, abriu uma galeria de Artes na década de 70;

(1925-2016). Esta organizou a única exposição do Professor Mario Baratta na sua galeria que funcionava na Avenida Rui Barbosa não me recordo o número.

Um mundão de gente boa cruzando o meu caminho! Foi um período em que era fácil você esbarrar com compositores como Fagner, Belchior, Ednardo no bar do Anísio da Beira Mar. Mas nem tudo era um mar de rosas. Vivíamos momentos de censura.

Foi um período em que eu ainda estava meio desarvorado. Ter um diploma era apenas um começo, e, felizmente o universo conspirou ao meu favor, e, esbarrei com pessoas como o Gilmar de Carvalho²⁸ (1949-2021), um intelectual sensível e de uma sabedoria ímpar. Nunca vi Gilmar aparentar arrogância ou empáfia. Era uma pessoa extremamente simples e afável. Foram dele essas sábias palavras:

–Arruda, já dizia Jean Paul Sartre, família é como varíola: tem se na infância e fica-se marcado para o resto da vida. Sendo assim, não vai atrás de ajuda deles, pois não vai contar com ninguém. Faz um esforço, estuda, faz um concurso e vai à luta. Alguém vai ter que bancar os livros, os long plays, pagar as contas e principalmente as Cuba Libre no Duques e Barões²⁹. Você tem que sustentar o artista que mora aí dentro menino.

Ele tinha a mania de me chamar Arruda ou Arrudinha, de um jeito carinhoso e especial. Ele morava na rua Barbara de Alencar, próximo a minha casa na Dom Manuel.

Um dos últimos cursos que fiz no Instituto Brasil Estados Unidos (IBEU) foi com o professor Roberto Leão, (1943/2016) quando tive a oportunidade de estudar Teatro Norte Americano, e, assim me encontro tendo que estudar um texto em inglês e, ao mesmo tempo, compelido a fazer uma leitura dramática do mesmo. Vale salientar que nessa época, eu ainda era muito contido, tinha vergonha até do meu tom de voz muito grave. Foi Roberto que me possibilitou ganhar asas. Ele deu espaço para a minha fala, liberdade para pronunciar errado sem medo de ser julgado incompetente.

²⁸ Professor, escritor, jornalista, publicitário e pesquisador da cultura cearense.

²⁹ Bar na esquina da Duque de Caxias com Barão do Rio Branco frequentado pela boemia.

Figura 13 – Certificado de Drama Course



Roberto me fazia ler em pé, quando eu disparava ansioso, falando rapidamente e desejando finalizar a leitura, ele prontamente me interrompia e me fazia repetir o texto sentindo as nuances de cada palavra. Acredito que ele foi o meu primeiro professor de interpretação de textos. Foi ele também que me ensinou a respeitar o tempo do grupo, das pessoas, dos personagens. Cada um tem seu tempo processual: uns são mais rápidos e outros incrivelmente lentos.

Conduzir grupos, facilitar processos ou dirigir em qualquer área é estar ligado nos tempos de todos, e não apenas no seu tempo. Isso implica em estar conectado aos momentos das pessoas.

4.7 Grupo Balaio

Não posso encerrar essa década sem falar de um grande momento dessa minha jornada, quando, mesmo por um curto período fiz parte do Grupo Balaio. Meu primeiro encontro foi com o trabalho *“Castro Alves pede passagem”*. Lá, eu desempenhava o papel de assistente de direção. Foram meses de aprendizagens, o diretor, Marcelo Costa, além de dirigir, atuava, e nesta época não existia ainda o vídeo tape e, muitas vezes, ele usava o meu olhar como uma extensão do dele. O nosso diálogo após os ensaios era de fundamental importância para o desenvolvimento dos trabalhos, eu anotava todas as minhas percepções pertinentes ou não e discutíamos.

Foi nessa ocasião que comecei a diferenciar sensibilidade de susceptibilidade. Descobri a importância do feedback para todos que desejam seguir a carreira artística, pois, no nosso imaginário podemos pensar que estamos fazendo um trabalho perfeito, mas muitas vezes não estamos. O diretor não tem que dar apenas palavras de estímulo. Às vezes um feedback na linha amor/verdade é

absolutamente necessário. Algumas falas entre Castro Alves e Eugênia Câmara³⁰ eram sussurradas, mas este sussurro deveria ser ouvido na última fila do Teatro do IBEU. Se isto não estivesse acontecendo, alguém deveria informar ao diretor, que, no momento também desempenhava o papel de ator.

Marcelo era extremamente minucioso e detalhista, principalmente com empostação de voz, interpretação, figurino, cenário e iluminação; e acredito que trago esse cuidado nos meus poucos trabalhos graças à influência dele.

O Balaio teve sua origem na Cooperativa de Teatro e Artes (1972-1976), mas foi fundado por Gilmar de Carvalho (1949-2021) e Geraldo Markan (1929-2001) em 06 de outubro de 1976.

Segundo Costa (2014, p. 20) o primeiro espetáculo do Grupo Balaio foi “*Cesarion, O Imperador do Mundo*”. O texto era de Geraldo Markan e a estreia aconteceu em 15 de dezembro de 1976. Costa (2014, p. 22) *Cesarion* tem sua ação no Egito e em Roma, envolvendo a vida do filho de Cleópatra e Júlio Cesar, envolve a intriga palaciana e a luta pelo poder. Uma peça histórica e psicológica, em uma estrutura de vanguarda, contrastando com o tema histórico.

Logo após *Cesarion* foi a vez da montagem “Castro Alves pede Passagem”, com estreia no Teatro do Ibeu em 1º de dezembro de 1977. Até aquele momento, eu imaginava que os palcos eram um mundo à parte e tive um batismo de crua realidade da qual o teatro fazia parte. Os atrasos eram frequentes, e os atritos aconteciam por motivos fúteis. Mas, o espetáculo estreou e foi um sucesso!

Então, um belo dia aconteceu algo inesperado: a atriz decidiu passar um final de semana em Natal e, simplesmente, abandonou a peça em cartaz. Foi uma situação vexatória ter de cancelar o espetáculo. Felizmente, conseguimos uma atriz substituta que, em poucos ensaios incorporou a personagem de forma impactante. Mas os problemas não terminaram aí. A atriz que fora substituída registrou boletim de ocorrência à polícia alegando difamação. Fomos obrigados a prestar depoimento na Secretaria de Polícia, na época situada na Praça dos Voluntários.

Até hoje, não entendo a causa de tanta celeuma. Uma coisa é óbvia: a atriz viajou para passar o final de semana em Natal, abandonando a peça em plena temporada, ponto final. Como consequência deste fato, tivemos que fazer uma

³⁰ Personagens da peça Castro Alves pede passagem.

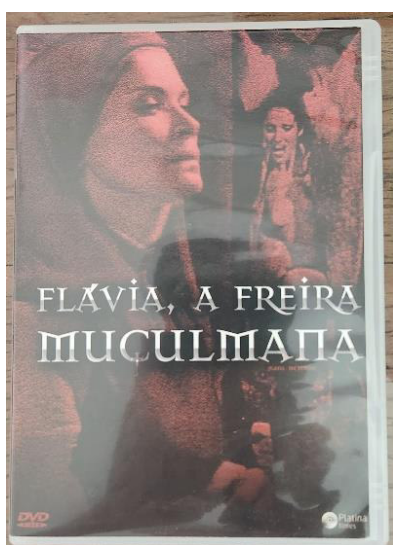
apresentação especial para a censura pois houve uma acusação de que o texto original estava sendo alterado.

Imagino que, graças a todos esses percalços o diretor Marcelo Costa na peça seguinte, procurou salvaguardar-se, modificando e amenizando o final do “*Rei do Ponto*”³¹.

Vivíamos momentos tenebrosos, o autoritarismo imperava, e a personagem libertadora, uma mulher no texto original jamais passaria a agir de forma semelhante ao tirano. Ansiávamos por liberdade.

Originalmente, o final da peça, havia sido totalmente inspirado em um filme de Florinda Bolkan de 1974 “*Flavia, a Freira Muçulmana*”. Se alguém tiver curiosidade para saber como seria o término da peça é só resgatar este belo filme, cuja reprodução, aliás, foi proibida durante muito tempo pela Igreja Católica.

Figura 14 - Capa de DVD do filme Flávia, a freira muçulmana



³¹ Peça de autoria de João Câmara, conhecido na época como Arruda Câmara

Figura 15 - Dis, João e Roselena



5. Década de 1980 - O que nos move?!

5.1 Como a educação transformou a minha vida

Estava saindo da década de 70, ainda profundamente abalado com o fim da jornada de meu pai. Ele transcendeu em 14 de julho de 1979, e os efeitos dessa partida reverberaram durante anos. Eu que fumava quase duas carteiras de cigarro por dia parei de fumar abruptamente. Largar um vício é algo desafiador; mas foi necessário. Parei de fumar cigarros convencionais e derivações também. Foi o tempo em que aprendi a correr na Beira Mar³², e essa correria desenfreada fez-se presente na minha vida durante muito tempo. Eu vivia correndo. Desaprendi a caminhar, desaprendi a ver a natureza. Quase me transformei em um ser robotizado.

Tivemos o início de um tsunami denominado processo de inventário para a execução do testamento. Foi quando passei a perceber a verdadeira essência de alguns familiares. Quando o dinheiro entra em campo, os laços de consanguinidade são esquecidos. E descobri que existem muitas interpretações sobre o significado da palavra ética.

Foram inúmeros obstáculos a serem transpostos, um deles a avaliação de bens imóveis. No período da primeira avaliação a minha cota parte era suficiente para aquisição de um apartamento no Bairro de Fátima³³, mas, quando fui receber mal deu para cobrir a entrada de dez por cento em um financiamento de um apartamento antigo e cheio de problemas localizado na Rua da Paz, no Mucuripe. Na verdade, o

³² Calçadão que compõe a orla marítima de Fortaleza – CE.

³³ Bairro residencial com perfil socioeconômico de classe média.

mais adequado teria sido fazer uma nova avaliação dos imóveis inventariados, pois vivíamos uma inflação descontrolada; mas, acabei por seguir os conselhos da Dona Neuzinha:

- Na nossa família nunca houve brigas por dinheiro. Existem algumas pessoas que pensam que quando morrer irão levar alguma coisa consigo. Esquecem que caixão não tem gavetas, mortalha não tem bolsos e não existe agência bancária nem no andar de cima, nem no andar de baixo. Meu filho, infelizmente, esta é uma realidade em todas as famílias. Alguns só veem o próprio umbigo e nada mais. Criei você pro mundo, não foi pra mim. Você é inteligente e batalhador. Vá à luta de cabeça erguida e nada há de lhe faltar. Deixa-os pensarem que saíram ganhando. Dinheiro ilegítimo jamais trará felicidade.

A partir disso, afastei-me gradativamente da família, mantendo apenas contato com a minha irmã mais velha que era uma artista obrigada a ser “do lar”, na verdade era uma pintora fantástica. Fui viver a minha vida e buscar novos caminhos. Não considero essa opção como uma fuga e sim como um tempo voltado para minhas escolhas, numa atitude de autocuidado. Foi um momento pessoal. Lá por dentro algo me dizia que estava chegando no limite e que teria de procurar ajuda. Pensei em procurar um psiquiatra e tomar alguns remédios, mas ainda bem que uma amiga, Dra. Emirene Lima Verde, me indicou o profissional adequado: Dr. Jackson Sampaio, que tinha um consultório na Praça da Polícia. Eu não teria problemas em sair da agência bancária onde trabalhava e ir discretamente fazer terapia. Vivíamos em um momento que não era aconselhável divulgar que estávamos fazendo terapia. Havia muito estigma, podendo causar inclusive prejuízos profissionais.

Os primeiros anos trabalhando em uma instituição financeira foram muito frustrantes. Primeiramente, eu fazia parte da leva dos concursados, e, naquela época prestar concurso para ser admitido em uma empresa pública não era visto com bons olhos, ser indicado por um político influente era uma prática comum. Além disso, eu era bacharel em Direito e, mesmo não sendo advogado concursado da empresa, eu questionava os desmandos e autoritarismos gerenciais, o que me causou alguns dissabores e conflitos.

O trabalho estressante, repetitivo e monótono não me trazia nenhum retorno em termos de significado existencial. Começaram a surgir questionamentos em minha cabeça, que eu compartilhava com o meu médico, e foi o processo

terapêutico conduzido por ele que preservou a minha saúde mental neste período. Graças a nossa relação, pude ler e reler as matérias do jornal O Saco do qual ele participava na parte editorial.

Nunca fui muito aficionado em televisão. Sempre fui viciado em cinema, e as telenovelas jamais exerceram qualquer fascínio sobre mim. Televisão servia apenas como meio de acoplar o aparelho de VHS³⁴; outro tesouro era um toca-discos com amplificador, tudo da marca Gradiente. O apartamento era muito simples, os livros em prateleiras de madeira e tijolos vermelhos, tapetes de coxins, almofadas indianas; tudo contribuição de amigos e conhecidos.

Na parede, apenas os quadros do “Mirim Circo Show,” presente de J. Arraes³⁵ e meu retrato pintado pelo Dr. Mário Baratta. Ainda me dava por satisfeito, pois com o que me sobrara da herança paterna, tinha me possibilitado dar uma entrada em um financiamento draconiano num apartamento maltratado pelo tempo, cheio de infiltrações, mas eu não precisava pagar aluguel, e, como não havia elevador, o condomínio era bem mais acessível. No início, não dei muita atenção aos vazamentos, conseqüentemente, em decorrência de uma lastimável inundação acabei tendo um prejuízo grande, perdi livros queridos, (coleção completa de Monteiro Lobato, Júlio Verne, Enciclopédias Delta e Barsa, coleção dos jornais O Saco, todos os números do Pasquim e do Lampião), e a minha coleção de filmes de arte em fitas VHS.

Nunca ouvi da minha vizinha um mísero: Desculpe! e tive que aprender a lidar com a perdas de preciosidades. Esta foi a minha primeira lição de desapego. Desde então tenho procurado evitar colecionar muita coisa.

Descobri na própria pele que estar inserido no mercado de trabalho não significa autorrealização, e os três primeiros anos do emprego na instituição financeira foram um verdadeiro teste de resiliência. Até que ponto eu suportaria a pressão, a prepotência e o estresse? Assim, começaram a surgir mil e um questionamentos:

Onde buscar o crescimento individual e a realização profissional naquele deserto de humanidade? Não fazer nada para mudar alguma coisa ou correr o perigo de não fazer nada e fenecer na mesmice? Escutar a voz da razão e ignorar a intuição? Crença ou descrença na possibilidade de mudanças? Como conseguir uma harmonia

³⁴ O Vídeo Home System (VHS, ou sistema Doméstico de Vídeo) é um padrão comercial para consumidores de gravação analógica em fitas de videoteipe. O sistema foi desenvolvido pela Victor Company of Japan. (JVC)

³⁵ Participou da SCAP (Soc. Cearense de A. Plásticas) expos em VIII Salão de Abril (1952) IX Salão de Abril (1953) X Salão de Abril (1954) XI Salão de Abril (1955)

entre o ser e o agir? Será que a Bíblia não é apenas uma coletânea de preceitos morais para nos manter submissos e comportados? Falamos tanto em caridade para combater a miséria, mas, não seria a miséria um produto da falta de amor? Tem alguma valoração na oração, não é tudo igual? Será que o verdadeiro Jesus não é aquele descrito por Fernando Pessoa? Como preencher este vazio interior?

É importante salientar que nunca me senti vazio quando fazia teatro. O vazio não existia quando eu estava envolvido com arte. Todos me diziam: Você tem que trabalhar para sobreviver. E eu refutava: Sobreviver? Mas, para quê? Numa época de grande desemprego, eu havia passado em um concurso, gozava de uma estabilidade fictícia e uma compensação financeira medíocre. Aquilo não era suficiente?

Ainda bem que não larguei a terapia. Sentia-me um fracassado de paletó e gravata; até que caiu nas minhas mãos uma citação de Samuel Beckett³⁶: *Sempre tentei, sempre fracassei. Não importa, tente de novo. Fracasse de novo, fracasse melhor.*

Eu me sentia inútil naquilo que estava fazendo. A sensação era de caminhar em uma lagoa, sentindo o fundo lodoso que me sugava e impedia o caminhar. As águas eram turvas e o outro lado da lagoa parecia estar infinitamente longe. E se eu largasse tudo, como faria para conseguir um novo emprego? Como iria me sustentar sem a ajuda de alguém? Tinha que buscar algo que trouxesse a possibilidade de sobrevivência e significado. Na realidade não tinha a menor ideia do que poderia acontecer ou surgir em meu horizonte carregado de nuvens sombrias.

Na década de oitenta o *boom* de livros de autoajuda estourou no mercado. Apesar das minhas tentativas, nunca encontrei nenhuma resposta naqueles que li. As coisas jamais saíam do jeito que eu desejava. Parecia que eu atraía o fracasso. Foi uma época na qual aprendi a acolher o indesejável. Mas sempre tive uma grande resiliência às frustrações, e, nesta época, surgiu um concurso interno para ser advogado do banco onde trabalhava. Como, já havia prestado exame na Ordem de Advogados do Brasil e inscrevi-me prontamente.

Participei da primeira etapa com sucesso, mas, na véspera da prova da segunda etapa, minha mãe convidou-me para almoçar. Era um dia de sábado, e ela

³⁶ Livro de Pema Chödrön Fracasse, Fracasse de Novo, Fracasse Melhor

esmerou-se; havia até preparado o meu pudim predileto, “Montanha Suíça”. Estava eu deliciando-me quando ela me bombardeou com a pergunta:

–Meu filho, se, amanhã a Caixa, como empresa a qual você está ligado por um contrato de trabalho, lhe ordenar fazer alguma coisa, ou ação que venha de encontro os seus valores, qual será a sua atitude?

–Vou seguir a minha consciência, como sempre fiz; não irei me violentar por nenhum emprego.

–Meu filho, acho melhor você não ir participar desta segunda etapa amanhã, na atual conjuntura, é melhor ter um filho simples bancário do que um advogado a ver navios, não é?

Ainda bem que segui os sábios conselhos de Dona Neuzinha. Nunca me arrependi desta escolha. Quando alguém te fecha uma porta sempre surge uma janela com cortinas coloridas.

5.2 Rosinha um encontro inesquecível!

Uma tarde, depois de uma discussão nada amigável com um gerente neurótico que monitorava até o tempo utilizado no mictório, decidi pedir as contas. Atravessei a rua e dirigi-me ao prédio vizinho na Rua Guilherme Rocha, onde funcionava a área de Recursos Humanos. Havia chegado ao meu limite. A escada se bifurcava. Para a direita área de Educação Corporativa e o Programa de Integração Social (PIS) e para a Esquerda a sala do Chefe de Recursos Humanos e Folha de Pagamento. Estava eu subindo quando ouvi um grito:

–Ei! Psiu! Você não é o Arruda, que veio de Senador Pompeu e faz teatro?

–É, eu vim de transferido de Senador Pompeu, mas no momento não estou fazendo teatro.

–É com você mesmo que eu queria fala. Estamos precisando de gente com o seu perfil para fazer um treinamento com uma consultoria externa na área de Educação Corporativa. O Curso é promovido por uma consultoria muito famosa que está trabalhando na Formação de Multiplicadores da Caixa.

Eu estava cansado e desmotivado, inclinado a sair da empresa, mas aquele sorriso largo me enfeitiçou. Fui voltando lentamente e subindo os degraus da escada do lado oposto. Ela que nunca tinha me visto antes, me enlaçou pela cintura como se

fossemos velhos amigos, ajeitou minha gravata e lá fomos nós rumo ao seu “cafofo”³⁷. A sala da Educação Corporativa era apenas um corredor estreito com dois bureaux, o dela e outro de Maria Betania Moura³⁸. Ela começou a falar da educação, e seus olhos brilhavam. Mandou comprar Coca-Cola e empadas no Leão do Sul³⁹, e nosso primeiro encontro foi uma tarde tão mágica que acabei desistindo de solicitar o meu desligamento da empresa. Era algo desafiador e repleto de incertezas pela frente. Na formação, eu poderia adquirir muitos conhecimentos e, mesmo assim, se não apresentasse congruência com habilidades e atitudes requeridas eu não lograria êxito. Ou seja, ainda havia possibilidades de as coisas não acontecerem do jeito que eu almejava. Não havia estabilidade no meu horizonte. Além disso, muita gente tinha aversão à Educação Corporativa.

Fiquei confuso, eu poderia fracassar fragorosamente, mas desta vez, teria um legado de aprendizagem junto com esse fracasso. O pior de tudo é que não poderia culpabilizar ninguém, nem a empresa, nem a chefia, e tampouco os formadores. Eu era o único responsável pela escolha desse novo caminho. Tremi nas bases, senti aquela gota de suor nervoso descendo pelo colarinho, mas aceitei viver aquela experiência ímpar!

Algo era bem nítido: eu teria que enfrentar e buscar a causa da causa. Onde estava plantada “a causa da causa?” Não seria este o caminho para os portais da autodescoberta? Estes portais não teriam profunda ligação com a criatividade de cada ser humano? O novo sempre será desconhecido, e por que temos tanto medo de enfrentá-lo? Por que temos medo de mudanças?

Foi neste momento, que, olhando para trás consegui vislumbrar a riqueza dos meus fracassos, consegui rir dos tropeços e escorregadas, até de alguma puxada de tapete traiçoeira eu consegui rir; cair nem sempre provoca apenas um cóccix machucado!

Entrar em contato com a vulnerabilidade e a dor nem sempre é uma experiência cruel. Eventualmente, ela nos impele a uma transformação interna. Foi nesta curva da vida que iniciei o meu novo aprendizado, descobri que ele poderia acontecer perfeitamente quando as coisas não saiam do jeito que esperava. E descobri que a vida não é um trilho e sim uma trilha!

³⁷ Como ela carinhosamente chamava seu local de trabalho

³⁸ Facilitadora de Biodança, Instrutora comportamental da Universidade Corporativa Caixa.

³⁹ Lanchonete tradicional localizada na Praça do Ferreira em Fortaleza

5.3 Formação em Instrutoria

Figura 16 - Prédio do Núcleo de Desenvolvimento de Pessoas



A minha formação em Brasília foi dividida em duas fases, a primeira de um mês de imersão e a segunda de apenas quinze dias. Voltei para casa imensamente frustrado, pois eu havia sido reprovado, motivo: deu um branco na minha apresentação de Motivação (Pirâmide de Maslow⁴⁰). Simplesmente esqueci tudo e foi muito estressante. Passei os piores vinte minutos da minha vida: foram instantes de agonia, em que fui incapaz de qualquer articulação e transmissão do conteúdo estudado. Os reprovados tinham como missão preparar uma apresentação de trinta minutos em um tema escolhido pela Coordenação da Formação de Multiplicadores. O meu tema seria o mesmo no qual eu havia fracassado, pois não tinha conseguido apresentar coisa nenhuma.

Depois de três semanas, fomos convocados para participar da segunda fase. Pesquisei tudo sobre Motivação, numa abordagem que enfatiza uma hierarquia inata de necessidades e motivos, envolvendo segurança, sentimento de pertencimento ao grupo, autoestima, respeito e finalmente autorrealização. No período de recesso, não me debrucei apenas a pesquisar a teoria de Maslow, debrucei-me sobre um dos maiores desafios na gestão organizacional para psicólogos, gerentes e executivos: o tema “Motivação Organizacional” sob outros olhares. Foi quando conheci: Herzberg⁴¹, Viktor E. Frankl⁴² e outros.

⁴⁰ Hierarquia das necessidades humanas: a cada momento há uma necessidade insatisfeita predominantemente..

⁴¹ Divisão entre fatores higiênicos e motivacionais

⁴² Autor do livro, Em busca de sentido, no qual descreve o que sentiu e observou de si mesmo em um campo de extermínio nazista durante a Segunda Guerra Mundial

Foram noites de leituras e releituras; embora eu tivesse sido informado que teria apenas trinta minutos para apresentar o conteúdo de Maslow. Pedi ajuda a um colega para a confecção das famosas transparências. E, coloquei cuidadosamente todas em uma pasta comprada na livraria Alaor da Praça do Ferreira. Estava tão temeroso em perder alguma coisa que viajei com as anotações e a pasta de transparências na mochila.

Não consegui pregar olhos na noite anterior. Brasília com aquele clima extremamente seco não ajudava em nada, e para coroar tudo a minha rinite alérgica atacou com força total. Depois das boas-vindas corriqueiras, um dos responsáveis pela condução da Formação em Multiplicador, José Silvério Duarte, anunciou com aquele sorriso matreiro.

–Pessoal, aconteceram dois imprevistos: o primeiro é que durante a viagem para Brasília a bagagem de vocês foi extraviada, e, vocês não poderão usar as transparências que prepararam e trouxeram. E, o segundo imprevisto é que vocês terão que explicar seus temas de forma geral, logo o tempo será de cinquenta minutos de apresentação e dez minutos para responder os questionamentos do grupo. Poderão usar apenas o “flipchart” como material de suporte.

Tenho uma letra horrível, mas, eu havia estudado sobre o tema sob diversas óticas, e isso me deu uma tranquilidade inusitada. Resultado, fui aprovado e me tornei mais um multiplicador da área de Educação Corporativa, então, passei a navegar por mares desconhecidos, revoltos e encapelados apaixonadamente.

Depois de três longos e exaustivos anos, acabei encontrando-me como profissional. E, no exercício da educação, o significado da minha vida. Paulatinamente, fui esquecendo o Direito e mergulhando nas leituras voltadas à Educação Corporativa; fui entrando em contado com Gadotti⁴³, Freire⁴⁴, Morin⁴⁵ e outros.

Moral da história, apaixonei-me pela educação e quando fui compelido pelas circunstâncias a fazer o Enem, escolhi, tranquilamente, Licenciatura em Teatro. Estar em grupos, lidar com pessoas, facilitar processos, ouvir, compartilhar são vivências indescritíveis!

⁴³ Organizador de uma Biobibliografia de Paulo Freire.

⁴⁴ Patrono da Educação Brasileira, foi um educador e filósofo brasileiro. Considerado um dos grandes pensadores da pedagogia mundial.

⁴⁵ Antropólogo, sociólogo, e filósofo, realizou estudos em Filosofia, Sociologia e Epistemologia

Minha vida continua tento um significado até hoje graças a este processo! Nunca esqueci o presente que ganhei da Maria Roselena de Carvalho Pereira, quando voltei da Formação um livro intitulado “*Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire*”. Dentro do mesmo havia um texto datilografado em um papel amarelado:

*Para você me educar
você precisa me conhecer; precisa saber da minha vida
meu modo de viver e sobreviver;
conhecer a fundo as coisas nas quais eu creio
e às quais me agarro nos momentos de solidão, desespero, sofrimento.
Precisa saber e entender as verdades, pessoas e fatos aos quais eu atribuo forças
superiores às minhas
e, aos quais me entrego quando preciso ir além de mim mesmo.
Para você me educar
precisa me encontrar lá onde eu existo, quer dizer, no coração das coisas,
nos mitos e nas lendas, nas formas originais e fantásticas,
na terra, nas estrelas, nas forças dos astros, do sol e da chuva.
Para você me educar
você precisa estar comigo onde eu estou,
mesmo que você venha de longe e que esteja muito adiante.
só há um adiante de mim: aquele que eu construo e conquisto.
só há uma forma de construí-lo: a partir de mim mesmo e do meio em que vivo.
Para você me educar
precisa compreender a cultura do contexto em que se dá meu crescimento
pois suas linhas de força são as minhas energias
Suas crenças e expectativas
são as que passam a construir o meu credo e as minhas esperanças
Mas, eu também estou aberto para outras culturas.
Identidade cultural não significa prisão aos espaços que ocupo.
mas abertura ao que é autenticamente nosso e ao que,
vindo de fora, nos pode fazer mais nós mesmos.
A cultura universal é o produto de todos os homens.
Mas como posso contribuir com essa fraternidade se não construí o meu próprio
EU e não tenho minha expressão cultural própria?
A educação de que necessito é aquela que me faz mais eu,
que desperta do mistério de meu ser as potencialidades adormecidas.
É uma educação que promove minha identidade pessoal
Eu me educo fazendo cultura e nesse ato de geração cultural eu construo o meu
ser, na relação dialógica HOMEM/NATUREZA. Paulo Freire*

5.4 A descoberta da Biodança: Progressividade⁴⁶ ? Autorregulação⁴⁷? Que diabo é isso?

Figura 17 – Rolando Toro Araneda



Como conheci a Biodança? Vamos lá... agora teremos que fazer uma outra parada nessa viagem no tempo! Foi através de Glória Batista⁴⁸ ou Glória da Natura, que morava e trabalhava em um prédio na Tiburcio Cavalcante, que conheci a Biodança; será que vou me lembrar de tudo?

Na década de 80, havia um auditório do Banco do Nordeste na Avenida Barão do Rio Branco onde estava acontecendo um Congresso de Biodança. Se não me falha a memória aconteceu no final de janeiro e início de fevereiro de 1981. Era um Congresso Nacional ou Congresso Latino-Americano de Biodança, não lembro ao certo. Nesse congresso, além dos debates sobre criação de associações, programação de futuros encontros e debates sobre a formação de futuros facilitadores, aconteceram inúmeras vivências. Estava tudo meio organizado, meio solto e, em relação as vivências havia grupos para iniciantes e grupos voltados para aqueles com mais experiência. Eu estava um tanto quanto desorientado pela enxurrada de informações e fui parar em um grupo com mais experiência, os integrantes já haviam participado de outras vivências anteriormente. Entretanto, era o meu primeiro contato.

⁴⁶ As mudanças ocorrem a partir da motivação pessoal de cada indivíduo.

⁴⁷ Equilíbrio dinâmico do organismo.

⁴⁸ Uma das primeiras facilitadoras de Biodança a ser titulada por Rolando Toro.

Quem estava conduzindo era o próprio Rolando Toro⁴⁹ (1924-2010), e ele sugeriu uma “Roda de Comunicação⁵⁰”. A música era “A nous deux”. A faixa principal de um filme de Claude Lelouch, lançado em 1979 com Catherine Deneuve. Essa trilha sonora de Francis Lai é marcante para mim, pois sempre fui fascinado pela língua francesa. Estava totalmente embevecido pela música e não me dei conta que estava em uma roda entre dois homens. Há alguns anos havia participado de uma oficina de teatro com a Gracinha Soares e não havia dado continuidade devido aos exercícios exigirem muito contato físico o que me deixava incomodado. Estar em uma roda não foi grande problema, mas, de repente o jovem de cabelos longos e loiros veio em minha direção encostando no meu corpo. Tentei afastar-me um pouco, mas, logo após veio o contato do jovem barbudo da esquerda. Aqueles contatos eram coerentes com o exercício proposto, mas para mim, inesperados e me tiraram o equilíbrio. Não lembro se balbuciei alguma coisa como desculpas e saí da sala quase correndo. Os odores e contatos masculinos me perturbavam e eu não sabia qual o real motivo.

Estava quase na saída do prédio quando trombei com a Glória Batista e falei uma “ruma” de asneiras ao que ela respondeu com uma sonora gargalhada: -- *–Meu amado, você é uma das pessoas mais contidas que eu conheço. Está precisando se soltar, viu?! Que tal aproveitar a oportunidade e começar a se trabalhar?*

Realmente nesta época, eu ainda acreditava que não precisava de outras abordagens terapêuticas e que isso é para “gente porra louca”. Fui acalmando e continuei o resto da tarde ao lado dela tentando dirimir minhas inseguranças e dúvidas, porém muito atordoado. Eu havia sentido atração pelo descobrimento de um mundo novo, mas tinha medo, muito medo. Antes de terminarem as atividades daquele dia fui apresentado a uma facilitadora, Ângela Ribas⁵¹ que havia chegado recentemente de Brasília. Ela informou que ministraria um workshop na semana seguinte à noite.

Na semana seguinte, lá estava eu, suando em bicas, nervoso e ansioso. Algo dentro de mim me dizia que eu precisava enfrentar os medos, no entanto a ansiedade persistia. Trabalhar as emoções com Ângela Ribas foi um verdadeiro rito de passagem. Aos trinta e dois anos, eu era um ser humano encarcerado em crenças

⁴⁹ Professor, antropólogo, poeta, pintor e Criador do Sistema Biodanza.

⁵⁰ Uma roda na qual de mãos dadas, inicia-se uma dança dos braços com fluidez na qual o corpo vai suavemente de um lado para o outro.

⁵¹ Uma das primeiras facilitadoras de Biodança e autora do livro Biodança uma porta para a vida.

e valores limitantes. Se eu desejasse ser livre, teria que primeiro me livrar das coraças que tolhiam a espontaneidade, a criatividade, o sentir e o ser eu.

Não foram fáceis as vivências com a Ângela Ribas. Durante um exercício na linha da afetividade, chamado “escutar o coração do outro” dei um vexame. Naquela época, sexualidade e afetividade se confundiam totalmente na minha cabeça, e eu fiquei realmente desnortado ao sentir a circulação do sangue mais pulsante em meu corpo, até que tudo de repente se tranquilizou quando ela, com sua voz calma e suave me tranquilizou: “*é normal!*” Foi um verdadeiro banho de água fria que dissipou o meu constrangimento e como consequência meu sangue parou de latejar...

Durante o resto do ano de 81 continuei como aluno regular de Cezar Wagner⁵² no primeiro Centro de Desenvolvimento Humano de Fortaleza, numa casa antiga do lado do sol poete na Rua Carlos Vasconcelos.

Em 1982, Rolando já havia estruturado o modelo operatório e os modelos das vivências em um único modelo teórico, e nesse ano aconteceram dois eventos importantes dos quais participei: a criação da Escola Nordestina de Biodança e uma visita de um grupo de Biodança ao “Instituto Psiquiátrico Nosso Lar”, que ficava próximo ao atual Shopping Benfica.

Era um período em que não estava em férias e tive que utilizar cinco A.P.I.P (Ausência Permitida para Interesse Particular). Durante uma semana, passamos todas as tardes envolvidos em vivências e exposições teóricas proferidas por Rolando Toro. Talvez por ser iniciante e muito verde, achava tudo aquilo muito repetitivo e não entendia por que Rolando seguia sempre a mesma linha: Exercícios segmentários, rodas de comunicação, rodas de celebração, exercícios de afetividade etc. E ele questionava muito:

–O que você descobriu de si mesmo na sessão passada? Como está se sentindo agora? Que imagens lembranças ou sentimentos a sessão passada despertou em você? Você poderia descrever um acontecimento significativo na sessão anterior? O que você sentiu? O que pensou? E o que fez em relação a experiência?

Eu não conseguia perceber a importância e a riqueza contidos nas Rodas de Verbalização após os exercícios. Os referenciais teóricos ainda estavam muito confusos e eu me encontrava em processo. Houve um encontro no Hospital Psiquiátrico que aconteceu na tarde do sábado, no qual seria oferecida Biodança para

⁵² Professor Doutor da Universidade Federal do Ceará e facilitador de Biodança.

os pacientes. Uma coisa é você fazer exercícios com uma pessoa que não está sob efeito de medicamentos, banhada, cuidada etc. Outra bem diferente é fazer uma vivência com um interno de uma instituição psiquiátrica. Rolando Toro tinha essa experiência.

Logo no início na roda de integração, senti o odor de roupas suadas e usadas. Era muito forte e impregnava o espaço. Neste instante senti a necessidade de me jogar por inteiro, sem receios ou pruridos, e as vivências foram se sucedendo. No exercício de afetividade com acariciamento de mãos, fui escolhido por um jovem na faixa etária de uns vinte e poucos anos. Ele simplesmente, começou a beliscar o dorso da minha mão. Eu poderia ter dado um limite, mas algo me impulsionava a continuar e perseverar. Continuei tocando-o e acariciando suas mãos com afetividade, e paulatinamente ele foi correspondendo aos meus movimentos.

Suas mãos tremiam e ele transpirava muito. A roupa rota que usava denotava que fazia tempo que não era trocada. Finalizamos a vivência e, seguindo a consigna⁵³ de Rolando deveríamos abraçar o companheiro de exercício. Abri os braços e o enlacei em um abraço afetuoso. Neste instante senti um líquido quente na altura do ventre que depois escorreu pelas nossas pernas. O jovem estremeceu, tentou afastar-se, mas eu o contive com muito carinho e continuei abraçando-o; ele então começou a chorar baixinho. Quando nos afastamos o seu olhar para mim era de agradecimento. Aquilo ficou marcado na minha lembrança: a força do abraço. Uma amiga, Maria notou o meu estado e falou: *–Não se preocupe tenho uma calça da capoeira na mochila, eu empresto para você. Ele devia estar com a bexiga cheia.*

Esta vivência transformou a minha vida. A aceitação incondicional do outro é mais fácil na teoria, porém quando é exigida no nosso cotidiano, torna-se extremamente desafiadora. Consegui refletir sobre isso, também, em 2020, quando um adolescente com autismo no Colégio Arquiteto Rogério Froes me derrubou no chão com um empurrão fortíssimo. Ele também tinha suas dificuldades e fragilidades. Até hoje, constato o quanto nossa sociedade é adoecida. Não sabemos expressar a nossa afetividade e não sabemos acolher com afetividade.

Em 1983, ingressei na Escola Nordestina de Biodança, que funcionava em forma de maratonas, realizadas a cada 45 dias com a participação de Rolando Toro e Cezar Wagner. Nesse mesmo ano, comecei a participar de um grupo operatório

⁵³ Explicação que estabelece a relação entre o exercício, seus objetivos, o efeito regulador e a repercussão na existência.

conduzido por Rolando Toro, sobre vivências do medo e da coragem de enfrentá-lo, por meio de exercício específicos de auto expressão. Este trabalho foi batizado depois por Rolando Toro como “Projeto Minotauro”. A minha participação na Escola Nordestina foi muito prejudicada pelos trabalhos desenvolvidos na área de Educação da Caixa; pois éramos obrigados a dar subsídios a três estados: Ceará, Piauí e Maranhão. Além disso, devíamos criar e elaborar soluções educacionais para as agências, efetuar consultorias verificando os “gaps” das unidades, ministrar treinamentos formais (atendimento e gestão) e atualizações e aperfeiçoamentos direcionados aos de caixas executivos, o que nos deixava exauridos. Ademais o nosso tempo e quantitativo de pessoal eram exíguos. Foram anos de muitas tormentas e embates com o lado político da empresa. E sendo ser bem honesto, eu nunca tive uma dimensão política das melhores.

Devo à Biodança o meu equilíbrio emocional nessa época. As maratonas eram verdadeiros oásis de salubridade dentro de um contexto profundamente adoecido e minado por uma competitividade selvagem onde trabalhava. Talvez o grande trunfo nesta década tenha sido não querer o poder, não almejar nenhuma função de chefia ou coordenação. Estava casado e realizado com a Educação, e a Biodança estava me dando o suporte para eu desabrochar como ser humano!

Nesta década fui agraciado em compartilhar minha vida, luta, derrotas e vitórias com pessoas iluminadas: Maria Roselena do Carvalho Pereira, quando me apresentou a possibilidade de trabalhar com educação dentro das organizações, Ruth Cavalcante que me fez ler, reler e refletir com Paulo Freire e Rolando Toro que semeou em mim a possibilidade de crescer e de desenvolver através do amor.

Existe um poema de autoria de Rolando que traduz muito bem esta década:

Invencibles

Aun sin esperanza
 Tenemos toda la esperanza
 Pues somos más tenaces
 Que el mar contra los arrecifes
 Aun despedazados
 Tenemos la integridad
 Pues la muerte es el menor de nuestros males
 Y sabemos renacer como las salamandras
 Aun abandonados, solos y perplejos
 Tenemos la esperanza absoluta
 Nuestros fracasos nos tornam invencibles

Rolando Toro

5.5 Fantasia para um rei comum - O homem!

Nesta época, reencontrei Sheila Oliveira⁵⁴ que acabara de voltar de Santa Catarina. Ela me mostrou um poema belíssimo e eu também estava fascinado pelo Supertramp, Vangelis, Rick Wakeman e outros do rock progressivo.

Sheila Oliveira já tinha vivenciado a Biodança e para nós dois não foi nenhum problema incorporar e criar movimentos inspirados na Biodança. Esta segunda montagem com direção dela teve, no entanto, muita interferência da minha parte pois não usamos nenhuma iluminação artificial a não ser a do elemento fogo. A montagem aconteceu sob a guarida das velhas mangueiras ao lado da Lagoa de Messejana onde ficava o Clube da Caixa. Criamos um grupo que infelizmente teve uma sobrevida fugaz, mas valeu a pena, como valeu!

Foram experiências incríveis! Uma das montagens aconteceu em plena Praia do Futuro em uma noite de lua cheia, e a barraca chamava-se “Estrela do Oriente” e pertencia a minhas amigas Rita Maria Silveira e Ana Lúcia Grimouth. Foram muitas noites e finais de semanas dedicados a ensaiar os trabalhos, horas de pesquisa, de leitura, de discussão com a amiga e cúmplice Sheila de Oliveira. O nosso esforço culminou com uma apresentação nas margens da Lagoa de Messejana.

5.6 Imagens do Sarau da Caixa Econômica Federal e de Fantasia para um rei comum—O HOMEM.

Figura 18 - Foto de reportagem 01



⁵⁴ Fotógrafa, atriz, produtora e editora de livros fotográficos. Autora do livro “Rio Jaguaribe -Memória no tempo e nas águas”

Figura 19 - Foto do sarau 01



Figura 20 - Foto do sarau 02

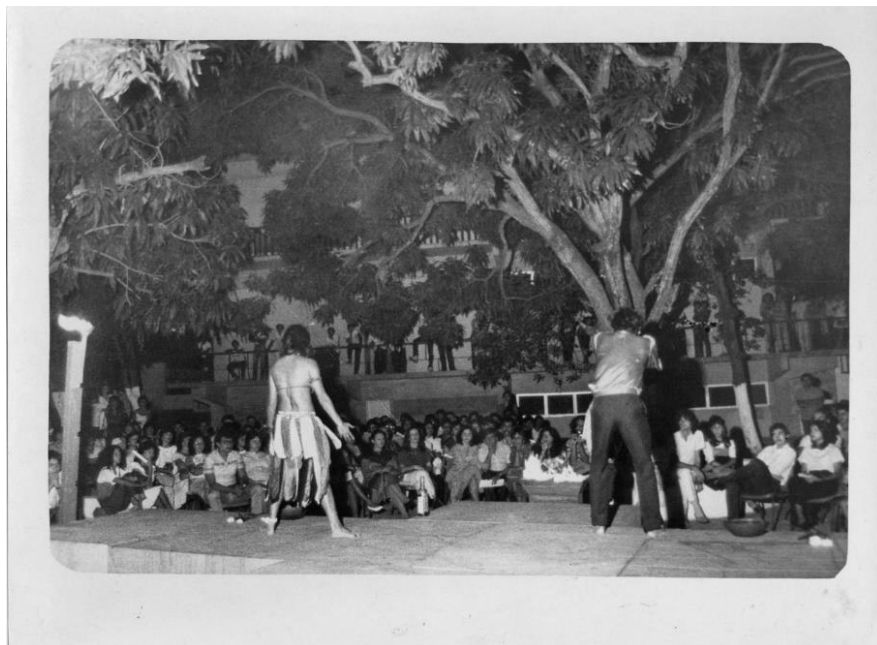
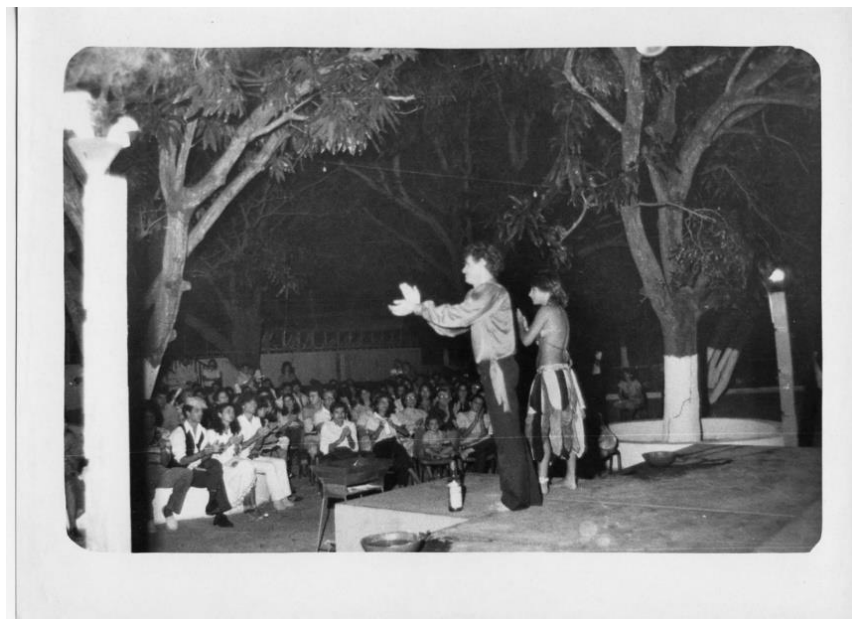


Figura 21 – Foto do Sarau 03



Figura 22 – Foto do Sarau 04



5.7 Saindo do armário...

Devido à minha história de vida e experiências tóxicas, eu tive muita dificuldade em sair do armário. Não estava tranquilo. Além do mais havia algo que me deixava muito confuso, eu me sentia à vontade com homens e mulheres. Segundo o meu amigo Antônio de Pádua, a minha sexualidade era sazonal. Para complicar mais ainda surgiu o “Câncer Gay” como era conhecida a AIDS nos primeiros tempos. Acredito que não contrái devido ao meu medo das doenças sexualmente transmissíveis, pois não admitia fazer sexo sem o uso de preservativos.

Esse período foi muito difícil. Em uma semana tive que comparecer a três enterros no Parque da Paz, e, em todos eles os caixões estavam lacrados.

Voltando à narrativa do Rolando, eu estava em uma maratona de Biodança no convento das Irmãs Mensageiras, repleto de dúvidas, quando depois do almoço decidi ir pegar um livro no Fusquinha. No caminho deparei-me com o Rolando embevecido chupando uma manga espada. Era uma maravilha apreciá-lo deliciando-se com uma fruta. Ele me chamou e começamos a conversar. Rolando era uma figura muito enigmática; jamais imaginei que ele prestasse a menor atenção em mim. Ledo engano! Ele não era de fazer nenhum arroteio. Sua objetividade chegava na hora certa e momento exato. Ele estava criando desafios para o Projeto Minotauro e queria experienciar um exercício. Foi a fome e a vontade de comer, pois eu sentia a necessidade de entrar em contato com a minha sexualidade, só não sabia como. Ele falou que o exercício só seria proposto no período da noite e que eu teria a tarde inteira para me escutar e me preparar. O seu cuidado com as pessoas é algo memorável.

Vou evitar entrar em detalhes, pois teria que citar nomes de pessoas e isso não seria recomendável, nem ético. Mas a experiência me energizou bastante para enfrentar o meu maior temor: assumir minha sexualidade.

Nesse período, devido a uns reveses financeiros, tive que voltar a morar na casa da minha mãe, e neste mesmo tempo meu relacionamento com um comissário de bordo da *Air France* chegou ao fim.

Eu estava vivendo um momento decisivo. Deveria fazer grandes mudanças na minha vida e naquela época eu me encontrava ancorado no mito da estabilidade.

Muito tempo depois é que fui descobrir que, somente encontramos a estabilidade quando aceitamos a instabilidade e impermanência como coisas normais. E, é muito difícil sustentar um relacionamento tendo um oceano entre as pessoas. Além disso, é complicado e desgastante.

Estava em um período próximo ao Carnaval e eu me sentia como o cavalo do bandido que morre na primeira cena do filme de cowboy.

Minha mãe bateu na porta e eu estava envolvido com uma pilha de fotografias de momentos românticos. Demorei a abrir. Ela me olhou e perguntou:

–Que houve?

–Nada.

–Nada o quê? Você não está comendo direito, passa a noite caminhando pela casa feito um zumbi, a bicicleta jogada na entrada. Fica olhando televisão, quando a gente pergunta alguma coisa parece que está no mundo da lua. O que é que você tem?

–Você não gostaria de saber.

–João, tem uma coisa que não acaba nunca, maternidade é para vida toda. Uma mãe sempre vai estar atenta aos filhos e pronto. O que é que você tem? Desembucha logo.

Não sei onde encontrei forças, mas, fui falando, falando, falando. Algumas vezes, ela me interrompia para esclarecer suas dúvidas. Ela não chorou, não fez drama, não me censurou ou emitiu qualquer comentário. Quando terminei ela apenas disse: *–Vou ter que sair, mas volto logo.* E ela saiu e demorou bastante, eu já estava preocupado quando a ouvi jogando as chaves na mesa da sala de jantar.

–Desculpa a demora, mas tive que ir até o Banco do Estado do Ceará (BEC) dos peixinhos onde tem uma agência de viagem. Tenho uma amiga cuja filha é gerente de lá.

Eu estava sem entender nada.

–Meu filho, estamos perto do Carnaval, e não adianta ficar cabisbaixo chorando o leite derramado. Aqui está sua passagem pela Transbrasil para Salvador, aqui está o “voucher” do Salvador Praia Hotel. Agora, você se vira para custear o restante das despesas. A farra lá é por sua conta. Ah! Ia me esquecendo, tem mais esta lembrancinha da boutique “Homem”!

Um pacote em papel de presente dourado e cintilante foi empurrado em minha direção. Abri vagorosamente, ainda atordoado com tudo e ainda mais com a reação dela. Quando abri a caixa deparei-me com uma belíssima túnica preta em seda pura.

–Le roi est mort, longue vie au roi!

Vamos, levanta, sacode a poeira e vai a luta meu filho. Eu sempre vou te amar do jeito que você for. Amor de mãe é incondicional. Só não seja promiscuo e nem faça com ninguém o que não gostaria que lhe fizessem. Não exija de ninguém, aquilo que a pessoa não esta pronta para fazer.

Sem dúvida nenhuma, este foi o melhor carnaval da minha vida. Obrigado Dona Neuzinha! Nunca pensei que sair do armário fosse tão prazeroso!

Figura 23 – Encontro de Biodança



6. Década de 1990 - Impermanência...

6.1 Um branco inexplicável.

Estava em plena segunda feira, envolvido em anotações e pesquisas da década de 70, quando algo me saltou aos olhos: eu havia esquecido completamente da década de 90.

A constatação desse fato me deixou desorientado. Por que eu estava ignorando uma faixa de tempo tão grande? Comecei a rememorar.

Nesta década estive em uma relação estável durante dez anos, e, infelizmente na entrada do século XXI meu relacionamento escorreu por dentre os dedos. Hoje, olhando para trás, percebo que também contribui para a deterioração da relação. Havia esquecido completamente os conselhos de Dona Neuzinha. Não reguei, não cuidei da minha roseira e ela feneceu, ponto.

Neste período, transformei-me num “workaholic”, e meu filho e meu companheiro foram relegados completamente a um segundo plano. Eu tinha uma necessidade doentia de ser “o” profissional invejável, eternamente disponível, perfeito nas avaliações de desempenho. Quantas e quantas vezes a minha terapeuta Virginia

Nery não me puxou as orelhas? Eu não escutava, estava como em ponto morto descendo a ladeira. Estava inebriado pelas vitórias e conquistas.

Não adianta você contratar o melhor terapeuta do mundo, se não tem no seu âmago a vontade de escutar, processar e, quando necessário, mudar. Uma vez rimos muito de uma metáfora: a nossa vida é como um carro, tem vida útil, garantia etc. Com o passar dos anos, o automóvel sai de linha... Quem decide os caminhos, as direções é cada um de nós. As encruzilhadas estão espalhadas em nossa jornada, e, muitas vezes optamos por caminhos equivocados. Às vezes começa a chover e mesmo com os faróis ligados, não enxergamos nem onde fica o acostamento. É quando perdemos o senso de direção. Tudo fica muito embaçado. Não sabemos nem identificar os avisos e sinais (curva sinuosa a direita, proibido ultrapassar etc.), aí nos lembramos da existência do limpador de para-brisas, e quando o ligamos conseguimos enxergar com melhor clareza podendo até estacionar em segurança. O limpador de para-brisas não toma nenhuma decisão por nós, apenas nos ajuda a ver com maior clareza. Nessa década esqueci coisas simples assim.

A gente vai caminhando e de repente as fatalidades acontecem. Minha Tia Grécia, sofreu um Acidente Vascular Cerebral, ficou acamada por cinco penosos anos, e minha vida virou um verdadeiro turbilhão. Os demais sobrinhos sumiram, e me encontrei sozinho, responsável por tudo em relação a ela, o que implicava: contratação de cuidadores, consultas médicas domiciliares, contratação de fisioterapeutas, administração da casa, compras de supermercado, compras nas farmácias, adaptação e manutenção de um apartamento para uma paciente acamada.

Mensalmente, eu corria para a “Atelier Clinic Hair” da Barna para tingir os fios brancos, conhecido vulgarmente como “luzes”. Engolia o almoço sem mastigar, usava os longos voos com finalidade de ministrar cursos para estudar, para ler relatórios e para atualizar-me em relação à empresa. Eu não sabia dizer não à organização. Nessa época conheci Roberto Crema⁵⁵, (1985, p.70) e percebi que estava simplesmente usando um mecanismo de resistência popularmente conhecido como “Introjeção⁵⁶”. Engolia tudo, aceitava participar de uma ação educacional em qualquer lugar do país. Até que um dia, durante a sessão de terapia ouvi algo que me

⁵⁵ Um dos fundadores da UNIPAZ, psicólogo e antropólogo

⁵⁶ Mecanismo psicológico de internalização do outro pelo qual o indivíduo incorpora padrões de pensar, sentir e atuar exteriores que não são digeridos, permanecendo como corpos estranhos dentro de si.

incomodou: *–Sua tia ainda não desencarnou, porque você não permite, com seu apego doentio. Talvez ela não se permita partir com pena de você!*

Imaginamos que estamos preparados para receber feedbacks, nem sempre isso acontece. Como ela se atrevia a verbalizar aquelas coisas? Sai da sala “fumaçando” e acabei por danificar o reboco da porta de gesso. Passei umas duas semanas sumido. Aceitei até ministrar uma turma de Formação Gerencial no Rio Grande do Sul, mas, afinal, acabei entrando em contado com os meus apegos e a minha possessividade. Tenho certeza de que aquele período não foi o mais profícuo da minha vida. Eu tinha medo profundo de entrar em contato com a perda e com a morte.

Hoje, caminhei alguns passos adiante. Ultimamente tenho lido Ana Claudia Quintana Arantes⁵⁷ (2019, p.14) e ela nos diz o seguinte:

Eu vejo as coisas de um jeito que a maioria não se permite ver. E tenho aproveitado várias oportunidades de capturar a atenção de pessoas interessadas em mudar de posição, de ponto de vista. Algumas podem mudar, outras precisam; o que nos une é o querer. Desejar ver a vida de outra forma, seguir outro caminho, pois a vida é breve e precisa de valor, sentido e significado. E a morte é um excelente motivo para buscar um novo olhar para a vida.

Quando voltei, procurei a Coordenação da Gerência de Desenvolvimento e Educação Corporativa e solicitei uma reorganização no cronograma de cursos e viagens. A ficha havia caído: eu precisava me cuidar. Havia algo de errado comigo, e eu precisava urgentemente cuidar do corpo e da mente. Não foi um momento fácil no qual tive que assumir para minha terapeuta uma série de fatos que teimava em não entrar em contato. Ela me aceitou de volta, entretantes, exigiu que eu fosse à uma Funerária e providenciasse tudo para o término da jornada da minha tia (velório, coroas de flores, caixão etc.). Foi extremamente difícil organizar este rito de passagem. Quando a última prestação foi paga, ela simplesmente nos deixou tranquilamente, e seguiu sua jornada.

6.2 “Oficina do Homem”, um sonho que não morreu

Ao relembrar esta década não posso deixar de lado um dos maiores fracassos da minha vida. O espaço “Oficina do Homem”, que ocupava a casa onde

⁵⁷ Coordena Cursos de Formação em Cuidados Paliativos

nasci, na avenida Dom Manuel, 960. Tudo começou quando minha mãe veio me consultar a respeito da casa que ela acabara de receber de um inquilino e que estava bem danificada. A minha irmã que seria a herdeira havia solicitado a permuta do imóvel pelo apartamento da Rua Dom Joaquim, 333, cuja reforma eu estava finalizando. Eu já havia saído prejudicado anteriormente e, agora novamente, estava sendo solicitado a fazer uma troca injusta. Ela como sempre utilizou da vitimização para alcançar o seu intento. Na verdade, nunca me senti completamente à vontade morando em apartamentos, e a sina fatídica de ser escolhido como síndico parece me perseguir sempre.

Pensei na possibilidade de criar um espaço voltado para terapias alternativas e, quem sabe, incluiria Biodança também. Assim, nasceu a ideia de um espaço, com consultórios e salões de trabalhos grupais. Tínhamos dois salões um interno e outro externo; o interno de uns quarenta metros quadrados e o externos de noventa metros quadrados, todos com perfeita iluminação.

Fiz empréstimos, raspei a poupança e adaptei a casa antiga às necessidades almejadas. Tínhamos até três consultórios, com uma recepção bem decorada, banheiros perfeitos, inclusive um para pessoas com deficiências e uma copa super aconchegante e bem equipada

O espaço físico tinha tudo para dar certo, mas onde foi que errei? Para começo de tudo, esqueci da velha máxima: Amigos, amigos, negócios à parte.

Os profissionais para os quais aluguei as salas, frequentemente, esqueciam-se de desligar os aparelhos de ar-condicionado e as contas de energia elétrica subiram vertiginosamente. As recepcionistas não tinham o perfil adequado, e eu, assoberbado de obrigações, não investi em treinamento. Eram muitos deveres e obrigações sem ter com quem compartilhar.

A inauguração contou até com a presença de Claudio Pereira⁵⁸, trazido pela amiga Scheila de Oliveira. Mas, nenhum negócio sobrevive apenas com festas e encontros. No dia-a-dia, a necessidade de controlar entradas e saídas se faz mais urgente. Administrar muitas vezes, significa tomar decisões nem sempre simpáticas. Resultado: quebrei que apartei.

E para culminar o desastre, pedira à vizinha, que me cedesse a linha telefônica para instalar o alarme e viajei a trabalho. Quando voltei de viagem, a

⁵⁸ Foi diretor do MIS-CE, secretário da Cultura de Fortaleza e contribuiu para o desenvolvimento do setor

empresa contratada me informou que a central de alarme havia sido desligada e que não a tinham comunicado.

Da noite para o dia, amigos do alheio, estacionaram um caminhão em frente à casa e levaram tudo, inclusive as portas e janelas antigas. Foi um choque. A minha coleção com mais de 800 Long Plays, a biblioteca de livros herdados dos meus pais, álbuns e retratos de família antigos, com capa de madeira e fotos esmaecidas pelo tempo tudo foi levado. Na minha família, somente eu e a minha irmã mais velha tínhamos apreço pela preservação da memória, e, tudo se transformou em um imenso vazio. Essas perdas afetivas foram bem mais significativas do que o prejuízo financeiro.

Hoje, olhando para trás, vejo que contribui bastante para tudo isso acontecer; não planejei o suficiente, fui ausente, não ministrei treinamentos às pessoas responsáveis e, como consequência, acabei delegando responsabilidades para pessoas despreparadas. Não poderia escrever sobre o meu passado sem assumir as minhas falhas na administração de um espaço que poderia ter dado certo. Um sonho foi sacrificado, e os boletos demoraram meses para serem quitados. Hoje, com mais de setenta anos, não perdi a minha capacidade de sonhar; mas agora estes sonhos estão mais amadurecidos. Desejo continuar trabalhando com grupos. Mas antes de abrir novamente qualquer espaço, pretendo pensar bastante, planejar e replanejar antes de implementar qualquer projeto.

6.3 Nem só de tragédias a gente vive, coisas boas também acontecem!

Em março de 1990, finalmente apresentei meu Trabalho de Conclusão de Curso na Biodança, um trabalho elaborado e executado na inauguração da programação do Bar Pirata, às sextas-feiras, voltado para a arte. *“Fantasia para um rei comum – O HOMEM”*. Depois, do nosso trabalho, o Júlio (proprietário do Bar Pirata) levou para o seu palco vários nomes da Música Popular Brasileira.

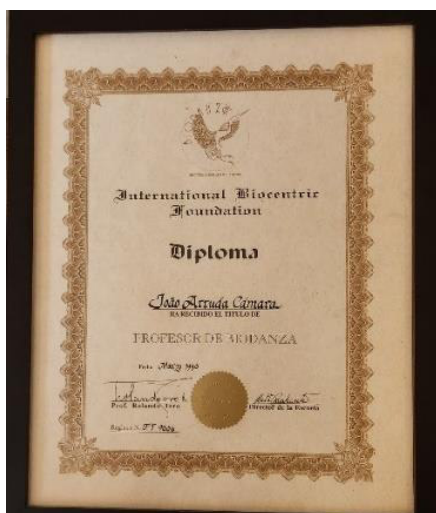
Graças ao meu amigo Valder Peixoto⁵⁹ que gravou tudo, tivemos a oportunidade de eternizar um trabalho que nos custou muito esforço e transpiração. Minha eterna gratidão a ele e aos atores: Sheila Oliveira, Jean Nogueira e Ricardo

⁵⁹ Facilitador de Biodança, amante das artes e empresário.

Black. Esta apresentação foi dedicada a Cezar Wagner e ao cartunista Henfil que faleceu exatamente no dia da nossa apresentação no Bar Pirata, 4 de janeiro de 1988.

Esse trabalho teve que esperar ainda dois anos para ser utilizado como trabalho de conclusão da formação de facilitador de Biodança. A nossa defesa aconteceu no Centro de Convenções de Belo Horizonte em Minas Gerais.

Figura 24 - Diploma Profesor de Biodanza



Ainda na década de 90, tive muitos encontros nutritivos com Rolando Toro. E aproveitei para entrar em contato com outras abordagens corporais como a Análise Corporal da Relação - ACR⁶⁰.

Foi também uma década de perdas, pois muitos amigos se foram, muitas portas fecharam, apesar de tudo os obstáculos trouxeram enormes aprendizagens.

6.4 Um rito de passagem: “Humilde Mestre”

Em 1998, tive a oportunidade de dirigir e conduzir um grupo na criação coletiva de um rito de passagem. Foi uma experiência gratificante!

A vida é uma intermitente passagem de etapas: nascimento, infância, puberdade, maturidade, velhice e morte. Não adianta esconder o sol com a peneira. Atualmente, estou adentrando a velhice e com toda certeza, terei que um dia enfrentar Caronte⁶¹.

⁶⁰ É um processo de análise pessoal em grupo com ênfase na comunicação não verbal. Facilita a elaboração de conflitos inconscientes, melhorando assim o equilíbrio da própria personalidade e suas capacidades relacionais no plano familiar, social e profissional.

⁶¹ Barqueiro de Hades que carrega as almas dos recém-mortos.

Segundo Van Gennep⁶² desde as sociedades originárias, toda mudança que poderia ser considerada como uma passagem de um estado para outro era ritualizada – mudança na fase da Lua, nas estações, bem como nos status dos indivíduos. Tudo está em constante transformação. Por exemplo, a mudança de uma comunidade para um novo lugar, a entrada de um casal em uma nova moradia em outro bairro etc.

Os relacionamentos e as finitudes de vida também são marcados por rituais, e, um dos efeitos do ritual fúnebre é estabelecer-se o status da pessoa morta como ancestral.

Estas mudanças podem ser interpretadas como “saídas” e “entradas” ou “Ritos de Transição” ou “Ritos de Passagem”. Existem vários tipos de ritos: Separação, Agregação, Iniciação (Batismo, casamento etc.).

Depois do falecimento de Paulo Freire, em maio de 1997 muitas pessoas ficaram deveras sensibilizadas, e escreveram cartas e mensagens. Um grupo de alunos, facilitadores e facilitadoras de Biodança, incluindo eu, estava participando da formação de uma extensão em Biodança chamada “Identidade e os 4 elementos”, com Ruth Cavalcante, numa imersão no litoral cearense, quando soubemos do infortúnio de Paulo Freire. A comoção tomou conta de todos nós, e no final tive a oportunidade de dirigir e conduzir um grupo na criação de um rito de passagem em homenagem a esse grande Educador.

Na nossa proposta de trabalho, as metáforas, bem como as figuras da Mitologia foram inseridas numa busca de atemporalidade. Posso até ousar dizer que a binaridade e a polaridade foram utilizadas para dar uma maior expansão as ideias.

A primeira passagem foi elaborada como uma alusão à abertura de um grande espaço vital, e, o texto de Thiago de Melo como uma exaltação ao esforço do grande mestre Paulo Freire.

A segunda passagem traz um texto o próprio Paulo Freire e discorre sobre a força do diálogo.

A terceira passagem retrata a luta da sobrevivência, com seus encontros, desencontros, embates e conciliações.

A quarta passagem é um poema de Rolando Toro, conclamando para a luta.

⁶² Autor que escreveu sobre os ritos de passagens.

As quinta, sexta e sétima passagens são endereçadas aos profissionais da área da Educação. São textos autorais e foram preservados para conservar a sua essência.

Apesar de vários autores expressarem a morte como um rito de separação; optamos por um caminho diverso: a morte como um ritual de celebração de uma jornada vencida brilhantemente.

A nossa intenção é que as palavras, atitudes e comportamentos de Paulo Freire nos incentivassem a lutar por um mundo melhor. Suas sementes em forma de ensinamentos germinaram dentro de educadores que passaram a se posicionar frente ao mundo de forma libertadora.

Como dizia o nosso Humilde Mestre: Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, o homem se educa em comunhão (Paulo Freire).

HUMILDE MESTRE

Primeira Passagem

Música:

Trilha sonora do filme Rapa Nui, até a entrada dos tambores

Figurino:

Mantos na cor negra com detalhes em prata ou outro.

Indicações de Cena:

DUAS ATRIZES ENTRAM EM CENA ENVOLTAS EM LONGOS MANTOS NEGROS, TRAZEM NAS MÃOS LONGAS VELAS BRANCAS (ATÉ 050CM)

AS VESTAIS TRAZEM EM SEUS MANTOS OS SÍMBOLOS DO SOL E DA LUA

O CULTO SOLAR NAS AMÉRICAS SE DESENVOLVEU NO PERU E MÉXICO, OU SEJA, ENTRE OS ÚNICOS POVOS AMERICANOS “CIVILIZADOS”, E QUE ATINGIRAM O NÍVEL DE UMA AUTÊNTICA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA. NÃO SE PODERÁ DEIXAR DE DISTINGUIR UMA CERTA CONCORDÂNCIA ENTRE A SUPREMACIA DAS HIEROFANIAS SOLARES E OS DESTINOS “HISTÓRICOS”. DIR-SE-IA QUE O SOL PREDOMINA NAS REGIÕES ONDE, GRAÇAS AOS REIS, HERÓIS, AOS IMPÉRIOS, “A HISTÓRIA SE ENCONTRA EM MARCHA”. O SOL SEMPRE PERMANECE IGUAL, SEM QUALQUER ESPÉCIE DE “DEVIR”. A LUA, EM CONTRAPARTIDA, É UM ASTRO QUE CRESCE, DECRESCER, DESAPARECE, UM ASTRO CUJA VIDA ESTÁ SUBMETIDA À LEI UNIVERSAL DO DEVIR, DO

NASCIMENTO E DA MORTE. COMO O HOMEM, A LUA TEM UMA HISTÓRIA PATÉTICA, PORQUE A SUA DECREPITUDE, COMO DAQUELE TERMINA NA MORTE. DURANTE TRÊS NOITES O CÉU ESTRELADO FICA SEM LUA. MAS, ESTA MORTE É SEGUIDA DE UM RENASCIMENTO: A LUA NOVA. O DESAPARECIMENTO DA LUA NA OBSCURIDADE, NA MORTE, NUNCA É DEFINITIVO. SEGUNDO UM HINO BABILÔNICO DIRIGIDO A SIN, A LUA É UM FRUTO QUE CRESCE POR SI MESMO. ELA RENASCE DA SUA PRÓPRIA SUBSTÂNCIA, EM VIRTUDE DO SEU DESTINO.

Tratado de História das Religiões – Mircea Eliade

Texto (Voz em segundo plano)

Duas vestais abrem as portas do templo
 Iluminam a passagem, afastam as trevas, mostram os caminhos
 Céu, terra, mares, os quatro cantos da terra
 Suas luzes mágicas trazem o poder da visão
 Das histórias dos homens
 São vestais do templo de veneração dos que já se foram
 Vestais que narram a saga dos antepassados
 Que trazem no sangue a força das Amazonas
 A sensualidade de Afrodite, a energia de Diana
 Vestais que guardam as tradições, os cultos aos heróis míticos
 Vestais que exalam força, fogo e luz.

Segunda Passagem

Música: Ravel – Dafnis Y Cloe
 Nunca pare de sonhar – (Gonzaguinha)
 Sementes do Amanhã (Selma Reis)

Figurino: Andrajos sobre a pele, torso nú untado de óleo.

Indicações de Cena

LUTAS RITUAIS, ENCONTRAMOS EM FORMA DE LUTAS CERIMONIAIS EM DIVERSAS RELIGIÕES ARCAICAS, POR EXEMPLO, NAS MAIS ANTIGAS CAMADAS DO CULTO OSIRICO E NAS RELIGIÕES PROTO-HISTÓRICAS

ENCANDINAVAS, UM EXEMPLO É A LUTA DE XANTHOS E MELANTHOS, O “LOURO” E O “NEGRO”

Tratado de História das Religiões – Mircea Eliade

DOIS HOMENS EM POSIÇÃO FETAL ESTÃO DEITADOS EM EXTREMOS OPOSTOS DO PALCO. DESPERTAM E SE DESCOBREM PRESOS PELOS PULSOS (POR UM ELASTICO OU CORDA) SIMBOLIZANDO CORRENTES. AO SOM DE UMA MÚSICA DE FUNDO (QUE TRAGA A IMAGEM DE CONFLITO), ELES TENTAM SE LIBERTAR APELANDO ATÉ PARA A LUTA CORPORAL E POSIÇÕES DEFENSIVAS, MOVIMENTOS QUE TRANSMITEM DESESPERO POR SE SENTIREM REPRIMIDOS E OPRIMIDOS. USAM A VIOLENCIA NUMA TENTATIVA INFRUTÍFERA DE LIBERTAÇÃO. QUANDO MAIS EMPREGAM A FORÇA FISICA MAIS ENREDADOS VÃO FICANDO ATÉ PERDEREM QUASE TODOS OS MOVIMENTOS. ESTÃO FISICAMENTE MUITO PRÓXIMOS E, ATRAVÉS DO CONFRONTO CORPORAL PROCURAM DOMINAR UM AO OUTRO PELA FORÇA E DESCOBREM QUE ESTA BATALHA NÃO TERÁ VENCEDOR. ATRAVÉS DE MOVIMENTOS REDESCOBREM O DIÁLOGO DOS CORPOS, A FALA MUDA; E, A MEDIDA QUE SE PERMITEM TOCAR E SEREM TOCADOS LENTAMENTE REDESCOBREM A SINTONIA E SE LIBERTAM DE SEUS GRILHÕES INTERNOS E EXTERNOS.

INICIAM UMA DANÇA DE HARMONIZAÇÃO COM UMA FINALIZAÇÃO EM UM GRANDE ABRAÇO SIMBOLIZANDO UNIÃO, RESPEITO E FRATERNIDADE.

Iluminação:

NO INÍCIO COMPLETA ESCURIDÃO, QUANDO O CONFLITO SE PROPAGA A LUZ DEVER TER A TONALIDADE DE SANGUE E UTILIZADO JOGO DE LUZES. MAS, QUANDO OS ATORES FINALIZAREM A LUTA E INICIAREM A DANÇA DE HARMONIZAÇÃO A LUZ DEVERÁ ASSUMIR NUANCES DO AZUL.

Texto: (Voz em segundo plano)

Irmãos gêmeos, nasceram do mesmo ventre da mãe terra

Um filho de Apolo, outro filho de Plutão

Um trouxe o calor do Sol e o outro a magia da Lua

Ambos trazem a força dos titãs, a velocidade dos Centauros, o poder de sedução das ninfas, a delicadeza dos efebos

Mas, são distintos e opostos... e são cúmplices como o dia e a noite

Se amam e se respeitam e adoram os astros que lhes deram a vida

Falam a fala dos homens, e dos seus lábios exalam o perfume da ambrosia

Dizem dos sentimentos dos mortais e transcendem no ser a vida

Trazem a missão de semear

A amizade, a meiguice e o calor humano

Eles são os homens do amanhã que redescobriram o poder do diálogo sobre o poder da força.

Terceira Passagem

Música: Música na Escuridão (Chico César)

Figurino: Cada ator deverá compor o figurino livremente de acordo com sua percepção de personagem. Cuidado ao utilizar adereços típicos a cada personagem.

Indicações de Cena

NADA PODERÁ SER VERBALIZADO, O CORPO É INSTRUMENTO E FERRAMENTA, COM ELE VOCÊ PODE DIZER TUDO, NO CAMINHAR, NO SENTAR-SE, ETC. A CRIATIVIDADE E CAPACIDADE DE IMPROVISAÇÃO ESTÁ LIBERADA NESTA PASSAGEM. CADA ATOR ASSUMA SEU PERSONAGEM E DÊ-LHE VIDA PRÓPRIA.

PROCURE NUANCES, CARACTERÍSTICAS E MATIZES. O GRANDE DESAFIO É ASSUMIR O SER, FAZER E ESTAR NO MUNDO. NÃO HÁ STATUS, NEM RECONHECIMENTO. É O INFERNO DO VAZIO NO COTIDIANO, A LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA PARA CONTINUAR VIVO, É O MEDO DE SE EXPOR, É O PREÇO DE VIVER EM UMA SOCIEDADE QUE PUNE, CERCEIA, CASTRA E MATA.

Ordem de entrada de personagens:

Pivete
Cozinheira
Rendeira
Pedreiro
Pescador
Criança com deficiência
Lavadeira
Boiadeiro
Prostituta
Sem terra
Professora.

Cenário

SALA DE AULA ESTILIZADA MONTADA COM CAIXOTES E CAIXA DE PAPELÃO (MATERIAL RECICLADO) O QUADRO NEGRO É UM PAINEL MONTADO COM SACOS DE LIXO PRETO. O GRUPO TEM PLENA LIBERDADE DE EXPLORAR A CRIATIVIDADE REUTILIZANDO MATERIAIS DESCARTÁVEIS. A IDEIA CENTRAL É PASSAR A IMAGEM DE ALFABETIZAÇÃO DE PESSOAS EM COMUNIDADES CARENTES, TRABALHANDO A PECULIARIDADE DE SUAS CULTURAS E REALIDADES.

Expressão Corporal

NUM PRIMEIRO MOMENTO AS PESSOAS DEMONSTRAM A IDENTIDADE FRAGILIZADA, POIS NÃO SABEM SE COLOCAR FRENTE AO MUNDO. ESTÃO TOMADAS PELA INSEGURANÇA, MEDOS, RECEIOS DE SEREM EXCLUÍDAS PELO SISTEMA, EXECRADAS PELO FATO DE SEREM ANALFABETAS.

A PROFESSORA TENTA ENSINAR PELO MÉTODO ANTIGO ATÉ DESCOBRIR QUE TEM QUE SE INTEGRAR AO GRUPO, SE MISTURAR COM TODOS E JUNTOS REDESCOBRIREM O MUNDO. CADA SER É UM UNIVERSO COM PLENA CAPACIDADE DE EXPRESSÃO E AÇÃO.

O GRUPO DEVE PROCURAR EVITAR A IMITAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS, E BUSCAR UMA MAIOR VEROSSIMILHANÇA POSSÍVEL.

Quarta Passagem

Música: Aquarela do Brasil – Ary Barroso (Interpretação de Elis Regina)

Figurino: O mesmo da passagem anterior.

Indicações de Cena

APÓS A RECITAÇÃO DO TEXTO EM FORMA DE JOGRAL, O GRUPO EFETUARÁ EVOLUÇÕES COM UMA BANDEIRA.

Texto: Invencíveis – Rolando Toro (Recitado em Jogral)

Invencíveis
 Mesmo sem esperança
 Temos toda esperança
 Pois somos mais tenazes
 Que o mar contra os arrecifes
 Mesmos despedaçados
 Temos a integridade
 Pois a morte é o menor de nossos males
 E sabemos renascer como as salamandras
 Mesmo abandonados, sós e perplexos
 Temos a esperança absoluta
 Nossos fracassos nos tornam invencíveis

Cenário:

PANOS COLORIDOS, ESTANDARTES COM AS CORES VERDE E AMARELO, PAPEIS COLORIDOS, ETC.

Quinta Passagem

Música: The Mission – Ennio Morricone (trilha sonora do filme)

Figurino: Atriz vestida com um longo manto branco.

Indicações de Cena

ESTA PASSAGEM REPRESENTA UMA HOMENAGEM, E, A POSTURA É DE REVERENCIA COMO UMA LOUVAÇÃO AOS ANTEPASSADOS. A ATRIZ ANDA SOLENEMENTE, E, LOGO APÓS A SUA ENTRADA, OS PERSONAGENS DAS PASSAGENS ANTERIORES ENTRAM E COLOCAM FLORES JUNTO AOS SÍMBOLOS QUE REPRESENTAM A CULTURA À NAÇÃO BRASILEIRA; NUMA ATITUDE DE RESPEITO E AGRADECIMENTO AO MESTRE PAULO FREIRE PELA SUA LUTA DO DIREITO A EDUCAÇÃO.

Texto – Ao mestre Paulo Freire (Ruth Cavalcante)

(USAR A MESMA MÚSICA COMO FUNDO DURANTE A FALA DO TEXTO)

Obrigada Mestre
 Por me passar a tarefa
 De estudar o diálogo amoroso
 E daí em diante querer fazer dele meu dever de casa e a minha profissão
 Obrigada

Por me ensinar a decodificar a palavra geradora - liberdade
 E, ao querer reparti-la com todos
 Poder me sentir livre na prisão
 E mais livre ainda quando presa pelos laços do amor.
 Aprendemos a sair do silêncio ao ti ouvir
 E hoje teu grito de justiça ecoou tão longe
 Que a terra inteira se tornou pequena para comportá-lo
 Por isso o Universo te absorveu
 Para que tua lição de amor pudesse tornar-se eterna.

Sexta Passagem

Música: Alguém cantando de Caetano Veloso (Iluminuras)

Figurino: Um manto azul marinho cobre a atriz.

Indicações de Cena

CENÁRIO E ILUMINAÇÃO

A ATRIZ DEVERÁ ENTRAR NA PENUMBRA, APENAS UM CANDEEIRO SOBRE UMA MESA RUSTICA ILUMINA O PALCO. ELA SENTA-SE E COMEÇA A REDIGIR UMA CARTA ENQUANTO FALA.

CANDEEIROS E LAMPARINAS PODEM PREENCHER O PALCO, A ILUMINAÇÃO DEVERÁ SER A MAIS SIMPLES POSSÍVEL.

Texto: Carta a Paulo Freire (Maria Betania Moura)

Como na linguagem do povo, escrevo-te estas mal traçadas linhas

Sem te pedir desculpas

Se, a menor timidez

Sem nenhum pudor

Pois sei que me compreendes

Agora posso falar contigo

Sei que me escutas

Quero te falar da minha alegria

Ao acordar e ver a tua foto no jornal

VOCÊ

Tão sereno, a barba branca confundindo-se com a cor da blusa

O olhar no infinito doce e inquieto

A notícia em negrito

MORRE PAULO FREIRE

Não, não pode ser verdade

Mas...é!

Dois de maio de 1997 às 06horas e 35minutos

Morre de parada cardíaca, dores no peito...

A dor do povo, sofrimento, fome, miséria, opressão, injustiça...

Seu coração não suportou e parou

Não!

Seu coração continua batendo forte

No peito de cada um de nós

Em todo nordestino, em todo cabra macho, em todo brasileiro, em todos que lutam pela paz

Seu grande sonho, hoje cultivado pelos quatro cantos do mundo

Seu particular sonho, ver o século XXI

A vida não lhe deu esse presente, porque és uma vida eterna.

A ti, toda a minha adoração

A ti a minha oração

Sétima Passagem

Indicações de Cena

ESTE É O MOMENTO NO QUAL TODOS OS COMPONENTES PASSAM A PARTICIPAR, COMO SE FOSSE UMA GRANDE PROCISSÃO. O TEXTO DEVERÁ SER DITO COMO UMA GRANDE LADAINHA. O PROCESSO DEVE SER TRABALHADO COMO UM JOGROAL DE VOZES MASCULINAS E FEMINAS. MUITO CUIDADO PARA NÃO MISTURAR AS FALAS.

Texto: Ladainha

HOMENS: Pai do diálogo
 MULHERES: Quero conversar com o meu irmão
 HOMENS: Pai da palavra
 MULHERES: Quero libertar a palavra do meu peito
 HOMENS: Pai da liberdade
 MULHERES: Quero voar alto e sem medo
 HOMENS: Pai do povo
 MULHERES: Quero estar onde todo mundo está
 HOMENS: Pai do oprimido
 MULHERES: Quero soltar as amarras e ir para as ruas de mãos dadas com os outros
 HOMENS: Pai da consciência
 MULHERES: Quero ser um ser no mundo
 HOMENS: Pai da cultura
 MULHERES: Quero a sabedoria da vida
 HOMENS: Pai da vida
 MULHERES: Quero participar dessa grande escola
 HOMENS: Pai da transformação
 MULHERES: Quero transformar a mim e ao mundo
 HOMENS: Pai da comunicação
 MULHERES: Quero falar a linguagem do coração
 HOMENS: Pai da Política
 MULHERES: Quero cultivar a paz entre os homens
 HOMENS: Pai da Justiça
 MULHERES: Quero compartilhar o pão com todos
 HOMENS: Pai da alfabetização
 MULHERES: Quero aprender as palavras geradoras da vida
 HOMENS: Pai da educação
 MULHERES: Quero ser um eterno aprendiz
 HOMENS: Pai do amor
 MULHERES: Quero viver essa grande ousadia
 HOMENS: Pai da humildade
 MULHERES: Quero viver o teu exemplo
 TODOS: A sua benção meu pai!

Epílogo

Músicas: Porta estandarte
 Caldeirão dos mitos
 O que é, o que é (Gonzaguinha)
 Aquarela do Brasil (Gal Costa)

Indicações de Cena:

EXPRESSÃO CORPORAL: DANÇAR COM LIBERDADE TOTAL

COM A MÚSICA DE GERALDO VANDRE, TODOS OS PARTICIPANTES PRINCÍPIAM A DANÇAR E CONVIDAM A PLATEIA A PARTICIPAR.

O RITO DE PASSAGEM FINALIZA COM UMA GRANDE CELEBRAÇÃO A VIDA COM MÚSICA DE GONZAGUINHA

A MORTE NADA MAIS É QUE UMA PASSAGEM PARA UM OUTRO PLANO

ESTA FINALIZAÇÃO DEVE PROCURAR SEGUIR UMA GRADAÇÃO DE MÚSICAS QUE POSSIBILITE UMA ATIVAÇÃO PROGRESSIVA.

Texto: Não há.

Assim como fiz com o texto dramático “Maria da Conceição”, anteriormente transcrito no quarto capítulo deste Trabalho de Conclusão de Curso, finalizo este sexto capítulo, retomando a minha trilha de lembranças e reflexões a partir das obras construídas em minha caminhada. A celebração “Humilde Mestre” é uma forma de homenagear Paulo Freire, outro “amigo” inesquecível.

Eu me tornei um fã tão ardoroso de Paulo Freire que já fui apelidado até de “Paulinho”, pois eu não tirava o nome dele da boca principalmente depois que participei de um grupo de alfabetização de adultos no Pirambu.

Figura 25 - Curso de Belas Artes



7. Década de 2000 - Arte é ARTE!

7.1 Mestrado: Um rito de passagem

Não foi fácil tentar novamente adentrar a academia. Os obstáculos eram muitos. Procurei na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará e, além de exigirem uma carta da empresa de dedicação exclusiva para efetuar a inscrição ainda fui agraciado com a seguinte pérola: *–Nesta idade o senhor ainda está pensando em fazer Mestrado? Ao que respondi: –E tem idade limite de idade para a gente aprender?*

Então, lembrei-me da pergunta do Professor Cavalcante Junior, que nessa época estava ensinando no Mestrado da Universidade de Fortaleza. *–Por que não participar do processo seletivo para o Mestrado em Psicologia da UNIFOR?*

Fui dar uma espiada na minha poupança e constatei que o dinheiro guardado para uma emergência era exatamente o valor das vinte e quatro parcelas cobradas pela instituição de ensino. Estava muito inseguro, pois a minha formação era jurídica e a prova de ingresso teria todo um referencial teórico alicerçado na área da Psicologia.

Confuso e inseguro liguei para Recife e, mesmo com todos os problemas que minha irmã Kaina estava passando, consegui com sua ajuda refletir sobre os prós e os contras. Nessa época, eu estava exercendo o papel de Consultor de Campo das Loterias; e, era comum eu trabalhar até aos sábados, pois este era o dia em que normalmente, encontrava os proprietários das Casas Lotéricas nas mesmas. Procurei então negociar uma liberação de duas manhãs na semana para poder frequentar as aulas do Mestrado. Recebi uma negativa por parte da Superintendência. Tentei

contra-argumentar que a empresa não teria qualquer prejuízo, além disso todas as despesas com o mestrado seriam por minha conta. Mesmo assim, não encontrei terreno fértil para qualquer negociação.

Eu teria de renunciar à função de confiança de Consultor de Campo de Loterias para poder cursar o Mestrado e, conseqüentemente teria de sobreviver apenas com o salário base de escriturário. Uma decisão que foi rapidamente tomada ao responder à pergunta de Kaina: *–O que é realmente importante e essencial para você neste momento de vida?*

Fora isso, ainda teria de enfrentar uma prova de proficiência em inglês, além da de conhecimentos específicos; ou seja, os obstáculos se multiplicavam o tempo inteiro. Mas, em alguns momentos da nossa jornada sentimos como que uma verdadeira conspiração do Universo ao nosso favor.

Recebi, casualmente, um telefonema da cidade de San Francisco, EUA, onde morava o meu amigo Marcelo Oliveira, ex-estagiário da Caixa que estava morando em San Rafael. Compartilhei com ele a minha situação e recebi um convite para lá ficar durante 30 dias. *–Amigo, aqui você terá casa, comida e roupa lavada.*

Providencialmente, tinha férias vencidas, encontrei uma escola de imersão chamada *House of England* e usei o cartão de crédito com o maior número de parcelas possíveis para custear as passagens. Para as demais despesas fiz um empréstimo de consignação para comprar os dólares necessários e meti o pé na estrada.

Não é fácil estudar com pessoas de outros países e culturas diferentes, no meu caso: um polonês, um coreano, um japonês, uma francesa e uma alemã. Éramos seis. Foi maravilhosamente complicado. Tinha de estar no ponto do ônibus às cinco da matina para poder chegar no início do horário das aulas, a escola bem britânica, não admitia atrasos. Às vezes, quando presencio um colega no ICA chegando cinquenta minutos atrasado e ficando carrancudo se o professor se atrever a falar qualquer coisa fico pasmo, sinto-me em outro planeta.

Era um período no qual eu estudava pela manhã, à tarde, à noite, de madrugada e até no ônibus no percurso entre San Rafael e San Francisco. E o dinheiro era pesado, medido e contado. Acabei me tornando fã da comida mexicana, pois era a mais em conta.

Neste período, tive a oportunidade de visitar o Instituto de Arte de San Francisco e de assistir a um espetáculo organizado por todos os alunos dos cursos em conjunto; o espetáculo se não me falha a memória denominava-se “Orange”, e

bailarinos, atores, cinegrafistas, fotógrafos, músicos todos eram alunos do instituto. O espetáculo aconteceu no final de tarde no estacionamento do embarcadouro, local onde aportam as barcas de San Francisco. Não sei como conseguiram montar palcos, estrados, torres de iluminação e de sonorização com tamanha rapidez. Fico sonhando com o dia em que o nosso Instituto de Cultura e Arte consiga alcançar uma total integração e possa dispor de condições financeiras para brindar nossa cidade com espetáculos semelhantes.

Um dos pontos marcantes da viagem foi um passeio que ganhei de presente dos meus amigos Andy e Marcelo; um passeio pela região de vinhedos de Sonoma, onde são produzidos os melhores vinhos do mundo. Foi aí que me apaixonei definitivamente por algo que Dona Neuzinha adorava: vinhos e champagnes. Eu sempre fui autorizado a tomar sangria durante os almoços, mas por vinho tinto tornei-me um aficionado a partir dessa época. Foi quando comecei a alardear aos quatro ventos: *–Por favor, no meu aniversário não me deem gravatas pelo amor de Deus; prefiro uma garrafa de vinho.*

Enfim, não vamos encompridar esta narrativa. Em junho participei do processo seletivo e logrei aprovação na Seleção do Mestrado. Em agosto as aulas do Mestrado em Psicologia iniciaram, logo após o meu aniversário, seis de agosto.

Este primeiro semestre não foi um mar de rosas. Descobri que os corporativismos existem, e ainda viveremos muito tempo tendo que procurar caminhos para vencê-los. Eu era o único advogado em uma turma de psicólogos e pedagogos; e para uma grande parte da turma estava ocupando a vaga que deveria ter sido de outrem. Ainda bem que contei com o apoio incondicional de todos os professores que com muita calma e diplomacia foram tornando a minha caminhada de aprendizagem muito positiva e nutritiva.

Eu trazia dentro de mim a vontade de criar um grupo de portadores de HIV e efetuar minha pesquisa utilizando o Método (Con) Texto de Letramentos Múltiplos. Eu já conhecia este método desde a Pós-graduação em Dinâmicas de Grupo nas Escolas e Organizações. Foi quando tive uma decepção com alguns profissionais de prática alternativas com visões do século XIX e que, talvez precisem rever os seus conceitos e valores.

Contrair uma doença como o HIV não é uma punição pelos pecados cometidos, ou pelo fato de ser Gay ou não. Qualquer pessoa pode adoecer. Além disso o sofrimento faz parte da nossa jornada na vida, e não deve ser percebido como

uma expiação de erros, culpas ou pecados. Foram dias e dias batendo em portas e ouvindo as desculpas mais esfarrapadas possíveis. Não encontrei nenhum espaço terapêutico que tivesse algum dos seus salões com disponibilidade. Percebi então que precisava modificar meu objeto de pesquisa e centrei em outro público-alvo que eu acreditava ter acesso mais fácil: os Gestores da Caixa Econômica Federal.

O que, no início pareceu um facilitador, no decorrer do trabalho, apresentou-se como uma verdadeira barreira de corais submersa, imperceptível à primeira vista, mas, que exigia uma navegação cautelosa por parte de qualquer timoneiro.

Nem todas as culturas organizacionais estão abertas às mudanças, e nunca imaginei que encontraria tantos obstáculos e dificultadores. Contudo, no meio de tudo isso, fui agraciado com uma grande dádiva, um orientador, calmo, tranquilo e com um olhar sensível e persistente. Exercer o papel de orientador não é para qualquer um. Além do mais, eu tenho certeza de que não sou uma pessoa muito fácil de lidar; mas, graças a ele e ao seu senso de organização consegui fluir naquelas corredeiras, repletas de quedas d'águas e desfiladeiros sinuosos.

Como minha formação não era na área da Psicologia, ele teve o bom senso de me indicar como assistente de pesquisa um aluno concludente de Psicologia na Unifor; Márcio Gondim⁶³ que se tornou um grande parceiro e amigo.

As dificuldades surgiam inesperadamente, para exemplificar, chegamos ao ponto de receber uma mensagem que transcrevemos na nossa dissertação (2003, p. 45)

Neste momento todos os nossos esforços estarão voltados para o pagamento aos Créditos Complementares, não nos permitindo liberar nossos gestores para outras atividades que não aquelas extremamente indispensáveis para a manutenção de nossos negócios. Certos de que podemos em momento oportuno, conciliar o desenvolvimento de nossos gestores através do seu projeto, com o negócio Caixa, contamos com a sua compreensão e a do seu orientador.

O superintendente da época, polidamente, estava mandando cancelar todo o projeto de pesquisa. No nosso linguajar corriqueiro, “levei um chute na boca do estômago”; mas como teria dito Dona Neuzinha: *–Meu filho, os problemas são desafios para imaginação! Pra tudo tem solução! É só buscar! Até para morte, às vezes a morte é a solução.*

⁶³ Psicólogo e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará.

Consultei as datas dos pagamentos do Créditos Complementares, e, refiz todo o nosso cronograma de encontros com os Gestores, benzi-me e fui em frente. Evitei compartilhar essa decisão até mesmo com o meu orientador, já que decidira que se houvesse alguma consequência mais grave, eu assumiria sozinho as consequências.

Na vida, quando realmente acreditamos em algo, quando temos certeza dos nossos objetivos temos que arriscar tudo. Quando eu acredito em alguma coisa, simplesmente mergulho de cabeça: *“água de morro abaixo, fogo de morro acima e ninguém me segura”*. Eu acreditava, e continuo acreditando até hoje na aplicabilidade do Método (Con)Texto de Letramentos Múltiplos dentro das organizações e ponto final. Todos os gestores que participaram daquele projeto apresentaram grandes saltos nas suas carreiras. Tornaram-se verdadeiros gestores de talentos humanos, e não de recursos humanos, olhando para trás, e para os riscos que corri não tenho o menor arrependimento. Todos os esforços valeram a pena. Faria tudo novamente sem medo.

7.2 Será que os anjos não são do sexo feminino?

Nessa minha pequena longa jornada, tive a felicidade de ser abençoado por almas femininas que me possibilitaram fazer paradas estratégicas, rever novos caminhos e, nas encruzilhadas da vida tomar a decisão mais conveniente. Uma delas presenteou-me com uma metáfora quando eu estava meio desorientado no caminho a seguir ao ingressar no Curso de Belas Artes.

–Aprenda a pensar como um barco, se tiver que navegar em águas rasas, recolha a quilha senão fatalmente você irá encalhar. Mas, se tiver que navegar em águas agitadas com muito vento não esqueça de usar a quilha, ela vai lhe dar a estabilidade para não soçobrar.

(Obrigado Kaina, onde você estiver).

Apesar de ter optado pelas Artes Cênicas, sempre fui bem acolhido pelas meninas das Artes Plásticas. Sempre tive amparo, colaboração e incentivo. Nunca recebi uma crítica destrutiva; as palavras eram sempre de incentivo e apoio; mas, elas não deixavam de me apontar onde deveria melhorar. No Curso de Belas Artes, o espírito de colaboração sempre falou mais alto do que o de competição. Esse clima

que reinava foi algo que me marcou bastante. Passar a tarde inteira entrando pela noite em uma oficina de arte era algo estupendo. Fiquei tão envolvido nas minhas lembranças que acabei colocando o carro na frente dos bois. Este clima faz parte do próximo tópico deste capítulo: Curso de Belas Artes.

7.3 Curso de Belas Artes

Não me recordo da data, mas um belo dia pela manhã recebo uma ligação da minha irmã do coração Hirma Nobrega Praxedes: –*Joãozinho, hoje é o último dia de inscrição para o vestibular de Belas Artes na Universidade de Fortaleza. Olha, ele aborda duas áreas Artes Plásticas e Teatro.*

Este dia foi uma verdadeira loucura, e, fui a última pessoa a fazer a inscrição para o vestibular. O primeiro ano do Curso de Belas Artes foi um verdadeiro caleidoscópio de experiências. Eu estava acostumado com conceitos do tipo: Elementos da Comunicação: Emissor⁶⁴, Mensagem⁶⁵, Código⁶⁶, Meio⁶⁷, Receptor⁶⁸, Contexto⁶⁹, Função⁷⁰.

Na linguagem da arte existiam outros elementos do tipo: o ponto, as linhas e o contorno, o espaço, a cor, a luz, a sombra, a comunicação com o corpo etc. Além disso, eu tive que mergulhar na arte do mundo antigo, na arte da Idade Média, no Renascimento, no Barroco, no neoclassicismo, no expressionismo, no cubismo etc.

Eram novas formas de olhar, perceber e interagir com o mundo através da arte. A maioria dos artistas são visionários. Muitas coisas que são visíveis para nós artistas, para outros a nossa volta passa despercebido. Eu me lembro do tempo em que morava na avenida dom Manuel e o riacho Pajeú ainda corria livremente. E era lá aonde costumava ir ao anoitecer para ver o riacho correr, apreciar o lusco fusco do entardecer, ouvir o coaxar dos sapos. Nem mesmo os mosquitos me incomodavam, aliás nada me perturbava e, para mim o ronronar das águas inquietas era uma sinfonia

⁶⁴ A pessoa que decide comunicar alguma coisa.

⁶⁵ O conteúdo da comunicação.

⁶⁶ O sistema de sinais usado para comunicar

⁶⁷ O elemento que permite a transmissão da mensagem

⁶⁸ A quem se dirige a mensagem

⁶⁹ Onde se realiza a comunicação

⁷⁰ O objetivo de quem emite a mensagem.

inexplicável. O riacho já morreu, no entanto, aquele lugar ainda transborda nos meus sonhos.

Durante o Curso de Belas Artes comecei a me questionar:

Qual o meu caminho nas sendas das artes?

Qual será a minha trilha? Será escrever peças, romances, contos ou criar roteiros de curtas metragens?

Ou será aprofundar o conhecimento e prática na xilogravura?

Figura 26 - Francisco Bandeira - artista



Eu nunca me fixei em rótulos: ele é ator, ele é pintor, ele é dramaturgo, ele é escritor, ele é isto ou aquilo. Aprendi isto com o mestre Baratta, quando você aceita um rótulo você geralmente, fica estagnado.

É algo bem estranho, eu não sou, eu estou. Vou vivendo as experiências pela vida afora; muitas vezes, sinto-me como uma eterna criança com o nariz grudado em uma vitrine, e esta vitrine é o mundo que me cerca.

Quando estou diante de uma tela em branco, tenho uma ideia, mas a ideia, se transforma em algo diferente. É como se o pincel comesse a criar sozinho, buscando algo que não sei o que é. Algumas vezes, o pincel se transforma em pena e preciso de um caderno de folhas em branco, onde a tinta me lembra as águas escuras do velho riacho Pajeú. Simplesmente, não sei explicar, acontece.

Um belo dia, apareceu um cartaz divulgando as inscrições da XV UNIFOR PLÁSTICA⁷¹. Já havia pintado várias telas, cuja ligação somente hoje percebo haver com o que vivi na década de cinquenta, lá na minha infância. Eu não tinha a menor intenção de me inscrever em nenhuma exposição, mesmo tendo sido aconselhado

⁷¹ Mostra de arte criada desde junho de 1973, no mesmo ano que o campus abriu suas portas para o ensino superior

pelo professor Carlos Velásquez⁷²; um belo dia, estava tirando umas dúvidas ao telefone com minha colega de turma Bia Perlingeiro quando ela me questionou:

- *Você já se inscreveu na XV Unifor Plástica?*
- *Claro que não! Você sabe que sou apenas um aprendiz.*
- *Bobagem! O importante é participar, é se envolver, é estar presente de corpo e alma. E isso você já faz normalmente.*
- *Mas Bia...*
- *Não tem mais nem meio mais, você vai fazer sua inscrição hoje mesmo.*

E foi assim que no dia 16 de setembro de 2009, me vi participando da XV UNIFOR PLÁSTICA, (2009, p.20) com dois trabalhos:

Figura 27 - Rebellis 02. (2009, tinta vinílica sobre tela, 105 x 44cm)



⁷² Coordenador do Curso de Belas Artes

Figura 28 - Rebellis 01 (2009, tinta vinílica sobre tela, 103x52cm)



Não, não tirei o primeiro, nem o segundo, nem o terceiro lugares. Simplesmente fui classificado e participei da XV Unifor Plástica. Para mim isso foi algo inesquecível. Participar é algo que é bem mais construtivo, mais forte do que ganhar prêmios ou medalhas, produz em mim uma energia vital. Aquele grupo era de uma solidariedade indescritível. As pessoas que não foram escolhidas criaram um outro local de exposição. E todos celebraram do mesmo jeito.

Figura 29 - Campus da Universidade Caixa



8. DÉCADA DE 2010 - SOLTANDO AS AMARRAS

8.1 2013 – Ano de soltar amarras...

Adoro música popular brasileira. Gosto de Milton, Elis Regina, Caetano, Gal, Vinicius, Toquinho, esse povo todo! Mas algumas são extremamente significativas, como uma música de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, “Cais”, que traduz os meus sentimentos em 2013:

Para quem quer se soltar invento o cais
 Invento mais que a solidão me dá
 Invento lua nova a clarear
 Invento o amor e sei a dor de encontrar
 Eu queria ser feliz
 Invento o mar
 Invento em mim o sonhador
 Para quem quer me seguir eu quero mais
 Tenho o caminho do que sempre quis
 E um saveiro pronto pra partir
 Invento o cais
 E sei a vez de me lançar

Eu não pretendia entrar com o pedido de aposentadoria em 2012, mas, a conjuntura política na área da Educação começou a incomodar. Para continuar, teria de abrir de alguns valores muito fortes. Sempre havia participado de processos seletivos e nunca havia me sentido condicionado a tomar essa ou aquela decisão. Neste momento, senti que, se desejasse continuar, fatalmente entraria em confronto com a chefia imediata ou teria que seguir outra orquestração. Foi um momento de

desapego, acredito que tomei a decisão mais adequada: me aposentar antes do tempo requerido em lei para alcançar a aposentaria plena. Preferi continuar fiel às minhas crenças. Foi então que no dia 28 de fevereiro de 2013, inspirei fundo, soltei as amarras, inventei uma lua nova a clarear, deixei renascer o sonhador e embarquei naquele saveiro pronto para partir.

8.2 Um saudoso fim e um desafiador recomeço

Quando optei pela aposentadoria antecipada, tomei a decisão de levar a frente o Curso de Belas Artes; mas, no ano seguinte, deparei-me com algo imprevisto: o fim do Curso de Belas Artes. Entrei em férias e, quando voltei nosso coordenador Carlos Velázquez⁷³ havia sido substituído por outro. Até hoje não consegui entender quais foram os reais motivos. Apenas, fui informado que não haveria mais vestibular pois não estava havendo retorno, embora as anuidades continuassem com preços estratosféricos. Além da matrícula, eu teria que desembolsar mil e oitocentos reais por mês para cursar uma única disciplina.

Eu não estava mais trabalhando, e todo aposentado é obrigado a constantemente rever suas despesas e fazer malabarismos, a fim de equilibrar as despesas e quitar os boletos. O que fazer? Procurar voltar a trabalhar com Gestão Organizacional? Definitivamente, não. Minha alma ansiava por outros voos.

Novamente, perturbei a minha anja da guarda, Kaina, e ela me fez uma simples pergunta:

–Por que você não faz o Enem?

–Pela hóstia! Eu nunca fiz Enem e não tenho como bancar um cursinho...

–Meu irmão, você não tem nada a perder. Pelo que vejo, não tem alternativa, ou plano B. Olha aqui, você está buscando apenas mais um diploma ou deseja realmente estudar e aprender coisas novas?

...

–Vai à luta, se não passar tudo bem e se passar ótimo! A vida lhe dará mais uma oportunidade!

E foi assim que fui parar no Instituto de Cultura e Arte – Licenciatura em Teatro

⁷³ Coordenador e fundador do Curso de Belas Artes da Universidade de Fortaleza, um estudioso da música e da mitologia

8.3 Instituto de Cultura e Arte: Licenciatura em Teatro

Março de 2015, início das aulas no Curso de Licenciatura em Teatro. Não sei qual das iniciativas foi a mais infeliz: alguém mandar encerrar o palco do Teatro Universitário, ou o desavisado que derramou água no mesmo. Só sei que levei um escorregão e um tombo daqueles logo no primeiro dia, durante o exercício de integração grupal. Resultado, tive que voltar aos inícios dos anos 2000, quando fui obrigado a usar muletas devido a tuberculose óssea nos joelhos adquirida quando trabalhava com revisão de velhos processos no departamento jurídico.

Figura 30 - Em sala de aula em 2015



Apesar do aspecto sorridente da foto acima, as experiências iniciais não foram nada fáceis. Tive o meu primeiro contato com o etarismo logo no primeiro dia de aula que compareci na Avenida Carapinima: *–O que é que este velho aleijado está fazendo aqui?*

Até hoje, não sei definir o que senti. Fiquei anestesiado pela receptividade calorosa do coleguinha. Depois, paulatinamente, fui compreendendo o mundo no qual estava adentrando. Fiquei pensando comigo mesmo: o que eu estava fazendo ali? Não seria melhor jogar a toalha e ir embora? Será que em vidas passadas teria também menosprezado e humilhado alguém mais velho?

Não obstante, logo após senti que uma voz forte e acolhedora ressoou nas minhas costas: *–Olá, como você está?*

E foi assim que conheci uma pessoa que ama profundamente tudo o que abraça: fazer teatro e ministrar aulas. Estou falando do professor Abimaelson Santos Pereira, que gentilmente, me convidou a transgredir e ocupar o meu espaço.

Foi riquíssimo voltar ao personagem social de aprendiz. Aconteceu algo, ao mesmo tempo desafiador e prazeroso, pois mesmo de muletas, não me furtei de participar de nenhum exercício. O fato de ter nessa época sessenta e seis anos não foi impeditivo para mergulhar de cabeça. Claro que sempre escutando o corpo, principalmente o ranger das dobradiças (articulações) e os avisos de falta de hidratação. Um verdadeiro exercício de redescobrimento de corpo e de movimentos. De repente, no movimento quase imperceptível, podemos alcançar grandes significados. Possibilitar ao corpo movimentar-se é algo transformador. A nossa cultura nos modela couraças de rigidez e, à medida em que nos abrimos a novas experiências corporais, vamos gradativamente resgatando nosso potencial de vida.

Paulatinamente, fui esquecendo de colorir os cabelos brancos. Não sentia a menor obrigação de aparentar esta ou aquela idade; minha única regra era cuidar do corpo para ele continuar enfrentando os exercícios sem esquecer os princípios de Rolando Toro: progressividade⁷⁴ e autorregulação⁷⁵.

Tenho quase certeza de que foi na disciplina de “Improvisação” que o meu senso de conexão com o todo foi se recuperando. Fazer arte não é andar no mundo da lua, nem andar sozinho. Fazer arte, é aprender a escutar o barulho da gota de suor escorrendo nas têmporas, o compasso descompassado do coração do outro no abraço, o escutar o personagem pedindo para sair e caminhar por si próprio, e, para isso tem um tempo certo. Não adianta tentar puxar água do fundo do poço sem esperar o balde se chocar com a água e mergulhar em direção ao fundo.

Assim, parei de me cobrar tanto e descobri que tenho possibilidades infinitas dentro das minhas limitações corporais. O corpo é como um instrumento de cordas: a afinação tem uma tensão certa. Se ficar frouxo demais, perde a sonoridade, tenso demais, lesiona a corda. Comecei a me permitir ir além, a criar mais livremente, sem preciosismos, sem pruridos, comecei a ver nos erros novas possibilidades e experiências. E quando o Abimaelson convidava: –*Vamos experimentar assim?* Ou então: –*Ei gente, que tal agora experimentar de outro jeito?* Fui reaprendendo a brincar de novo! O que havia feito com a minha criança livre durante todos esses anos? Os jogos do teatro são bem diferentes das vivências em Biodança, mas, se complementam. Este é um campo no qual ainda irei um dia pesquisar e experimentar.

⁷⁴ Gradação na intensidade das vivências e movimentos.

⁷⁵ Equilíbrio dinâmico do organismo.

Muitas vezes, senti que alguns mestres deveriam ler ou reler Paulo Freire, mas aprendi a guardar para mim as minhas impressões pessoais. O instrutor formador de gestores estava aposentado, o personagem social presente era apenas o aprendiz.

Uma das experiências mais ricas do Curso de Licenciatura em Teatro foi poder compartilhar disciplinas com alunos de outros cursos que fazem parte do Instituto de Cultura e Arte. A troca de percepções, a heterogeneidade grupal em sala de aula foi de uma riqueza ímpar. Entre elas vale salientar: “Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem na Adolescência”, “Estrutura, Política e Gestão Educacional”, “Didática I”, “Oficina de Roteiro Adaptado”, “Literatura, Cultura e Arte”, “Metodologia de pesquisa em arte, filosofia e ciências”, “Iniciação à prática Teatral”, “Voz e Canto”, “Cinema e Pensamento”, “Autobiografia e Educação” e “Educação em Direitos Humanos”.

Conversando com os colegas mais antigos, a opinião da maioria era que as disciplinas descritas como difíceis e complexas eram: “Estágio I, II, III e IV”. Isso gerava dentro de mim uma grande curiosidade. Na verdade, elas foram as grandes provocadoras de novos desafios e aprendizados, uma outra etapa importante da minha vida.

Eu vinha de uma Universidade corporativa, com um corpo de alunos de nível superior, com toda uma estrutura física e financeira e, de repente venho cair de paraquedas no contexto cultural da escola pública nordestina.

Entrei em contato com novos mundos. Por exemplo, eu não imaginava que existisse uma fronteira invisível entre professor contratado e professor concursado. Na primeira escola que fui participar do Estágio, certo dia compareci casualmente todo de roupa branca. Um professor mais antigo me questionou:

–O senhor é do Curso Técnico de Enfermagem?

–Não sou do Teatro, estou assistindo aula de Arte.

–De arte?

A decepção estava estampada no seu rosto. Pouco tempo depois, fui assistir a uma aula dele e, qual não foi a minha decepção ao vê-lo colocar vinte exercícios no quadro branco e categoricamente dizer: *–Dez desses exercícios irão cair na prova.*

Fiquei matutando com os meus botões: será que estamos preparando esses alunos para a vida real, ou um finge que ensina e o outro finge que aprende? Como eles terão condições de participar de um Enem, futuramente?

De outra feita, tive que substituir a professora de Arte que estava com a filha internada em um hospital infantil. Pela ementa eu deveria ministrar um questionário do livro didático no período de aula. Todos anotaram as perguntas do questionário, mas a fonte de pesquisa era apenas o livro oferecido pela escola. Qual não foi a minha surpresa ao constatar que um terço da sala estava com o problema de analfabetismo funcional⁷⁶. O texto do livro didático era simples, e o questionário bastante diretivo. Comecei a mandar imprimir cópias (as minhas expensas) de outros textos relacionados à Arte a fim de motivar a leitura dos alunos. E começamos a fazer leituras compartilhadas.

Apesar disso, tive experiências marcantes neste período também, que eu não poderia deixar de narrar. Encontrei no Instituto de Cultura e Arte uma pessoa muito parecida com a minha musa Maria Roselena de Carvalho Pereira; estou me referindo à Professora Doutora Juliana Rangel de Freitas Pereira.

Estávamos em 2021.1, em plena pandemia, e com o desafio de ministrar aulas *on line*. Logo eu, exímio datilógrafo, mas analfabeto digital.

Eu havia me matriculado em uma disciplina que me atraiu logo pelo nome: “Iniciativas em teatro Educação”. Era algo convidativo fazer algo diferente. Como eu já havia tido a experiência com um grupo de terceira idade no Sesc, a disciplina me convidou a experienciar além, e foi assim que nasceu o “Vamos fazer arte?”

O grupo era pequeno, contudo, extremamente participativo. Passei a vida inteira conduzindo grande grupos, mas, aquelas pessoas se revelaram mais disponíveis e abertas do que a grande maioria dos quais fizeram parte do meu dia a dia durante trinta e quatro anos.

Ana Telma do Monte, Antônio Wilson de Figueiredo, Maria Carmosa Andrade de Freitas, Maria Ozanira Carvalho do Nascimento, Maria Valdenia Fernandes Duarte e Scheylla Santos. Essas pessoas motivaram-me a ousar fazer coisas diferentes.

Por exemplo, tive que aprender a me comunicar sentado em frente a uma câmera estática e impessoal. Eu só podia ver as pessoas através das câmeras dos celulares e isto é muito limitador. Usamos o Google Meet, e, tive a sorte de poder contar com o apoio e conhecimento técnico do amigo Tiago Silva que pacientemente cuidava dos links durante nossas reuniões semanais. A participação dele em todos os

⁷⁶ Incapacidade de uma pessoa de não compreender textos simples.

encontros foi crucial para o sucesso do trabalho. Os encontros foram indescritíveis e repletos de desafios.

Por exemplo, eu planejei conduzir o grupo fazendo os exercícios segmentários da Biodança. Mas como fazer com todos os integrantes sentados? Foram horas de pesquisa, sentado defronte ao espelho do banheiro, adaptando os exercícios criados por Rolando Toro para aquelas condições especiais.

Além dos exercícios de Biodança, e, aproveitando o momento de distanciamento social aproveitei para propor ao grupo dinâmicas de integração e criatividade; como por exemplo solicitamos que cada participante compartilhasse com os demais a imagem do seu cantinho predileto e falasse sobre o mesmo.

Proposta de exercício na Oficina I de “Vamos fazer arte?”:

Nossa intenção primeira era que o grupo se integrasse mais, e conseguimos este intento graças a uma dinâmica de grupo na qual cada um dos integrantes escolheria um nome de planta ou flor que tivesse identificação e compartilharia o seu cantinho predileto durante aquele momento da pandemia.

Meu cantinho predileto – RELATOS

–Esse cantinho com as minhas fotos... Quando estou ali é como se eles me abraçassem! Aqui me sinto perto dos meus!

–Cada cantinho, mesmo dos outros colegas, me toca. O chão da casa do Ipê Amarelo.

–Na janela da minha casa eu converso com Deus, através de orações e meditações. Gosto muito de rezar na minha janela, vejo a luz e a noite. A cadeira perto do meu quarto é onde faço as minhas leituras

–A minha estante, eu sou doida por livros! Eu me sento no chão e vou limpando, arrumando e faço doação também. Estou morrendo de vontade de ver esse cantinho cheio... Com as pessoas, os cafés... Simone de Beauvoir, livro da velhice.

–Eu sou a velhinha das plantas! Minha casa toda tem móveis antigos, da minha sogra, do meu sogro, da minha mãe! Tenho muita coisa antiga, muitas heranças.

–Eu também amo plantas. Tenho cheiro verde, estão vendo as flores? Olha as minhas borboletas! Tem aqui essa parede cor de rosa.

–Muito bonita sua casa, sou louca por coisa antiga.

–Eu adoro coisa velha, tenho uma Frida bordada

–A nossa casa é nossa toca. A casa é concha!

–João, eu estou adorando! Desde manhã estou me preparando para essa live.

–É bom colocar para fora em um grupo que entende e acolhe

Cantinho de Orquídea

–A minha estante, eu sou doida por livros! Eu me sento no chão e vou limpando e arrumando e faço doação também. Estou morrendo de vontade de ver esse cantinho cheio... com as pessoas, os cafés... Simone de Beauvoir, livro da velhice.

Figura 31 - Foto Orquídea 01



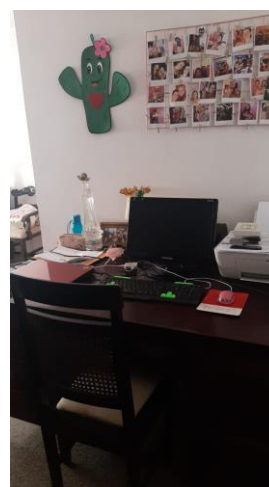
Figura 32 - Foto Orquídea 02



Figura 33 - Cantinho de Flor do Campo



Figura 34 - Cantinho de Gerbera Rosa



Cantinho de Margaridas em flor

–Na janela da minha casa eu converso com Deus, através de orações e meditações. Gosto muito de rezar na minha janela, vejo a luz e a noite. A cadeira perto do meu quarto é onde faço as minhas leituras.

Figura 35 - Foto Margaridas em Flor 1

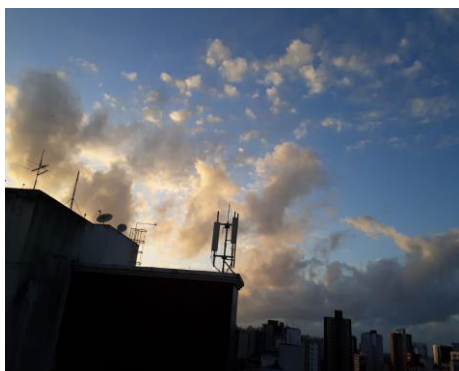
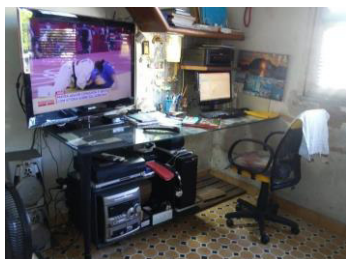


Figura 36 - Foto Margaridas em Flor 2



Cantinho de Ipê Amarelo

Figura 37 - Foto Ipê Amarelo



Cantinho de Rosa Amarela

Figura 38 - Foto Rosa Amarela



As dinâmicas, os exercícios propostos, as atividades como um todo fluíram sem nenhum obstáculo; não tivemos nenhuma dificuldade na implementação de atividades de criatividade e improvisação.

8.4 D.I.A.L.O.G.U.S.

Algumas pessoas podem até considerar atividades que provoquem reflexão como algo supérfluo. Nos meus tempos de instrutoria, os exercícios propostos nesta linha nem sempre eram bem recebidos.

Na Disciplina “Laboratórios de Encenação”,⁷⁷ esta linha de trabalho adotada pelo Professor Doutor Francis Wilker de Carvalho,⁷⁸ foi essencial. Ele iniciou convidando-nos a fazer uma grande viagem às nossas aprendizagens, descobertas, perguntas e desafios. Acredito que, para muitos dos meus colegas aquela atividade tenha talvez tenha sido sem necessidade; mas para mim foi crucial. Ela me possibilitou revisitar lugares remotos da minha existência. E, suas perguntas foram de crucial importância para esta visita:

Existe algum movimento entre o modo como você compreendia a direção teatral no início do percurso e agora?
 Como descreveria a função da direção teatral hoje?
 Quais as suas principais aprendizagens até o momento?
 Que perguntas você carrega sobre a função da direção?
 O que é o seu processo criativo na disciplina?
 De onde partiu? Quais motivações?
 O que tem experimentado no processo?
 Quais descobertas? Quais desafios?
 Qual o papel do texto nos seus processos?
 Com quais referências artísticas e/ou conceituais/literárias/filosóficas você está interessado em dialogar no processo?
 O que a prática tem te mostrado?
 Que diretores você gostaria de ser?
 Como avalia nosso percurso até aqui? O que destacaria?
 Quais os seus conselhos para o professor?

Este trabalho que tinha uma data limite para ser entregue, 22 de dezembro de 2021; foi uma das atividades mais complexas que tive que elaborar em todo o meu curso de graduação. Acredito que essa abordagem de escrever a minha autobiografia agora, neste Trabalho de Conclusão de Curso, tenha sido muito influenciada por esse período.

⁷⁷ Instituto de Cultura e Arte. Curso: Teatro-Licenciatura. Disciplina: Laboratórios de Direção. Atividade de Avaliação Processual. Professor Francis Wilker.

⁷⁸ Professor do Instituto de Cultura e Arte, pesquisador da Encenação no espaço urbano

Sempre fui apaixonado por alguns escritores que geraram controvérsia na sua jornada terrena. Caio Fernando Abreu⁷⁹ (1948/1996) foi um deles. Durante a Disciplina de “Laboratórios de Direção” o texto “Diálogos” novamente me veio às mãos. Senti como que um recado do cosmos. Caio nasceu em 12 de setembro de 1948 e eu 06 de agosto de 1949, um ano depois praticamente. Éramos da mesma geração, *baby boomer*.

A minha ideia original, desde 2019 era realizar uma montagem com três casais, mas, infelizmente até hoje não conseguiu tirar do papel e levar em cena. Mas, quem sabe algum dia vou conseguir produzir e dirigir.

Comecei a me permitir ser atravessado pelas recordações de experiências vividas que se comunicavam com o texto, e, dessas lembranças, emergiram duas cenas cruas e duras. A primeira oriunda de uma sala de Psicodrama e a segunda de uma tarde que compartilhei com um amigo que veio a falecer de AIDS.

Os pesadelos da década de oitenta estavam voltando à tona de forma mais contundente. Os anos 2020, 2021 e 2022 foram avassaladores. Perdemos amigos e familiares pela Covid. Tivemos o grande desafio de preparar uma montagem para ser filmada em vez de ser apresentada em um palco. Além disso, fui compelido a fazer algo que não tenho muita identificação, atuar. Tive que viver o pai castrador, autoritário e violento em uma cena de ruptura e violência já vivenciada anteriormente em uma sala de Psicodrama, e uma outra bem mais delicada e sensível, de um outro, arrependido e acolhedor em um momento de reencontro e afetividade.

Graças ao Professor Francis Wilker, consegui exorcizar estas lembranças durante a montagem de D.I.A.L.O.G.U.S. Principalmente, revivendo um fato gerador ocorrido na década de 80 e que me perseguiu durante anos. Novamente, a arte veio exorcizar os meus pesadelos e me trazer um grande alívio

O fato aconteceu lá atrás, como já foi dito, e, ficou hibernando, mas finalmente eclodiu em forma de arte cênica

Um dia, faltei ao trabalho para passar a tarde com um amigo que morava na Cidade 2000, e foi uma experiência difícil. Ele estava com muita febre e eu só conseguia colocar compressas de toalhas úmidas em sua testa. Ainda consegui levá-lo até ao banheiro para tomar um banho e diminuir a febre. Mas, não consegui abraçá-lo, dar-lhe afeto e carinho. Ninguém conhecia aquela doença que estava dizimando a

⁷⁹ Dramaturgo, jornalista e escritor, um dos expoentes da sua geração.

comunidade LGBT; e infelizmente, o medo da contaminação pelo contato corporal foi muito maior. Não sabia como lidar, somente depois que conversei com o Dr. Raimundo Severo é que minhas dúvidas e temores foram se dissipando gradativamente. Conseguir trazer para a cena algo vivido e sofrido com tamanha intensidade foi uma verdadeira redenção.

Acredito que a atividade proposta pelo professor de “Práticas de Encenação” foi de fundamental importância para execução do trabalho. Entrar em contato com nossas memórias, vivências e experiências é uma constante aprendizagem. Muitas vezes, agimos de forma atabalhoada e destrutiva e não temos como consertar; mas ao olhar para o passado sem culpabilização podemos evitar erros futuros.

Gostaria de tomar a liberdade de compartilhar o texto do amigo Tiago Duarte,⁸⁰ que fez parte da montagem da peça para finalizar esta década:

*Eu só queria um colo
Um colo nunca foi dado
Carinho meus olhos pediram
Carinho me foi fora negado
Esta noite, te peço só mais um favor
Me abraça, levando junto toda dor
Quando a febre passar
Me leve para algum lugar
E não me diga isso
Não me deixe aflito
Será que hoje à noite aquele anjo vem?
Será que amanhã eu poderei dizer: Tá tudo bem?*

Figura 39 - João Câmara e Tiago Duarte



⁸⁰ Ator de D I A L O G U S, um verdadeiro parceiro e amigo que me deu força para ir até o fim.

Figura 40 - Imagem simbolizando a eterna transformação



9. CONCLUSÃO – E agora? O que vamos fazer agora?

Não é apego, mas, não estou sentindo esta minha escrita de Trabalho de Conclusão de Curso como um fechamento. Comecei a reler tudo que escrevi até aqui, e a sensação que me atravessa é muito diferente de um ponto final.

Na minha cabeça, estão borbulhando imagens, lembranças, projetos e ideias. Minha mãe costumava dizer que eu sofria de “formigão no juízo”. Estou ouvindo músicas de Chico, Fagner, Belchior, Caetano, Taiguara, Rita Lee, e até Cat Stevens; estou à cata de uma que se identifique com este meu momento aqui e agora.

Faço uma viagem no tempo e me lembro de Bibi Ferreira no palco participando de “Gota D’Água,” após a morte de Paulo Pontes. Uma reinvenção magistral de uma obra clássica do passado realizada por Chico Buarque e Paulo Pontes.

De repente, me transporto ao Teatro Nacional em Brasília numa noite de sexta feira, assistindo a Henriette Morineau e Diogo Vilela em “Ensina-me a Viver”. Se ao ver o filme foi uma experiência marcante, assistir àquela senhora ao vivo com aquele sotaque francês, contracenando com uma força juvenil impressionante foi uma experiência tatuada eternamente na minha memória.

aprendizagens que tive ao viajar por entre décadas que, como joias preciosas, compõem a riqueza da minha vida.

Tive a oportunidade de reler autores antigos conhecidos como Boff (1999, p.134), e lá encontrei os princípios da sustentabilidade do nosso planeta:

1. Construir uma sociedade sustentável
2. Respeitar e cuidar da comunidade dos seres vivos.
3. Melhorar a qualidade da vida humana
4. Conservar a vitalidade e a diversidade do Planeta Terra.
5. Permanecer nos limites da capacidade de suporte do Planeta Terra.
6. Modificar atitudes e práticas humanas
7. Permitir que as comunidades cuidem de seu próprio meio ambiente
8. Gerar uma estrutura nacional para integrar desenvolvimento e conservação
9. Construir uma aliança global.

Dentre os nove princípios, um deles me chamou atenção de forma mais contundente: modificar atitudes e práticas humanas.

De que maneira poderíamos trabalhar na modificação de atitudes e práticas pessoais em um grupo? Será que a arte não poderia ser a grande força motriz na provocação de novas reflexões e mudanças?

As práticas pessoais não mudam simplesmente pela vontade de um facilitador, visionário ou professor. O homem não é o centro do Universo, a vida é o sentido maior de toda a existência. Precisamos aprender a cultivar a subversão aos projetos totalitários e fascistas.

Somos filhos de Gaia e não seus senhores. E tudo tem início em cada pessoa. Sabemos que entrar em contato consigo mesmo é desafiador, e isso nos causa medo. Para acontecer esta modificação, teríamos que acessar talentos adormecidos pela cultura do poder dominante. Será que não fomos “moldados”, “adestrados” pelo sistema para sermos somente eficientes e eficazes? E desde quando acontece isto? A educação bancária nos modelou assim já afirmava Paulo Freire.

Segundo Ken O'Donnell (1997, p.65) para a grande maioria de nós, o que é chamado de educação é, de fato:

Treinamento ou adestramento. Provavelmente, desde que começamos nossos estudos, aos cinco ou seis anos de idade, passamos por um processo de preparação para viver na sociedade produtiva. A educação para extrair nosso potencial tem sido, em grande parte informal. É em casa, na rua, nos intervalos na escola e no corpo-a-corpo (melhor dito, na alma-a-alma) dos relacionamentos familiares, sociais e profissionais que aprendemos nossos valores e princípios.

Sabemos que as mudanças acontecem a partir da motivação pessoal de cada indivíduo e, para que elas ocorram, se faz necessária a existência de condições próprias. Mudança é processo e, para Santos (2009, p.55), a progressividade é fundamental, devendo cada pessoa respeitar os seus limites.

Agora, percebo-me mais do que nunca como um jovem aprendiz de setenta e três anos, sedento para ficar em volta de uma fogueira, para ouvir histórias dos mais jovens e para construir com eles novas formas de cuidar de gente, de bicho, de pássaro, de planta, de vida.

Provavelmente, por isso não esteja me sentindo concluindo coisa alguma. A sensação que tenho é de apenas estar encerrando mais uma etapa dessa pequena longa jornada chamada vida. Isto implica também em aprender a envelhecer, e muita gente evita entrar em contato com essa realidade: as pessoas fingem que não é com elas e, quando chegam à velhice descobrem que não estão preparadas para envelhecer. E de repente, percebo como uma nova oportunidade e volto a me questionar:

O que fazer com esse tempo de vida que ainda tenho pela frente?

Talvez seja o momento de voltar à epígrafe desta escrita e de trazer para o aqui e agora o pensamento de Robert Frost:

As florestas estão maravilhosamente

Escuras e profundas

Mas, eu tenho promessas a cumprir

E milhas a percorrer antes de dormir

E milhas a percorrer antes de dormir...

Figura 42 - Meu cantinho predileto



REFERÊNCIAS

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **Pra vida toda valer a pena viver: pequeno manual para envelhecer com alegria.** Rio de Janeiro: Sextante, 2021. 160 p.

BERTI, Lisiane. **O ator e sua verdade: a dor como aliada no processo criativo.** Estância Velha Rs: Z Multi Editora, 2022. 208 p.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: ética do humano - compaixão pela terra.** Petrópolis: Vozes, 1999. 198 p.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces.** 18. ed. São Paulo: Cultrix Pensamento, 2014. 414 p. Adail Ubirajara Sobral.

CAVALCANTE JUNIOR, Francisco Silva. **Por uma escola do sujeito. O Método (Con)texto de Letramentos Múltiplos.** Fortaleza, CE. Edições Demócrito Rocha, 2001.150 p.

CHÖDRÖN, Pema. **Fracasse, fracasse de novo, fracasse melhor: a grande arte de fracassar.** São Paulo: Gaia, 2021. 165 p.

COSTA, Marcelo Farias. **Grupo Balaio: do palco para a história.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014. 340 p.

COSTA, Marcelo Farias. **Quem é quem no teatro cearense.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017. 535 p.

CREMA, Roberto. **Análise Transacional centrada na pessoa e mais além**. 2. ed. São Paulo: Agora, 1985. 308 p.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido**. 54. ed. Petrópolis: Vozes, 2021. 184 p.

GADOTTI, Moacir *et al.* **Paulo Freire: uma biobibliografia**. Brasília: Cortez Unesco Instituto Paulo Freire, 1996. 765 p.

JABLONKA, Ivan. **Homens justos: do patriarcado às novas masculinidades**. São Paulo: Todavia, 2021. 427 p. Tradução Julia da Rosa Simões.

MONTAGU, Ashey. **Tocar: o significado humano da pele**. São Paulo: Summus, 1986. 427 p.

MORI, Serge; ROUAN, Georges. **As terapias narrativas**. São Paulo: Loyola, 2018. 110 p.

O'DONNELL, Ken. **As dimensões Emocionais e Espirituais do ser Humano nas organizações**. Salvador: Casa da Qualidade, 1997.

PASSEGGI, Maria da Conceição; VICENTINI, Paula Perin; SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). **Pesquisa (Auto) Biográfica: narrativas de si e formação**. Curitiba Pr: C R V, 2013. 266 p.

PEREIRA, Abimaelson Santos. **Transgressões Estética e Pedagogia do Teatro**. São Luis Ma: Apub Fapema, 2013. 183 p.

RIBAS, Angela. **Biodança: uma porta para a vida**. São Paulo: Gente, 1995. 185 p.

RODRIGUES, João de Arruda Câmara. **O desenvolvimento dos Gestores através do Método (CON) Texto de Letramentos Múltiplos: Promovendo Conexões**. 2003. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2003.